



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria

Os Recursos Cinotécnicos e a sua Necessidade no Exército Português

Autor: Aspirante de Cavalaria Júlio Emanuel Marques Oliveira

**Orientador: Tenente – Coronel de Infantaria (Reserva) António Jorge Santos
Ferreira Pires**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Junho de 2016



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria

Os Recursos Cinotécnicos e a sua Necessidade no Exército Português

Autor: Aspirante de Cavalaria Júlio Emanuel Marques Oliveira

**Orientador: Tenente – Coronel de Infantaria (Reserva) António Jorge Santos
Ferreira Pires**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Junho de 2016

EPÍGRAFE

“What counts is not necessarily the size of the dog in the fight – it’s the size of the fight in
the dog”

(Dwight D. Eisenhower)

DEDICATÓRIA

À minha família pelo apoio prestado, à minha namorada pelo tempo que não lhe dediquei.
A todos os que lutam pelo reconhecimento da cinotecnia no Exército Português!

AGRADECIMENTOS

Após a realização deste trabalho gostaria de expressar o meu sincero agradecimento a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram e tornaram possível a realização deste Trabalho de Investigação Aplicada (TIA).

Ao meu orientador, Tenente-Coronel de Infantaria PQ António Pires pela orientação e pelo empenho que mostrou desde o princípio, tornando possível a concretização do trabalho.

A todos os entrevistados, sem exceção, pelo elucidar da situação atual da cinotécnia no Exército Português e restantes ramos das Forças Armadas e Forças de Segurança bem como um pouco daquilo que internacionalmente se faz.

A todas as outras pessoas que, de maneira direta ou indireta, me encaminharam, através do fornecimento de contactos e comentários ao meu tema, àquilo que de seguida se apresenta.

Ao meu Curso, pelo apoio prestado ao longo dos anos na Academia Militar e por todas as vezes que me ouviram falar de cães.

À minha família, namorada e amigos por todo o apoio, carinho, felicidade e força que sempre me transmitiram.

RESUMO E PALAVRAS-CHAVE

No âmbito do Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, o presente trabalho com o título “Os Recursos Cinotécnicos e a sua necessidade no Exército Português” estuda o emprego operacional atual, fruto das valências cinotécnicas existentes e as tarefas operacionais que podem, pelos referidos recursos, ser apoiadas. O autor considera também as características físicas do cão, as implicações logísticas e financeiras e a doutrina que concorrem para o referido emprego operacional, elencando lacunas existentes que, quando colmatadas poderão concorrer para um emprego operacional eficiente dos recursos cinotécnicos do Exército Português.

Para obtenção de dados foi conduzida análise documental e bibliográfica e efetuados inquéritos por entrevista a comandantes de Batalhão/ Grupo com meios cinotécnicos na sua orgânica ou em apoio aos mesmos, aos comandantes das unidades cinotécnicas do Exército Português e dos restantes ramos das Forças Armadas e Forças de Segurança, ainda a comandantes da Força de Operações Especiais.

O objetivo deste trabalho passa por avaliar de que forma podem os recursos cinotécnicos do Exército Português contribuir para o melhor desempenho das suas unidades operacionais.

Para a consecução do mesmo o autor fez uso do método indutivo onde, com base no emprego operacional junto dos Paraquedistas e da Polícia do Exército, generalizou o que poderia ser profícuo para todas as unidades operacionais do Exército Português, bem como todas as lacunas que devem ser colmatadas para apoio ao mesmo.

No âmbito da doutrina é importante o fornecimento aos comandantes das unidades apoiadas informação sobre as capacidades, limitações e regras de segurança relativos ao emprego dos binómios em apoio a cada tarefa das tipologias de operações, fornecendo informações precisas e detalhadas sobre o que cada tipo de cão consegue fazer, durante quanto tempo e em que condições ambientais pois, mesmo havendo atualmente a PDE 0-20-18, sendo a cinotecnia uma área muito técnica, a falta da referida doutrina pode se transformar numa condicionante ao emprego dos binómios. A referida PDE, atualmente, assume-se como um potenciador do emprego dos recursos cinotécnicos.

No âmbito logístico pode ser pensada uma rede logística própria tendo em conta o emprego operacional e a projeção dos binómios, explicitando desde a forma de aquisição dos cães até ao suporte à sua projeção, contudo deve-se pensar, por outro lado, se o emprego dos binómios em treinos operacionais ou em missões assume um peso significativo na manobra logística global de modo a exigir criação de uma rede própria.

As características naturais do cão são um potenciador da ação e sentimento de segurança, podendo, ainda, ser usadas para colmatar a falta de efetivos.

Quanto ao emprego operacional importa salientar a deteção de explosivos e estupefacientes, os cães de sentinela, binómios de guarda e binómios de exploração (que em simultâneo executam patrulhas de segurança).

Palavras-chave: Unidades Cinotécnicas, Emprego Operacional, Implicações Logísticas, Doutrina, Exército Português

ABSTRACT E KEY-WORDS

In the field of the Final Scientific Report of the Applied Investigation Essay, the present investigation with the title “ The canine units, and its necessity in the Portuguese Army” studies the present operational employment, origination from the canine possibilities existing, and the operational tasks that can be, supported by the referred resources. The author considers as well the physical characteristics of the dog, the logistical and financial gaps existing, that when closed may concur to the effective operational employment of the canine resources in the Portuguese Army.

To attain the data, a documental, and bibliographical analysis was conducted and inquiries by interview were conducted to Battalion/Group commanders with canine units in its organic or in support of them, to the commanders of canine units in the Portuguese Army and f the remaining Armed Forces e Security Services.

The objective of this essay goes through the evaluation of the way that the canine units of the Portuguese Army contribute to the improvement of the performance of its operational units.

To attain the objective, the author makes use of the inductive method where, based on the operational employment of the Airborne and the Military Police, generalized what could be an improvement to the operational units of the Portuguese Army, as well as all the gaps that should be closed so support said Army.

In the field of doctrine it is important the supply to the commanders of the supported units, information about the capacities, limitations and security rules, relative to the employment of canine units in support of each task of the operation type, suppling precise and detailed information about what each dog can do, during how long and on which environmental conditions because, even having the PDE 0-20-18, being the canine employment a very technical area, the lack of the referred doctrine can transform into a restriction to the employment of the canine units. The referred PDE, nowadays, takes hold as a catalyzer of the employment of canine units.

In the logistical scope, a logistical network can be thought of, taking into account the operational employment and the projection of canine units, explaining the method of acquisition of the dogs and the support to its projection, however it should considered, on

the other hand, if the canine unit employment into the operational training or in missions take a significant importance to the global logistical maneuver, in such a way that it demands the creation of a proper network.

The natural characteristics of the dog are a catalyzer of the action and sentiment of security, being able to, be used to solve the lack of effectives.

Regarding the operational employment it is important to point out the explosives and drugs detection, the sentry dogs, canine guard units, and canine exploration units.

Key-Words: Canine Units, Operational Employment, Logistical Scope, Doctrine, Portuguese Army

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO E PALAVRAS-CHAVE	iv
ABSTRACT E KEY-WORDS	vi
ÍNDICE GERAL	viii
ÍNDICE DE QUADROS	x
LISTA DE APÊNDICES	xi
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. SÍNTESE HISTÓRICA	5
1.1. O Cão Militar no Mundo.....	5
1.2. O Cão Militar nas Forças Armadas Portuguesas.....	5
CAPÍTULO 2. CINOTECNIA	7
2.1. Formação / Treino do Cão.....	7
2.2. O Cão Militar.....	10
2.2.1. Cão de Detecção.....	11
2.2.2. Cão de Exploração.....	11
2.2.3. Cão de Guarda.....	12
2.2.4 Enquadrante Doutrinária.....	12
CAPÍTULO 3. TIPOS DE OPERAÇÕES E TAREFAS TÁTICAS ASSOCIADAS	15
3.1. Operações Ofensivas.....	15
3.2. Operações defensivas.....	16
3.3. Operações de Estabilização.....	17
3.4. Operações de Apoio Civil.....	19
CAPÍTULO 4. METODOLOGIA	20
4.1. Método de Abordagem.....	20
4.3. Modelo de Análise.....	21
4.4. Questão de Partida e Questões Derivadas.....	23
CAPÍTULO 5. MÉTODOS E MATERIAIS	24
5.1. Métodos e Técnicas de Recolha de Dados.....	24

5.2. Procedimentos de Amostragem.....	24
5.4. Técnicas de Tratamento e Análise de Dados.....	25
CAPÍTULO 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	27
6.1. Doutrina – Benefícios vs. Condicionamento.....	27
6.3. Necessidades Financeiras e Logísticas.....	30
6.4. Características Naturais do Cão	35
6.5. Emprego Operacional.....	39
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	47
Resposta às Questões De Investigação.....	47
Limitações e Dificuldades Encontradas	52
Propostas Para Investigações Futuras	53
BIBLIOGRAFIA	54
APÊNDICES.....	1

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 - Capacidades e Limitações dos Cães Militares	10
Quadro nº 2 - Caracterização da Amostra	25
Quadro nº 3 - Integração das especialidades cinotécnicas do Exército Português nas Tarefas Primárias das quatro tipologias de operações.....	44
Quadro nº4 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Detecção de Explosivos	II
Quadro nº5 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Detecção de Droga	IV
Quadro nº6 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Exploração	V
Quadro nº7 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Guarda	VI

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Especialidades Ciotécnicas no Exército Português.....	II
Apêndice B - Processo de aquisição no âmbito do Reabastecimento relativos às Classes I, II e VIII	VII
Apêndice C - Tipologia de Operação, Tarefas Primárias e Finalidade	VIII
Apêndice D - Tarefas de Transição e sua Caracterização	X
Apêndice E - Operações de Apoio à Paz – Caracterização e Tarefas	XI
Apêndice F - Guião da Entrevista realizada aos Comandantes de Batalhão/Grupo.....	XIII
Apêndice G - Guião da Entrevista realizada aos Comandantes das unidades ciotécnicas do Exército Português	XVII
Apêndice H - Guião da Entrevista realizada aos Comandantes das unidades ciotécnicas da Força Aérea, Marinha e GNR.....	XXII
Apêndice I - Guião da Entrevista realizada a um Médico Veterinário especialista na temática abordada.....	XXVI
Apêndice J - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD nº1	XXX
Apêndice K - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD nº2	XXXIII
Apêndice L - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD nº3	XXXVII
Apêndice M - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD nº4	XLIII
Apêndice N - Modelo de Análise	XLVI

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AAMA	Aquartelamento da Academia Militar – Amadora
BIPARA	Batalhão de Infantaria Paraquedista
BOAT	Batalhão Operacional AeroTerrestre
CFT	Comando das Forças Terrestres
C-IED	Counter Improvised Explosive Device / Contra - IED
CTCFA	Centro de Treino Cinotécnico da Força Aérea
DoD	Department of Defense / Departamento da Defesa
EMFA	Estado Maior da Força Aérea
FA	Forças Armadas
FOE	Força de Operações Especiais
FS	Forças de Segurança
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnico
GPE	Grupo de Polícia do Exército
GNR	Guarda Nacional Republicana
GREqEOD	Grupo de Equipas de Inativação de Engenheiros Explosivos
HVP	Hospital Veterinário Central
HVT	High Value Target / Alvo de Elevado Valor
IED	Improvised Explosive Device / Engenho Explosivo Improvisado
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
MDN	Ministério da Defesa Nacional
MWD	Military Working dogs / Cães de Emprego Militar
NBQR-E	Nuclear, Biológico, Químico, Radiológico e Explosivos
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
PE	Polícia do Exército
PQ	Paraquedistas
QC	Questão central
QD	Questão Derivada

QPP	Quadro Permanente de Praças
RE	Regimento de Engenharia
RI	Regimento de Infantaria
RL2	Regimento de Lanceiros nº2
RPARA	Regimento de Paraquedistas
SecCãesGuerra	Secção de Cães de Guerra
SOIS	Secção de Operações, Informação e Segurança
Stanag	<i>Standardization Agreement</i>
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TN	Território Nacional
TO	Teatro de Operações
TTP's	Técnicas, Tácticas e Procedimentos

INTRODUÇÃO

O uso do cão em combate é explorado desde que há relatos de combates. Ao longo dos tempos cada vez mais tarefas vieram a ser cumpridas pelos mesmos. No início os cães eram usados na primeira linha em ataque direto ao inimigo, isto pelos gregos e romanos; Na Idade Média e no século XX eram usados desde cães ambulância a cães de guia ou detecção de explosivos, (Allsop, 2011).

Fruto das suas características começaram a ser empenhados em missões de segurança, fixa ou em patrulhas e detecção, e também, fruto da cada vez maior instabilidade provocada pelos conflitos armados e mudanças climáticas, surgem com um novo papel no âmbito da detecção, busca e salvamento (Allsop, 2011).

Atualmente este recurso cumpre múltiplas tarefas nas Forças Armadas de todo o mundo as quais já não prescindem do mesmo. No Exército Português este encontra-se no Regimento de Paraquedistas (RPARA), com a Secção de Cães de Guerra (SecCaesGuerra) com binómios¹ de exploração e cães de sentinela e no Regimento de Lanceiros N.2 (RL2) com binómios de uso da força, binómios de detecção de explosivos, binómios de detecção de estupefacientes e binómios de dupla valência entre uso da força e detecção de explosivos.

Mesmo que estas sejam as funções tidas como necessárias para o Exército Português é necessário equacionar se os cães estão a ser explorados corretamente e se toda a envolvente destes é a que permite uma utilização eficiente dos mesmos. É necessário verificar se a atual aquisição, treino e formação, manutenção e emprego operacional é a melhor ou pode sofrer modificações de modo a alcançar a eficiência no emprego dos referidos recursos.

Na sequência do Relatório Científico Final do TIA, inserido no ciclo de estudos do mestrado integrado na especialidade de Cavalaria o autor debruça-se sobre o tema “Os Recursos Cinotécnicos no Exército Português Como Fator Potenciador de Combate Credível e Útil”. No presente trabalho o autor pretende apresentar as missões e tarefas que os mesmos podem cumprir de modo a exponenciar as missões atribuídas às unidades do Exército Português bem como as características e lacunas das várias formas de aquisição dos recursos cinotécnicos, sua manutenção, treino e emprego operacional.

¹ “Equipa formada por um condutor e um cão militar preparados para trabalhar em conjunto” (Exército Português, 2015b, p. A-1).

A motivação para a escolha do tema deve-se ao facto da capacidade cinotécnica do Exército Português ser uma valência capaz de atuar num vasto leque de operações, com vantagens e desvantagens, tornando-se, assim, pertinente questionar a importância da existência desta capacidade tendo em vista a maior proeficiência do Exército Português.

No âmbito do mestrado integrado na especialidade de Cavalaria este tema apresenta-se como pertinente pois além de questionar a necessidade de uma capacidade do Exército Português com interesse tático, também representa uma possível função a desempenhar pelos oficiais subalternos da arma de cavalaria que exerçam funções na Polícia do Exército (PE).

No presente trabalho o autor apresenta como objetivo geral “Avaliar de que forma podem os recursos cinotécnicos do Exército Português contribuir para o melhor desempenho das suas unidades operacionais tendo em conta a atual diversidade de ambientes operacionais”. Partindo do objetivo geral, o autor chega aos objetivos específicos, que visam “Avaliar de que modo a implementação de Doutrina condiciona/beneficia o emprego das unidades cinotécnicas do Exército Português.”, “Avaliar se as implicações logístico-financeiras decorrentes da formação, manutenção, treino e emprego operacional, dos recursos cinotécnicos são inibidoras da existência desses recursos, no Exército Português” “Compreender de que forma as características naturais do cão, quer por via morfológica, quer por via do carácter, poderão ser aproveitadas em favor das missões atribuídas ao Exército Português”, “Listar as tarefas operacionais, ou outras que poderão ser apoiadas pelos recursos cinotécnicos do Exército Português nos moldes em que existem atualmente”.

O autor, no presente Relatório Científico Final do TIA, formulou como pergunta de partida “Considerando a atual diversidade de ambientes operacionais de que forma podem os recursos cinotécnicos do Exército Português contribuir para o melhor desempenho das suas unidades operacionais?”.

Para responder à questão central e derivadas, como técnicas e métodos serão utilizadas a análise documental e bibliográfica e a realização de inquéritos por entrevista a elementos distribuídos por três grandes grupos, aqueles que possuem meios cinotécnicos na sua orgânica, no Exército Português, ou seja Batalhão Operacional Aero-Terrestre (BOAT) e Grupo de Polícia do Exército (GPE), aqueles que não têm meios orgânicos cinotécnicos, como o Grupo de Equipas de Inativação de Engenheiros Explosivos (GrEqEOD), Força de Operações Especiais (FOE) e Batalhões de Infantaria Paraquedista (BIPARA) e ainda, por último, os restantes ramos das Forças Armadas (FA) e Forças e Serviços de Segurança (FSS), que dispõe de meios cinotécnicos na sua composição.

O primeiro capítulo intitulado “Síntese Histórica” o autor faz uma contextualização histórica, breve, do uso do cão nas FA, primeiro a nível mundial e depois particularizando para o uso nas FA em Portugal.

O segundo capítulo intitulado de “Cinotecnia” debruça-se sobre a formação e treino do cão, apresentando de seguida as características físicas que caracterizam o cão militar e cada uma das tipologias de cães em uso no Exército Português, por último é apresentada a enquadrante doutrinária que regula o emprego operacional dos binómios do Exército Português, segundo a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 0-20-18.

O terceiro capítulo faz referência aos “Tipos de Operações e Tarefas Primárias Associadas”, caracterizando, em cada subcapítulo, uma das quatro tipologias de operações, este capítulo remete para anexo a caracterização das Tarefas de Transição.

O quarto capítulo que se debruça sobre a “Metodologia”, apresenta o Método de Abordagem, o Modelo de Análise e apresenta também a Questão Central (QC) e as Questões Derivadas (QD).

O quinto capítulo referente aos “Métodos e Materiais”, refere os Métodos e Técnicas de recolha de dados, o procedimento de amostragem e a técnica de tratamento e análise de dados.

O sexto capítulo referente aos “Resultados e Discussão de resultados” apresenta, nos seus subcapítulos a resposta às QD, os subcapítulos foram divididos por assuntos, para facilitar a leitura e entendimento, sendo estes a “Doutrina”, “Necessidades Financeiras e Logísticas”, “Características Naturais do Cão” e o “Emprego Operacional”.

Por último, temos as “Conclusões e Recomendações” onde são apresentadas as ideias-chave relativas a cada uma das QD concorrendo assim para a resposta à QC, além disto são apresentadas algumas limitações e dificuldades encontradas e ainda algumas propostas para futuras investigações.

CAPÍTULO 1. SÍNTESE HISTÓRICA

1.1. O Cão Militar no Mundo

As capacidades inatas do cão desde a sua domesticação, há cerca de 10000 a 40000 anos, têm despertado no homem interesse, seja pela companhia, seja para trabalho. No que toca ao trabalho, e dentro deste ao cão militar, vários foram os Exércitos que ao longo da história fizeram uso deste recurso. Os Gregos e os Romanos utilizavam-nos como cães de ataque e muitos outros Exércitos atribuíram-lhes, ao longo da história, funções como estafetas ou transporte de feridos puxando carroças. Com a segunda Guerra Mundial, surgiu, ainda, um maior leque de tarefas a cumprir por estes, tais como sentinela, estafetas e deteção (Krol, 2012).

Fruto de vários estudos percebeu-se que a componente afetiva e emocional associada à presença de um cão junto de veteranos de guerra levaria estes a suportar muito melhor o *stress*, iniciando-se assim o uso de cães em terapia associando esta à multiplicidade de tarefas que podem cumprir (Krol, 2012).

1.2. O Cão Militar nas Forças Armadas Portuguesas

O surgimento nas FA da cinotecnia remonta ao ano de 1958 tendo “a 19 de Dezembro de 1958 chegado a Tancos, provenientes do Aeródromo de Lahr (também na Alemanha sob ocupação Francesa) os primeiros dez canídeos militares” (Lima, Correia e Bragança, 2007, p. 9) sendo que os preparativos para esta recepção começaram em 1956.

O surgimento de Cães Militares na Força Aérea está ligado ao Batalhão de Caçadores Paraquedistas onde surgiram os primeiros cães em Portugal com as missões de guarda e esclarecimento. Foram empregues em Angola com esta mesma missão a partir de 1961, em Moçambique em 1962 e na Guiné em 1963 (Lima et al. 2007). Em 1978 com o surgimento do Corpo de Polícia Aérea foram empregues secções cinotécnicas nas Esquadras de Polícia Aérea, saindo esta valência da exclusividade do Batalhão de Caçadores Paraquedistas, cumprindo missões de segurança. Na atualidade cumprem missões de segurança e deteção (Estado-Maior da Força Aérea [EMFA], s/d).

CAPÍTULO 1 - Síntese Histórica

Na Marinha os Cães Militares surgiram em 1975 associados ao Corpo de Fuzileiros, tendo, ao longo da sua história cumprido sempre missões no âmbito da deteção de droga e explosivos, sendo este, também, o seu emprego atual (Exército, 2009).

No Exército Português, a utilização de cães remonta à década de 60 quando o Capitão de Infantaria Costa Campos, após uma série de formações na África do Sul, instalou em Moçambique (Boane) um “Centro de Instrução de Cães de Guerra e mais tarde viria a formar uma secção cinotécnica no RI 1 (Amadora)” (Exército Português, 2015b, p. 1-2) para apoiar a sua companhia (Exército Português, 2015b). Atualmente, temos os cães em duas unidades distintas, o RPARA e o RL2. Este última tem cães militares na sua orgânica desde 1997 fruto da sua ligação à Guarda Nacional Republicana (GNR). Atualmente executa missões de deteção e guarda (Exército Português, 2015b).

CAPÍTULO 2. CINOTECNIA

2.1. Formação / Treino do Cão²

Compreender o treino do cão exige perceber como se dá a sua aprendizagem e compreender as suas diversas fases da evolução comportamental.

Para Millan e Peltier (2010) o desenvolvimento do cão tem o seu primeiro período entre as 3 e as 6 semanas, o Período da Brincadeira, onde, inserido na ninhada tem contacto com diversos ensinamentos de sua mãe. É nesta fase que o dono vê se o cão vai ser agressivo ou não ou se vai ter problemas de disciplina. O segundo período, o da Socialização, ocorre da 7^a à 12^a semana, é onde o cão aprende a grande maioria das coisas, de forma rápida e resistente à mudança. Da 8^a à 11^a semana temos o Período do Medo que o marca negativamente caso passe por alguma experiência de dor/traumática. Da 12^a à 16^a semana, para Millan e Peltier (2010) temos o terceiro período, o da passagem à maioridade, período de testes, do cão ao dono, para ver quem domina. É o período que deve ser marcado por uma maior intensidade de treinos. Para estes dois autores o quarto período, o da Independência é entre os 4 e os 6 meses, marcado pela vontade do cão mostrar que sabe orientar-se sozinho. O quinto período, o da adolescência, é um período variável tendo em conta a raça sendo que quanto maior for em tamanho, normalmente, mais tarde começa e termina, por norma é definido entre os 5 e os 18 meses. Registam-se modificações hormonais e atração pelo sexo oposto, o treino deve visar o controlo da agressividade. O 2º Período de Medo decorre dos 6 aos 14 meses. O quinto e último período, o Período Adulto, ocorre dos 1 aos 4 anos, onde o cão poderá voltar a ser agressivo e assertivo quando na presença de outros cães, comportamento que deve ser eliminado.

De modo a perceber o treino e as fases do mesmo, primeiro têm-se que falar dos instintos do cão. Os instintos são uma vontade interna que levam o animal a fazer algo. O cão tem nos seus genes instintos originários do lobo que, segundo Watson (2011, p.6) são, entre outros, “a preservação da espécie, proteção do território, caça, relações inter-pessoais, acasalamento, cuidado da descendência, brincadeira, exploração e os cuidados pessoais”.

² Os períodos apresentados apenas expressam aqueles onde deve haver um treino mais intensivo no sentido de fomentar a aprendizagem e o controlo de agressividade do cão.

Por sua vez, Exército Português (2015b) refere que os cães apresentam como instintos primários a sobrevivência que engloba a “segurança, alimento, gregariedade e a propagação do seu fundo genético” (Exército Português, 2015b, p.3-2) além do instinto de caça, presa, sexual, territorial e defesa, como instintos secundários.

Relativamente à memória, há que ter em conta três diferentes tipos. A memória mecânica que, segundo Ferraz (2015) é aquela que já vêm dos seus antepassados e é esta que faz com que, tal como Coren (2005) diz, nem todos os cães sirvam para todas as funções. Há a memória associativa que têm por base as experiências próprias, o treino ou a curiosidade natural dos cães segundo Ferraz (2015). Por último surge a memória afetiva, para Ferraz (2015) esta deriva do processo de socialização. Segundo Coren (2005) este tipo de memória têm influência no treino do cão pois só se o cão aceitar o treinador como figura dominante e com ele estabelecer laços é que o treino orientado pode ser desenvolvido.

Hilliard (2005) mostra-nos que os diferentes condicionamentos podem ser usados em conjunto. Na fase da habituação o cão deve deixar de responder a um determinado estímulo. Tendo por base Pavlov, Hilliard (2003) diz-nos que o condicionamento clássico acenta na associação de um estímulo a uma resposta. Quanto ao condicionamento operante, tendo por base Skinner, Hilliard (2003) afirma que, sempre que se obtém o pretendido do cão pode-se retribuir com uma recompensa positiva ou não aplicar uma recompensa negativa.

Harré (2009), por sua vez, faz referência ao condicionamento de Pavlov ou Clássico como a base do condicionamento operante uma vez que o mesmo apenas associa dois estímulos sem que a resposta leve a uma recompensa. O condicionamento clássico como forma isolada de trabalho foi caindo em desuso pois, para Skinner o estímulo interfere na vontade de um indivíduo levando-o a fazer algo sabendo que dali vai receber uma recompensa, tal como nos diz Ribeiro (2012), chegando assim ao condicionamento operante.

Coren (2006) diz-nos que, inicialmente, a base do estudo do comportamento do cão acenta no que Descartes chama de “cão mecânico”, sem vontade própria, sem adaptação a condições diferentes, não passando de máquinas e não apresentando sentimentos pois isso igualava-os ao Ser Humano. Fruto dos desenvolvimentos da ciência e tecnologia percebemos que o cão define as suas ações com base num processo cerebral, muscular e hormonal, materializando-se na tomada de decisões conscientes perante cada situação, adaptando-se às mesmas, sinal de percepção e vontade própria na hora da realização de cada tarefa.

A PDE 0-20-18 (2015b) refere, a nível dos comportamentos que se pode considerar o comportamento agressivo como uma tentativa de briga, disputa constante ou, também,

autoproteção. Relativamente ao comportamento medroso, os mesmos autores vêem-no como a ansiedade ou a recusa perante alguma situação nova. O comportamento dominante, caracteriza-se por uma tentativa de ser o dono de algo ou ser aquele que no seio de uma matilha assume o poder. O comportamento submissivo visa mostrar que o cão se encontra num patamar inferior da hierarquia, perante outro. A PDE 0-20-18 (2015b) refere que estes comportamentos podem existir no mesmo animal, ao mesmo tempo face a situações distintas. Os tipos de comportamentos mais vinculados num cão vão definir o seu temperamento.

No âmbito da memória mecânica há dois tipos diferentes de comportamento inseridos na componente ambiental/espacial, com influência no comportamento do cão. Para Coren (2006) esta componente caracteriza-se pela capacidade do cão perceber o local exato onde tem que executar determinada tarefa. Para Dagley e Perkins (2005) os dois tipos distintos de comportamento são: o tipo organizativo e o espontâneo. O primeiro caracteriza os cães vocacionados para a deteção de ameaça e proteção da força, com necessidade de trabalho em equipa, ginástica mental constante, e de manter sempre a sua rotina visto que são cães focados em todos os pormenores que os rodeiam. Por sua vez os cães ditos espontâneos, segundo os mesmos dois autores focam-se num determinado pormenor, ignorando todos os outros, sendo cães de deteção de substâncias.

Analisando os instintos, os métodos de treino e todas as ações que devem ser desenvolvidas pelo binómio, vemos que tudo está interligado e que apenas a perfeita compreensão de todos estes parâmetros levam a um treino eficiente do cão. Verifica-se também que mesmo havendo diferentes correntes para o treino e desenvolvimento do cão só uma ação concomitante é que permite evidenciar os pontos fortes e suprimir os pontos fracos apresentados levando assim ao perfeito desenvolvimento do cão.

2.2. O Cão Militar³

O emprego de cães militares pode-se fazer em todo o espectro de operações (Exército Português, 2015b) contudo este tem que obedecer a características específicas sendo que deve “se manter focado, ter um comportamento agressivo, com um grande sentido olfativo e um forte desejo de trabalhar com vista a uma recompensa” (Sypesteyn, 2013). Além destas, segundo Exército Português (2015b, p. 2-1), o cão deve “ser equilibrado, nas diversas características comportamentais, nomeadamente dominância, submissão, agressividade e medo”, além de que se deve conseguir socializar, contudo estes apresentam outras capacidades e limitações explanadas no quadro que a seguir se apresenta.

Quadro nº 1 - Capacidades e Limitações dos Cães Militares

Cães Militares	
Capacidades	Limitações
<ul style="list-style-type: none"> • Audição e olfato muito desenvolvidos; • Agilidade, conseguindo realizar buscas de forma rápida; • Resistência; • Capacidade de uso de força não-letal; • Podem ser treinados novamente para deteção de novas substâncias explosivas; • Emprego como “Stand Off” – à distância de outras forças; • Conseguem operar na maioria de ambientes e climas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Físicas: tal como os soldados sofrem de cansaço e podem sofrer lesões; • Ambientais: podem ser afetados por climas extremos e pelo que os rodeia, tal como animais, pessoas e comida; • Culturais: em certos TO podem não ser aceites pela população; • Emprego: apenas detetam aquilo para que foram treinados; • Transporte: Necessidade de Período de quarentena sempre que chegam a um país • Táticas: Ambientes taticamente exigentes podem afetar/ influenciar suas funções.

Fonte: tradução e adaptação de STANAG 2623 Military Working Dog (MWD) Capabilities

³ O autor apresenta apenas as especializações do cão militar efetivamente em uso no Exército Português por forma a focar o objetivo do trabalho. O autor não considera o cão de sentinela, neste subcapítulo, pois relativamente ao cão de guarda a diferença é que o cão de sentinela atua sozinho, e apenas, na segurança a pontos sensíveis (Exército Português, 2015b). Quanto ao cão de dupla valência, não serão aqui apresentadas as suas características pois o mesmo resulta da ligação entre o Cão de Guarda e o Cão de Deteção aqui apresentados.

2.2.1. Cão de Detecção

De acordo com Exército Português (2015b) este deve ser criado e trabalhado desde cedo no seu processo de desenvolvimento ou ser adquirido entre os 4 e 12 meses. Deve ter um sentido olfativo apurado e interessar-se pelo trabalho. Segundo o mesmo autor o cão de detecção deve ter “comportamento sociável e ativo; instinto de caça muito desenvolvido; desejo recuperador; robustez física e forte intensidade de busca”

Segundo Blom (2013) citando Williams e Johnston (2002), o cão consegue aprender a detetar 10 odores diferentes e a ignorar 13 outros odores contudo, só quando consolidar um odor é que deve ser iniciado em outro (traduzido pelo próprio). Esta capacidade advém de características próprias do cão contudo, podem haver falsas marcações, pois certas substâncias aparecem quer em explosivos quer em material inofensivo (Herstik and Smith, *s/d*). Johnston (1999) e Herstik and Smith (*s/d*) referem que o cão deteta por concentração de vapores e é preciso treino específico para no meio dos inúmeros vapores que há no ar, o cão detete apenas o pretendido.

O cão consegue fazer a divisão entre substâncias complexas e odores, fruto desta capacidade consegue detetar mais do que apenas uma substância. O cão têm a capacidade de seguir o gradiente crescente de concentração do odor.

2.2.2. Cão de Exploração

É treinado para atuar com uma força de modo a detetar, oportunamente, ameaças, sejam elas o inimigo, minas ou armadilhas. Têm a capacidade de distinguir entre a força opositora e as forças amigas sendo que pode, assim, ser aproveitado para perseguir inimigo ou encontrar elementos amigos perdidos, podem ser equipados com tecnologia de ponta de modo a operar em condições de visibilidade reduzida e serem localizados à distância, tal como refere Exército Português (2015b).

Deve ser um cão com vontade de trabalhar e agradar sendo que deve “ser forte mas ao mesmo tempo ágil, feroz mas obediente” (Bilger, 2012, p. 7) além de que consegue ter o dobro da velocidade, ver no escuro melhor que nós, ter uma audição apurada⁴, e um olfato muito superior ao humano, deve também ser capaz de distinguir uma ameaça no meio de uma

⁴ Conseguindo ouvir no mesmo espectro que os seres humanos, mas também em frequências de 2 a 5 vezes superiores, chegando aos 100000 Hz (Beaver, 2009).

multidão inofensiva, contudo tudo isto é inato, só têm que ser trabalhado com vista a um objetivo definido pelos cinotécnicos (Bilger, 2012).

2.2.3. Cão de Guarda

Treinado para operar junto do condutor, noite e dia, usado principalmente como dissuasor para atividades ilícitas, seja ordem pública ou intrusão em unidades. Caso alguma alteração à normalidade seja encontrada o cão pode ser solto para deter a ameaça até à chegada de algum elemento de segurança humano (Exército Português, 2015b).

Deve ser um cão que não abandone seu dono ou área a assegurar motivado por barulhos estranhos, deve ser um cão que não se distrai com o que o rodeia e deve conseguir discernir um elemento amigo de um elemento hostil (Koehler, 2009).

2.2.4 Enquadrante Doutrinária

O emprego dos cães militares encontra-se regulado pelo Stanag 2623⁵ – Military Working Dogs (MWD) capabilities e a PDE 0-20-18 – Emprego de Cães Militares.

O primeiro documento garante a uniformidade na forma de emprego dos binómios, apresenta os níveis de treino e quais os mínimos a cumprir, para os recursos humanos⁶ e para o cão de modo a garantir a prontidão operacional dos binómios de todos os países pertencentes à OTAN, caso seja preciso projetar no âmbito OTAN. Além do referido o Stanag 2623 apresenta a forma de se fazer a manutenção, suporte logístico, sanitário e de material aos binómios. Refere também qual a doutrina que cada país deve elaborar quanto ao treino e emprego operacional no âmbito de missões OTAN.

No que toca ao treino, de acordo com o STANAG 2623 (2014), este divide-se em três níveis. O treino do binómio é da responsabilidade de cada país tendo em conta os mínimos exigidos pela OTAN⁷ para atingir a prontidão operacional. O segundo nível, ou nível

⁵ O referido Stanag apenas se aplica aquando da integração em operações da OTAN; Será com este objetivo que ao longo do trabalho se fará referência ao Stanag 2623. O emprego e tudo que o suporta, em Portugal, das unidades cinotécnicas do Exército Português é enquadrado pela PDE 0-20-18 (2015).

⁶ De acordo com o STANAG 2623 (2014) os mínimos para ser condutor devem ser estabelecidos a nível nacional tendo em conta que deve ser saudável e livre de doenças; ser capaz de transportar no mínimo um cão de 30 kg e ter confiança e facilidade de comunicação para apresentar ao escalão superior as capacidades e limitações dos cães. Deve também ser voluntário, ter uma afinidade natural com os animais, ser confiante e ter auto-motivação.

⁷ Verificar Apêndice A – Especialidades Cinotécnicas no Exército Português.

coletivo corresponde ao treino do binómio com a força a apoiar, de modo a facilitar a familiarização recíproca entre as duas forças. O terceiro nível é o correspondente ao treino de ambientação ou contínuo, com vista a garantir a prontidão operacional, familiarizando o cão com as características do local onde vai operar.

No que concerne à manutenção, tendo por base o STANAG 2623 (2014), o suporte veterinário visa garantir que os cães militares apresentam “boa saúde, não tendo problemas tais como doenças de coração e não apresentam problemas comportamentais” (AMedP-8.4, 2014, p. 2-1). O apoio logístico ao nível dos canis táticos, alimentação, meios de transporte, etc. deve ser pedido pela força apoiada, sob aconselhamento dos elementos cinotécnicos. Têm que se ter em conta que os materiais necessários ao treino têm que estar disponíveis, quer em Território Nacional (TN) quer em Teatro de Operações (TO).

No que concerne ao emprego operacional, de acordo com o STANAG 2623 (2014), várias são as missões que os Cães Militares podem ter, nomeadamente Patrulha e Detecção de Explosivos, Busca de Alta Segurança, Detecção de Explosivos, Detecção de Minas, Detecção de Engenhos Explosivos Improvisados, Detecção de Feridos, Detecção de Droga, Patrulha e Detecção de Droga, Pisteiro, Patrulha, contudo, recorrendo ao Parecer sobre o STANAG 2623 (2014) Portugal possui, no seu Exército, apenas, Cães de Detecção de Explosivos, Cães de Detecção de Droga e Cães de Exploração.

No que concerne à doutrina, de acordo com o STANAG 2623 (2014) há a necessidade de criar doutrina que estabeleça o Conceito de Emprego Específico seguido, a um nível tático, de um Conceito de Uso, para cada país. Devem ser desenvolvidas Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP's) e, ainda, Procedimentos Standard de Operação.

O segundo documento, a PDE 0-20-18 (2015b), faz referência ao emprego dos cães militares existentes no Exército, bem como a aquisição, treino, manutenção, suporte logístico, sanitário e de material aos binómios.

De acordo com esta, os binómios do Exército Português podem cumprir as missões de Exploração, Guarda, Sentinela, Detecção de Explosivos, Detecção de Armamento, Detecção de Minas, Detecção de Estupefacientes, Busca e Salvamento, Demonstração de Capacidades e/ou Cinoterapia.

Relativamente ao emprego operacional a PDE 0-20-18 (2015b) refere que os binómios cinotécnicos devem ser dotados de equipamento e meios de locomoção semelhantes aos da força apoiada. O elemento cinotécnico em apoio de uma determinada força deve ter as valências e formações dessa força, além da formação cinotécnica.

De acordo com a PDE 0-20-18 (2015b) a obtenção de efetivos animais pode ser feita por aquisição, através de uma comissão de remonta. Por reprodução, que visa a otimização das melhores características dos cães das fileiras. Por doação, que cumpre com os mesmos requisitos da aquisição, mas sem o elemento financeiro.

No âmbito do treino, a PDE 0-20-18 (2015b) refere o treino de binómio como sendo o aprimorar de técnicas e ensinamentos com vista ao incremento da proeficiência do binómio no desempenhar das suas funções. Refere também o treino de unidade que visa a adaptabilidade recíproca entre os binómios e a força a apoiar.

Relativamente à manutenção, no que concerne ao apoio médico-veterinário, a PDE 0-20-18 (2015b), refere que este é garantido, a nível nacional pela Clínica de Canídeos, em TO, caso não sejam projetados veterinários este apoio é garantido pelas forças amigas. O apoio logístico⁸ e a garantia de condições para o binómio é da responsabilidade da unidade apoiada em coordenação com o binómio.

⁸ Verificar APÊNDICE B – Processo de Aquisição no âmbito do Reabastecimento relativo às Classes I, II e VIII.

CAPÍTULO 3. TIPOS DE OPERAÇÕES E TAREFAS TÁTICAS ASSOCIADAS

Tendo em conta que o ambiente operacional pode ser definido como o conjunto das “condições, circunstâncias e influências que afetam o emprego de capacidades e pesam nas decisões do comandante” (Department of Defense [DoD], 2010, p. 175) este, atualmente, encontra-se em constante mudança e sobre pressão de diferentes atores. Embora se possa operar em diferentes ambientes contra diferentes ameaças, sejam elas regulares ou irregulares em todos os ambientes operacionais uma força terá de conduzir operações ofensivas, defensivas, de estabilização e possivelmente de apoio civil, com tarefas primárias e finalidades próprias para cada tipo de operação⁹, complementadas por tarefas de transição¹⁰ de modo a que a rapidez do combate e a obtenção atempada de informação não escape ao comandante da força.

3.1. Operações Ofensivas

As operações ofensivas visam

“Conquistar terreno decisivo; obter informações; privar o inimigo de recursos; iludir ou desviar a atenção do inimigo da área de realização do esforço; fixar as forças inimigas; obter a iniciativa; desorganizar a ação ofensiva do inimigo; deslocalizar ou isolar o inimigo; criar condições para a condução de uma operação de estabilização” (Exército Português, 2012, p. 6-1).

Para o cumprimento destas ações há tarefas primárias que têm que ser cumpridas. A marcha para o contacto pretende encontrar ou reencontrar a força inimiga. O contacto inicial deve ser feito com o mínimo possível da força e de modo a garantir o alerta atempado ao grosso da força. Esta deve ser rápida e de forma ininterrupta sendo caracterizada também pela segurança a 360°, pelo esclarecimento da situação e capacidade de resposta ao contacto (Exército Português, 2012).

⁹ Ver quadro síntese no apêndice C – Tipologia de Operações, Tarefas Primárias e Finalidade

¹⁰ Ver quadro explicativo no apêndice D – Tarefas de Transição e sua Caracterização

CAPÍTULO 3 - Tipos de Operações e Tarefas Táticas Associadas

O ataque visa “destruir ou derrotar o inimigo, conquistar e segurar terreno, ou ambas” (Exército Português, 2012, p. 6-4) e, dentro deste, com vista a um fim concreto pode-se socorrer do contra-ataque através de uma força que se encontra na defesa de modo a “reconquistar terreno perdido, isolar ou destruir forças inimigas” (Exército Português, 2012, p. 6-5). O ataque desorganizante visa afetar o ataque do inimigo enquanto este ainda se está a organizar destruindo meios humanos e materiais. O reconhecimento em força visa fazer com que o inimigo dê a conhecer as suas capacidades e vulnerabilidades. O golpe-de-mão visa, por tempo determinado conquistar uma área “a fim de obter informações, confundir o adversário, capturar pessoal ou equipamento ou destruir uma capacidade” (Exército Português, 2012, p. 6-5). Estas ações visam “destruir infraestruturas e instalações importantes, capturar ou libertar prisioneiros ou desorganizar os sistemas de comando e controlo do inimigo” (Exército Português, 2012, p. 6-5). A emboscada visa “destruir forças inimigas, tirando o máximo partido do efeito surpresa, devendo ser empregues fogos diretos e indiretos, minas e meios não letais” (Exército Português, 2012, p. 6-6). A finta visa enganar o inimigo quanto às nossas intenções mantendo sempre o contacto de forma não decisiva. A demonstração visa mostrar ao inimigo as nossas capacidades evitando o empenhamento. (Exército Português, 2012, p. 6-6). A busca e ataque ocorre quando não há informação precisa sobre a localização e efetivo do inimigo sabendo-se apenas que este opera disperso, é uma ação típica da guerra irregular conduzida por forças ligeiras constituídas como força-tarefa. Por último, o cerco e busca visa “o isolamento de uma determinada área e a busca de localizações nessa área com vista a capturar ou destruir quaisquer forças inimigas ou contrabando” (Exército Português, 2015a, p. 2-109), esta ação é executada em escalões inferiores a Batalhão, inclusive (Exército Português, 2015a).

A exploração do sucesso ocorre após um ataque bem-sucedido desorganizando o inimigo em profundidade levando-o ao desgaste e dispersão com vista a este se render ou fugir. Por último a perseguição visa destruir o inimigo, socorrendo-se de uma ulterior exploração do sucesso, através de “forte pressão sobre o inimigo em retirada enquanto forças envolventes lhe cortam os seus itinerários de retirada” (Exército Português, 2015a, p. 2-5).

3.2. Operações defensivas

As operações defensivas visam “derrotar um ataque inimigo, economizar forças e criar condições favoráveis para passar a operações ofensivas ou de estabilização” (Exército Português, 2015a, p. 3-1). Como tarefas defensivas primárias em primeiro ponto surge a

CAPÍTULO 3 - Tipos de Operações e Tarefas Táticas Associadas

defesa de área focada em assegurar terreno em detrimento da destruição do inimigo, através de um desgaste contínuo do mesmo negando-lhe assim a capacidade de manter a posse do terreno (Exército Português, 2015a).

A defesa móvel visa a destruição da força inimiga parando esta num determinado lugar, estabelecido pelo comandante da força defensiva, e lançando contra-ataques e envolvimentos para a destruição da força atacante (Exército Português, 2015a).

No que toca às operações retrógradas estas caracterizam-se pelo movimento para a retaguarda sendo efetuadas com vista a

“Desempenhar a sua força; ganhar tempo sem se empenhar decisivamente; resistir e infligir danos ao inimigo em situações que não favorecem a defesa; colocar o inimigo em situações desfavoráveis e/ou estender as suas LOC; preservar a força e evitar o combate em situações desfavoráveis; reposicionar a força para situações favoráveis; posicionar a força para cumprir outras missões; reorganizar a força; relocalizar a força para facilitar a sustentação; ajustar a manobra defensiva de forma a adquirir vantagem sobre o inimigo; iludir o inimigo quanto ao esquema de manobra” (Exército Português, 2015a, p. 3-117).

3.3. Operações de Estabilização

Este tipo de operações¹¹ visa um aumento da estabilidade em locais marcados pela contínua instabilidade criada por fatores com ação sobre a população que vão desde desastres naturais até ações de atores governamentais e não-governamentais sendo que o que se pretende é dotar um país de estabilidade suportada pelos seus próprios meios (Exército Português, 2012).

A tarefa “estabelecer um ambiente seguro e estável” (Exército Português, 2012, p. 8-13), suportada por várias subtarefas¹² visa a eliminação do inimigo externo e o apoio à segurança interna contra terroristas e outras forças hostis, visa também “combater o crime e ações subversivas, derrotar as ameaças irregulares e limitar os efeitos das ações adversárias” (Exército Português, 2012, p. 8-14).

¹¹ Importa referir, que as Operações de Estabilização comportam a “consolidação da paz; a manutenção de paz; a imposição de paz; a prevenção de conflitos; o restabelecimento de paz e as operações humanitárias” (Exército Português, 2011, p. 1-1), explanadas no Apêndice E – Operações de Apoio à Paz – Caracterização e Tarefas.

¹² “Imposição do fim das hostilidades, acordos de paz e outras disposições; determinação do dispositivo e constituição das forças armadas e dos serviços de informações da HN; conduzir ações de desarmamento, desmobilização e reintegração; controlo e segurança de fronteiras e liberdade de movimentos; apoio ao registo e identificação da população; proteger pessoas e instalações; remoção de explosivos e contação de perigos NBQR” (Exército Português, 2012, p. 8-14).

CAPÍTULO 3 - Tipos de Operações e Tarefas Táticas Associadas

A tarefa “Apoiar o restabelecimento da segurança pública” (Exército Português, 2012, p. 8-14), através de subtarefas¹³, visa garantir a segurança da população focando-se no controlo de grupos ou indivíduos considerados destabilizadores. Esta ação visa dar ao país meios policiais e judiciais que assegurem, de forma independente, a manutenção da lei e ordem.

A tarefa “Apoiar a governação e o desenvolvimento” (Exército Português, 2012, p. 8-16), através de subtarefas¹⁴, foca-se na criação de um ambiente que permita a ação de terceiros na realização de serviços públicos e que garanta a correta administração bem como a segurança do país.

A tarefa “Restabelecer serviços essenciais” (Exército Português, 2012, p. 8-17), através de subtarefas¹⁵, visa garantir as condições mínimas para a sobrevivência da população, no caso das forças militares têm em vista o apoio a organizações especialistas na área tendo por base a garantia de liberdade de movimentos, assegurando, também, as condições de segurança.

A tarefa “Apoiar a recuperação e desenvolvimento de infraestruturas” (Exército Português, 2012, p. 8-18), através de subtarefas¹⁶, visa o desenvolvimento de infraestruturas vitais à qualidade de vida da população, no âmbito dos transportes, comunicações, energia e serviço municipalizados, com base no reconhecimento técnico dessas infra-estruturas.

¹³ “Estabelecer a segurança e ordem públicas; estabelecer um sistema de justiça criminal provisório; apoiar a manutenção da lei e reforma das forças de segurança; apoiar a reforma do sistema de justiça; apoiar a reforma do sistema prisional; apoiar os processos de resolução de disputas de propriedade; apoiar os tribunais para julgamento de crimes de guerra; apoiar programas de reconstrução das comunidades” (Exército Português, 2012, p. 8-14).

¹⁴ “Apoiar administrações transitórias; apoiar o desenvolvimento da governação local; apoiar iniciativas anticorrupção; apoiar os atos eleitorais; apoiar a recuperação da economia e a criação de empresas; apoiar as instituições monetárias e os respetivos programas; apoiar as operações do Tesouro da HN; apoiar os programas de investimento do setor público; apoiar o desenvolvimento do setor privado” (Exército Português, 2012, p. 8-17).

¹⁵ “Garantir serviços essenciais à população; apoiar os deslocados civis; apoiar programas de ajuda alimentar e de prevenção da fome; apoiar programas de ajuda não alimentar; apoiar a desminagem humanitária; apoiar iniciativas no âmbito dos direitos humanos; apoiar programas no âmbito da saúde pública; apoiar programas no âmbito da educação” (Exército Português, 2012, p. 8-18)

¹⁶ “Proteger os recursos naturais e o ambiente; apoiar os programas de desenvolvimento agrícola; recuperar as infraestruturas de transporte; recuperar as infraestruturas de comunicações; apoiar os programas de reconstrução de infraestruturas” (Exército Português, 2012, p. 8-19).

3.4. Operações de Apoio Civil

As operações de apoio civil são em determinados aspetos similares às operações de estabilização, pois as FA colocam-se ao serviço do bem-estar da população. Nas operações de apoio civil, contudo, as FS estão instaurados encabeçando as operações sendo o Exército um elemento de apoio.

A tarefa “apoio na prevenção e resposta a acidentes graves ou catástrofes” (Exército Português, 2012, p. 9-7), visa apoiar as autoridades civis até às mesmas terem capacidade de suportar as suas funções¹⁷ sem apoio dos militares.

A tarefa “apoio na satisfação das necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida das populações” (Exército Português, 2012, p. 9-7), visa o apoio à satisfação das necessidades básicas das populações, nomeadamente na abertura de acessos a locais isolados e ainda a conservação de património natural e arquitetónico ao encargo do exército.

A tarefa “apoio na resposta a acidentes graves/incidentes NBQR-E” visa não só a ação na determinação da origem e eliminação de uma fonte NBQR-E mas também, se assim for preciso, no “apoio ao restabelecimento da lei e ordem em ambiente operacional contaminado” (Exército Português, 2012, p. 9-8).

A tarefa “apoio a autoridades civis e FS no restabelecimento ou na manutenção da lei e ordem” caracteriza-se pelo emprego do Exército em apoio, que pode ser direto¹⁸ ou indireto¹⁹ às FSS cientes da legislação que regula o apoio neste âmbito específico.

No âmbito de “outros apoios específicos” (Exército Português, 2012, p. 9-9) o Exército visa suprimir lacunas existentes nas FS face ao número de empenhamentos necessários a um evento.

¹⁷ Em “vários campos de atividade (exemplos: busca e resgate, saúde, infraestruturas e inativação de explosivos), com pessoal especializado; disponibilização de pessoal, equipamentos, instalações e de apoio logístico, quer para as operações, quer para a população afetada; trabalho indiferenciado com pessoal não especializado” (Exército Português, 2012, p. 9-7)

¹⁸ O Exército, neste tipo de apoio, têm autorização para efetuar “buscas e revistas, apreensões, interdição temporária de acessos, remoção de obstáculos em locais públicos, entre outros” (Exército Português, 2012, p. 9-9)

¹⁹ O apoio indireto é prestado através de meios humanos ou materiais mas não podem exercer diretamente ações no âmbito apresentado, (Exército Português, 2012).

CAPÍTULO 4. METODOLOGIA

Chegar à metodologia exige perceber o conceito de investigação e esta, segundo Quivy e Campenhoudt (1998, p. 31) “é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica”.

4.1. Método de Abordagem

Para Lakatos e Marconi (2003, p. 83) “método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

A realização deste TIA pode ser enquadrada num tipo de abordagem qualitativa.

A abordagem qualitativa quanto à recolha de informação, diz que “não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise” (Dalfovo et al., 2008, p. 9). “O pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes têm da situação sobre estudo” (Dalfovo et al., 2008, p. 11). e que “os estudos apresentam-se de forma descritiva, com enfoque na compreensão à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências” (Dalfovo et al., 2008, p. 11).

Quanto ao método de abordagem o autor recorre ao método indutivo que visa “levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se baseia” (Lakatos e Marconi, 2003, p. 86), recorrendo a uma indução incompleta ou científica que acenta “na causa ou na lei que rege o fenómeno ou fato, constatada em um número significativo de casos (um ou mais) mas não em todos” (Lakatos e Marconi, 2003, p. 89).

A operacionalização do método de abordagem será feita com a realização de inquéritos por entrevista que irão complementar, negar, confirmar ou salientar o obtido na recolha e análise documental e bibliográfica, e vice-versa, o conjunto disto dá resposta ao presente trabalho referindo o que deve ser exponenciado ou mitigado em cada categoria e subcategoria apresentada no modelo de análise, tendo por base os recursos cinotécnicos do

RPARA e da PE extrapolando as conclusões obtidas para todas as unidades operacionais do Exército Português.

4.3. Modelo de Análise²⁰

Fruto da especificidade da temática e das múltiplas categorias abordadas o autor elaborou o modelo de análise com base nas categorias apresentadas quer na QC quer nas QD, reforçadas pelas categorias que são apresentadas nos manuais doutrinários sobre as temáticas abordadas. O autor, como título, apresenta “Os Recursos Cinotécnicos e a sua necessidade no Exército Português”, sentindo necessidade, para responder ao mesmo, de estudar a Doutrina²¹, as Necessidades Financeiras e Logísticas, as Características Naturais do Cão e o seu Emprego Operacional.

No que toca à Doutrina, o autor sentiu a necessidade de analisar a mesma aos três níveis²² estabelecidos pelo Exército Português. Foi feita uma análise documental e bibliográfica, apresentada no subcapítulo 2.2.4. Enquadrante Doutrinária, onde foi levantado o estabelecido na Doutrina OTAN e na Doutrina do Exército Português, contudo, o autor sentiu a necessidade de confirmar a mesma e apresentar lacunas na Doutrina do Exército Português, servindo-se para isso das entrevistas realizadas, as quais tem os resultados expressos no capítulo 6. Resultados e Discussão de Resultados, no subcapítulo 6.2. Doutrina – Benefícios vs Condicionamento.

Quanto às Necessidades Financeiras e Logísticas o autor apresenta as mesmas, com base na análise documental e bibliográfica, no subcapítulo 2.2.4. Enquadrante Doutrinária, onde refere o que é importante garantir em apoio aos binómios. De modo a verificar o que existe, na prática no Exército Português e levantar as lacunas que devem ser colmatadas o

²⁰ Consultar Apêndice N – Modelo de Análise, onde se encontra apresentada uma abordagem esquemática do subcapítulo referido, com foco nas categorias usadas;

²¹ “Conjunto de princípios e regras que visam orientar as acções das forças e elementos militares, no cumprimento da missão operacional do Exército, na prossecução dos objetivos nacionais. Têm carácter imperativo mas exigem julgamento na aplicação” (Exército Português, 2008, p. 1-2).

²² De acordo com a PAD 320-01 “Publicações do Exército” de 2008 os três níveis de doutrina são: Nível 1 – doutrina conceptual, que transmite “uma perspectiva alargada do âmbito operacional do Exército, designadamente ao nível conceptual, integrando entre outros aspectos, definições e princípios a seguir” (Exército Português, 2008, p. 2-3); Nível 2 – doutrina executiva ou operativa do Exército, que deriva da doutrina nível 1 detalhando sua aplicação caracterizando “a tipologia das operações, as funções de combate e a aplicação dos conceitos no Exército Português; descrevem as táticas, as técnicas e os procedimentos” (Exército Português, 2008, p. 2-3), destinados ao Exército como um todo ou à sua grande maioria; Nível 3 – doutrina executiva ou operativa dos escalões operacionais, sendo publicações mais pormenorizadas aplicadas aos escalões inferiores a Exército (Exército Português, 2008).

autor recorreu às entrevistas para saber as necessidades reais existentes, sendo que para isso, fez a divisão desta categoria em classe I – Víveres, Classe II – Equipamento Individual do Cão e Classe VIII – Material Sanitário, sendo que todas estas categorias foram abordadas tendo em conta as necessidades do treino²³, formação²⁴, manutenção²⁵ e emprego operacional. Ainda dentro do treino este foi abordado para o homem, o cão e o binómio; a formação só para o homem; a manutenção foi abordada para o binómio; o emprego operacional foi abordado para o binómio, sendo isto apresentado no subcapítulo 6.3. Necessidades Financeiras e Logísticas.

Quanto às Características Naturais do Cão o autor dividiu a sua apresentação em características morfológicas e de carácter, sendo que na primeira adotou as características da velocidade, olfacto, visão, audição e adaptação ao meio ambiente, sendo as mesmas apresentadas nos subcapítulos 2.2.1. ao 2.2.3. inclusive, e abordadas por Lindsay (2000); quanto ao carácter, o autor adotou o efeito do *stress*, a agressividade ou não, a ligação ao dono e os instintos, sendo isto apresentado no subcapítulo 2.1. Formação/ Treino do Cão e abordadas por Helton (2009). Além disto o autor sentiu necessidade de abordar esta temática nas entrevistas realizadas de modo a perceber quais as características que os comandantes mais sentiam necessidade de existir nos cães que tem ao seu dispor, sendo as mesmas apresentadas no subcapítulo 6.4. Características Naturais do Cão.

Por último e o foco principal do trabalho temos o Emprego Operacional dos binómios, o qual, para melhor entendimento, o autor analisou segundo a Tipologia de Operações e as tarefas de Transição que regem a atuação do Exército Português e as tarefas Atribuídas às Especialidades Cinotécnicas do Exército Português. A Tipologia de Operações, por sua vez, foi dividida em Operações Ofensivas, Operações Defensivas, Operações de Estabilização e Operações de Apoio Civil, sendo a explicação e as tarefas associadas apresentadas nos capítulos 3.1. ao 3.4., respetivamente. As tarefas de transição, por sua vez, são as que se encontram expressas no apêndice D – Tarefas de Transição e sua Caracterização. As Tarefas Atribuídas às Especialidades Cinotécnicas são aquelas inerentes

²³ “Conjunto de ações que através da prática sistemática e planeada, de carácter individual ou em grupo, permite aperfeiçoar e/ou manter as capacidades/saberes/aptidões obtidas através da educação e formação” (Exército Português, 2015b, p. A-3).

²⁴ “Processo educativo que visa preparar o militar (elemento humano) para o desempenho de tarefas no âmbito da cinotécnica” (Exército Português, 2015b, p. A-2).

²⁵ É o “processo que visa garantir a continuidade dos efetivos para que as unidades cinotécnicas mantenham a capacidade de atuação” (Exército Português, 2015b, p. A-3), entenda-se aquisição de animais, renovação de Recursos Humanos e estruturas onde os cães e os humanos são alojados e fazem seu treino.

à Detecção de Droga, Detecção de Explosivos, Exploração, Guarda e Sentinela, que além do exposto no subcapítulo 2.2.4. Enquadrante Doutrinária são apresentadas no Apêndice A. Além das informações obtidas pela análise documental e bibliográfica o autor sentiu necessidade de abordar a questão nas entrevistas de modo a perceber quais as missões que são importantes para os comandantes nos moldes atuais e quais aquelas que se podem pensar, tendo em conta a atuação do Exército Português.

4.4. Questão de Partida e Questões Derivadas

Para a consecução do presente TIA o autor como QC têm: “Considerando a atual diversidade de ambientes operacionais de que forma podem os recursos cinotécnicos do Exército Português contribuir para o melhor desempenho das suas unidades operacionais?”, derivando desta, temos as QD: “De que modo a implementação de Doutrina condiciona/beneficia o emprego das unidades cinotécnicas do Exército Português?”, “Serão as implicações logístico-financeiras decorrentes da formação, manutenção, treino e emprego operacional, dos recursos cinotécnicos inibidoras da existência desses recursos, no Exército Português?”, “De que forma as características naturais do cão, quer por via morfológica, quer por via do carácter, poderão ser aproveitadas em favor das missões atribuídas ao Exército Português?” e “Que tarefas operacionais, ou outras, poderão ser apoiadas pelos recursos cinotécnicos do Exército Português nos moldes em que existem atualmente?”.

CAPÍTULO 5. MÉTODOS E MATERIAIS

5.1. Métodos e Técnicas de Recolha de Dados

Quanto ao nível de profundidade de obteção de dados a que se coloca a QC, no presente TIA, têm-se que ter em conta que

“Quando existem poucos conhecimentos sobre um fenómeno, como no estudo exploratório-descritivo (nível I), o investigador visa acumular a maior quantidade de informações possíveis, a fim de abarcar os diversos aspectos do fenómeno. São utilizados a este nível as observações, as entrevistas semi-estruturadas, o material de registo, etc.” (Fortin, 1999, p. 240).

O autor faz uso da entrevista semi-estruturada que, segundo Manzini (1990/1991, p. 154), “está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Além do referido por Manzini (1990/1991), o autor faz também uso da pesquisa documental “que é a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (Lakatos & Marconi, 2003, p. 174), recorrendo a documentos oficiais que “constituem geralmente a fonte mais fidedigna de dados” (Lakatos & Marconi, 2003, p. 178) contudo na recolha de dados o autor “deve não só selecionar o que lhe interessa, como também interpretar e comparar o material, para torná-lo utilizável” (Lakatos & Marconi, 2003, p. 178). Há também o recurso à pesquisa bibliográfica que abarca a totalidade de documentos de consulta pública sobre determinado tema (Lakatos e Marconi, 2003).

5.2. Procedimentos de Amostragem

Antes de mais importa referir que população é o grupo de elementos (indivíduos, pessoas, grupos, objetos, etc.) sobre o qual um estudo se debruça.

Após a definição de população, surge a necessidade de definir amostra que segundo IESM (2014, p. 54) é “um conjunto de elementos de uma dada população que reúnem as características identificadoras desse grupo mais alargado”. Com isto, o autor decidiu, inserido nos métodos não probabilísticos, utilizar a amostragem por seleção racional, onde, segundo Freixo (2011) a seleção de indivíduos é feita com base nas suas características e consequente correspondência para com os objetivos do estudo. No âmbito deste trabalho a

amostra foi selecionada com base no conhecimento Técnico, Tático e Procedimental quanto à cinotécnica no Exército Português. O quadro seguinte apresenta esses mesmos indivíduos.

Quadro nº 2 - Caracterização da Amostra

Nome	Posto	Função Objeto de estudo	Função Atual
Carlos Siborro Reis	Coronel	Comandante GPE	2º Comandante das Forças Terrestres
José Crespo	Tenente-Coronel	Comandante GPE	2º Comandante RL2
Nuno Alves de Sousa	Tenente-Coronel	Comandante GPE	Chefe da SOIS do RL2
Jorge Henriques	Tenente-Coronel	Comandante GPE	Comandante GPE
Paulo Pereira	Tenente-Coronel	Comandante BOAT	Comandante BOAT
Paulo Abreu	Tenente-Coronel	Comandante 1BIPARA	2º Comandante RI15
Francisco Sousa	Tenente-Coronel	Comandante 2BIPARA	Comandante 2BIPARA
Paulo Cordeiro	Tenente-Coronel	Comandante 2BIPARA	2º Comandante AAMA
Alexandre Bragança	1º Sargento	Comandante SecCaesGuerra	Comandante SecCaesGuerra
Cristina Borralho	Tenente	Comandante Módulo Cinotécnico PE	Comandante Pelotão de Apoio/ Módulo Cinotécnico PE
Marco Costa Pinto	Tenente Coronel	Comandante Grupo Intervenção Cinotécnico – GNR	Comandante Grupo Intervenção Cinotécnico – GNR
Sérgio Sousa da Ponte	1º Sargento	Comandante Seção de Cinotécnica dos Fuzileiros	Comandante Seção de Cinotécnica dos Fuzileiros
Eduardo Gonçalves	Tenente	Comandante CTCFA	Comandante CTCFA
José Basto	Capitão	Comandante do GrEqEOD	Comandante do GrEqEOD
Nuno Paixão	-	Consultor do departamento de defesa dos EUA e da ONU para o emprego de cães militares	Diretor clínico do HVP
Soeiro	Tenente-Coronel	Comandante da FOE	Comandante da FOE

Fonte: Elaboração Própria

5.4. Técnicas de Tratamento e Análise de Dados

No presente trabalho o autor adotou uma abordagem qualitativa que acarreta técnicas de tratamento e análise de dados próprias, para isto o autor seguiu a metodologia proposta por Poirier, et al. (1983) citado por IESM (2014). Este apresenta um processo com cinco etapas.

Na primeira o investigador “terá que transcrever as entrevistas realizadas, procurando que essa transcrição seja integral e fiel ao que foi transmitido pelo entrevistado.”

A segunda etapa é referente à leitura e anotação das entrevistas. É de referir que, como estamos perante uma abordagem indutiva, novos assuntos apresentados pelos entrevistados também devem ser referidos.

A terceira etapa remete para a construção de quadros-síntese, onde apenas aparecem as ideias-chave.

É na quarta etapa que se começa a analisar informação, através de uma análise descritiva, apresentando as variáveis e o que cada entrevistado refere relativamente a cada uma delas.

A quinta etapa remete para uma análise interpretativa onde o autor procura justificações para o sucedido sendo “permitido ao investigador conceber novos conceitos e apresentar preposições teóricas, potencialmente explicativas do fenómeno em análise” (IESM, 2014, p. 116).

CAPÍTULO 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

6.1. Doutrina²⁶ – Benefícios vs. Condicionamento

Pela análise das respostas dadas pelos diferentes entrevistados o autor pode referir que, de um modo geral, todos têm uma opinião unânime quanto à necessidade de criação de doutrina aos diferentes níveis. Mais do que a PDE 0-20-18 (2015b), a opinião partilhada por muitos dos entrevistados é que devem ser elaboradas publicações que apresentem e caracterizem, ao pormenor, a forma de aplicação de cada cão no cumprimento de cada tarefa, ou seja, o que o binómio pode efetivamente fazer em cada área de atuação, tal como dizem os entrevistados E1, E4, E8, E9, E14, E15.

Além do referido é importante a criação de doutrina que regule os cursos e formação dadas, mesmo que isto só tenha sido referido por um dos entrevistados, é importante perceber de que forma a OTAN e outras organizações internacionais pensam a cinotecnia e quais os mínimos para se ser condutor e os critérios a ter em conta para o emprego dos binómios nos diferentes tipos de tarefas, de modo a que o Exército Português se encontre em consonância e pronto a projetar, se necessário.

Esta doutrina, tal como referido por E2, E4, E9 e E11 deve obedecer a um ciclo que por um lado escuta quem está no terreno e aplica taticamente os binómios, e por outro olha às exigências das Organizações Internacionais das quais o Exército Português faz parte de modo a que, no âmbito do treino, apoio logístico e emprego operacional seja facilitado o enquadramento da cinotécnica do Exército Português no âmbito das missões internacionais.

Ainda neste âmbito deve ser considerada a interação entre o Exército Português e outras organizações com meios cinotécnicos para partilha de experiências e modos de atuação, tal como nos diz E4 e E12, vertendo isso na forma de atuar da força e depois, se se verificar a exequibilidade desses modos de atuação, verter os mesmos em doutrina.

²⁶ O autor salienta que os recursos cinotécnicos, mesmo sendo empregues em prol de uma força de escalão pelotão ou mesmo seção, ou ainda, em alguns casos possa trabalhar de forma independente, quem pensa o seu emprego é o comandante de Batalhão, assim, o referido neste subcapítulo concorre para os níveis da doutrina do Exército Português apresentados no subcapítulo 4.3. Modelo de Análise.

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

Esta doutrina deve observar um escalonamento começando por um refinar de TTP's tal como nos referem os entrevistados E8 e E13, o mesmo E8 que defende que este refinar visa uma integração profícua da cinotécnia na forma de atuar das unidades táticas.

Esta doutrina, aos diferentes níveis, deve conter as capacidades, limitações e procedimentos de segurança, para com o cão, da força em prol da qual opera, visto que neste âmbito não há nada feito, sendo o mesmo referido por E5, E7, E9 e E15.

No âmbito da avaliação/certificação de binómios os entrevistados E9 e E10 referem que é importante a existência de documentação que regule a mesma, embora seja referido por uma minoria é de ter em conta este ponto visto que os entrevistados referidos são os comandantes das unidades cinotécnicas do Exército Português, o que lhes permite uma análise exata das suas necessidades.

Os entrevistados E6 e E14 afirmam que as forças apoiadas devem pensar como introduzir a cinotécnia, ao mesmo tempo que a cinotécnia deve ver quais as necessidades das forças apoiadas, balizando o seu treino e emprego para culmar essas necessidades ou incrementar as várias potencialidades da mesma. Esta última questão consegue-se criando elementos doutrinários aos vários níveis, todos eles focados nas unidades cinotécnicas, ou então através da integração de pequenos subcapítulos que, integrados numa determinada PDE sobre uma temática específica, explicam como podem os meios cinotécnicos serem aproveitados em favor do exponenciar dessa mesma temática.

Além da referida doutrina, acima apresentada como necessária, surge como necessidade a criação de um escalonamento de uso da força do cão, algo que foi referido apenas por E11 e E15 mas que é preciso ter em conta fruto da experiência, no âmbito policial de E11 e no âmbito da ligação a forças internacionais, nomeadamente Special Forces Norte-Americanas, entre outras, de E15.

Embora a existência desta doutrina seja necessária, tendo isto sido defendido pela totalidade dos entrevistados, é necessário que se olhe para a mesma com a flexibilidade necessária a facilitar e agilizar o emprego destes meios, tal como nos refere E6. Na mesma linha de pensamentos E9 refere que esta doutrina pode trazer problemas pois pode ser exigido que todos os binómios consigam cumprir a totalidade das tarefas apresentadas, algo que pode não acontecer, fruto dos diferentes níveis de formação do cão. Para culmar tal questão, mesmo havendo toda esta doutrina, que se assume como necessária, é sempre pertinente o contacto com a unidade cinotécnica de modo a que se perceba quais os cães que

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

cumprem as tarefas necessárias e, caso não existam, quais os que se encontram num nível mais próximo ao necessário, tal como nos diz E9.

Pela análise das respostas apresentadas consegue-se observar uma similitude entre as necessidades daí extraídas e o que está estipulado no Stanag 2623 – Military Working Dogs (MWD) Capabilities, explanado no subcapítulo 2.2.4. Enquadrante doutrinária.

O segundo documento doutrinário apresentado no subcapítulo 2.2.4. é a PDE 0-20-18 que enquadra este recurso ao nível institucional, não apresentando nada ao nível tático. A falta de documentação no nível tático é uma falha que vai ao encontro do apresentado pelos entrevistados e que deve ser colmatada pelos documentos doutrinários com as características apresentadas pelos mesmos.

Não obstante da importância dos restantes, o autor, após analisar a PDE 4-46-00 Sistema Logístico do Exército releva que o mesmo apenas estipula o apoio logístico em tempo de paz, sendo necessário colmatar esta falha com publicações no âmbito da projeção de forças ou mesmo em exercícios táticos, nomeadamente em tropas com especificidade própria, como é o caso dos paraquedistas.

A criação de doutrina no âmbito do emprego operacional e suporte do mesmo, no entender do autor, apresenta as lacunas referidas pelos entrevistados e pelas publicações OTAN, quer em território nacional quer numa força projetada com base em dois pontos gerais. O primeiro consiste, na integração numa força multinacional da força projetada, podendo a mesma ser aproveitada seguindo-se assim os elementos doutrinários da mesma, o segundo reside no facto de nos últimos tempos as unidades cinotécnicas do Exército Português não terem sido projetadas não havendo assim possibilidade de se elaborarem lições aprendidas. Devido ao efetivo existente, não há uma base sólida de treino e emprego operacional em território nacional que permita verter a forma de atuar e pensar a cinotécnica em doutrina. No caso dos exercícios táticos esta falha pode acontecer fruto das missões esporádicas dos binómios, contudo, só relatórios pós-ação é que o podem comprovar.

Além da projeção de forças para um teatro de operações, deve ser permitida a ligação e o treino conjunto com outras forças cinotécnicas internacionais de modo a que se verifique a doutrina que os mesmos tem e a forma de atuar, para assim trocar experiências de modo a elucidar quanto aos passos a dar na elaboração de doutrina aos diversos níveis.

Assim, a Doutrina existente no Exército Português não é um condicionamento sendo que, o que se pode tornar um condicionamento é a não resolução das lacunas acima apresentadas.

6.3. Necessidades Financeiras e Logísticas

Pela análise das entrevistas apresentadas o autor pode referir que é unânime a opinião de que a manobra logística é limitativa no que ao emprego de forças cinotécnicas diz respeito, sendo que vários foram os pontos que foram abordados pelos entrevistados.

A cinotécnia têm necessidades logísticas específicas que têm que ser suportadas de modo a apoiar o emprego e a manutenção dos binómios. Quer em TN quer no caso de uma projeção de forças têm que ser garantido o apoio sanitário, contendo o período de quarentena estabelecido em cada país antes do cão poder operar, o fornecimento de ração, instalações e o apoio veterinário, sendo isto referido por E1, E4, E6, E7 e E12, E16 também o refere contudo indica que é necessária a constituição de uma rede logística própria, pois esta representa atualmente o fator mais limitativo no emprego dos cães, sendo referido também por E6. O fornecimento da ração como necessidade logística é ainda referido por E12, E13 e E14, este último também refere a importância das infraestruturas, tal como E1 e E4. É também necessário integrar nesta manobra, tal como já atrás referido, o apoio veterinário, algo que é apresentado também por E10, E11, E13 e E14; Em casos específicos, tal como operações das tropas paraquedistas o apoio veterinário deve ser garantido pelo próprio condutor, referido por E7 e E15. Toda esta rede, com capacidade para suportar a cinotécnia em todos estes pontos tem custos associados, tal como refere E2 e deve ser pensada como apenas mais um encargo das unidades logísticas, referido por E15.

A manobra logística deve ser pensada tendo em conta as características físicas do cão e tudo o que é necessário ao seu emprego, referido por E2, E5 e E7. E5 reforça que o cão tem que comer de forma mais regular, não carrega tanto peso como o homem e, num estado ótimo, deve ser ele a transportar comida e água, por sua vez E7 diz que o homem é que deve transportar a comida do cão. Com vista ao seu emprego, E1 diz ainda que devem ser obtidos e utilizados canis táticos, sendo os mesmos dispendiosos. E7, por sua vez refere que a sustentação logística deve ser responsabilidade da unidade apoiada.

No caso de ser projetada, a unidade cinotécnica apresenta os mesmos gastos com alimentação do que se estivesse na unidade, o transporte dos cães pode ser feito no avião que transporta a restante força e os alojamentos dos cães pode ser feito junto dos de outras forças, sendo isto conseguido através de acordos, referido por E12.

E13 refere que estando os meios cinotécnicos distribuídos pelas várias unidades isto acarreta vantagens logísticas, quer no treino, quer no emprego operacional, chegando a

alimentação às unidades, por concurso público e a assistência veterinária sendo garantida por clínicas nas proximidades das unidades, referido por E13.

No que toca à gestão de recursos humanos as características técnicas desta área podem ser uma limitação fruto da necessidade de formação específica, algo que acarreta custos, referido por E1 e E4. Contudo, referido por E2, E3, E5 e E10, o número de elementos deve crescer pois o atual limita o número de missões diárias. Esta manobra, a nível de recursos humanos, é ainda mais complexa pois o Exército Português não possui ofertas formativas na área cinotécnica, tendo que recorrer a outras instituições, referido por E4, E6 e E9. E2 refere ainda, que, no âmbito da deteção de droga e estupefacientes o número de cães deve crescer de modo a poupar os atuais fruto dos deslocamentos contínuos, contudo isto acarreta uma maior manobra logística.

E1 e E4 referem que a forma de aquisição dos cães deve estar bem definida a nível logístico pois, tal como E4 refere, só com esse sistema de aquisição bem definido é que podemos pensar nas necessidades reais quanto ao número de cães, sempre dependendo dos recursos humanos existentes. De modo a pensar esta aquisição, E9, E10, E11, E12 e E13 referem que o tempo de vida útil do cão é de 10 anos.

Quanto a este sistema, se se pensar na aquisição propriamente dita esta acarreta custos consideráveis, referido por E9, E10, E11, E12 e E13 contudo permite ganhar tempo, referido por E11 e E12, pois os cães já vêm com dois anos e prontos a ser treinados para um objetivo específico. Para pensar a aquisição é necessário ter em conta que em Portugal não existe um mercado que satisfaça as necessidades técnicas quanto ao tipo de cão usado estando no centro da Europa o nicho desses mesmos cães, cada um a rondar os 3000€, referido por E11. Por outro lado a sustentação de cães de guarda na Força Aérea é feita em Espanha, referido por E13, podendo ser algo a pensar no caso do Exército Português. A aquisição deve ser pensada no âmbito de se obterem bons reprodutores, com a genética adequada às missões, referido por E10.

A reprodução têm associada a incerteza da ninhada, ou seja, numa ninhada de sete se se aproveitar três ou quatro já é bom, referido por E9, E11 e E15; Têm como custos associados a alimentação, vencimentos, profilaxia, tempo dispendido, não se rentabilizando o treino dos cães operacionais, referido por E9, E10, E12 e E15. Há também o risco da consanguinidade caso se aposte numa reprodução contínua, referido por E9, por outro lado, E10 refere que esta mantêm a genética adequada às missões com maior probabilidade de sucesso. É ainda de ter em conta que a fase do medo, dos oito aos quinze meses, pode fazer

com que o cão não chegue à sua prontidão operacional, algo que é preciso equacionar na reprodução.

Quanto às doações, após receber o cão, a força tenta-o moldar, o que faz com que surjam custos a nível temporal consideráveis não tendo, no final, garantias de qualidade, referido por E9 e E12.

E15 refere que os estudos custo-benefício não apoiam o sistema de procriação interna visto que o tempo até uma análise perfeita de carácter leva a custos avultados que podem ser colocados em outras fontes, tais como produtores civis. E15 refere ainda que há uma necessidade de atribuir valores aos cães para uma gestão eficaz de custo-benefício.

Relativamente à formação, no que toca aos cursos de Treinador Tratador os custos associados cingem-se aos salários, de instrutores e intruendos, alimentação e restantes custos diários, alojamentos e refeições, além dos custos temporais, referido por E9 e E11. Por sua vez, referido por E10, os custos da formação obtida na GNR e Força Aérea são nulos.

Ainda na formação é de referir a aquisição de materiais para treino, individual e coletivo, tendo em conta sempre a criação de diferentes cenários, referido por E9, E10, E14 e E15.

Na parte da revisão da literatura, o subcapítulo 2.1. Cão Militar refere que é preciso ter em conta as questões culturais de modo a perceber se a projeção do cão é aceite pela população e, a nível de transporte há uma necessidade de um período de quarentena sempre que chega a um país.

No subcapítulo 2.2.4. Enquadrante Doutrinária é referido que o apoio logístico, ao nível dos canis táticos, alimentação, meios de transporte, etc., além da garantia de condições para o binómio atuar, é da responsabilidade da unidade apoiada sob aconselhamento dos elementos cinotécnicos. No que toca a material de treino estes devem ser disponibilizados quer em TN quer em TO.

Ainda neste subcapítulo mas referindo agora a PDE 0-20-18 quanto à manobra logística, esta deve ter em conta a necessidade do binómio ser dotado de equipamento e meios de locomoção semelhantes aos da força apoiada.

Quanto à aquisição, a PDE 0-20-18 refere que há três métodos, a aquisição propriamente dita, a reprodução e a doação. Por sua vez, quanto à manutenção, no âmbito do apoio médico veterinário a nível nacional é garantido pela Clínica de Canídeos mas, em TO, caso não sejam projetados veterinários o apoio é garantido pelas forças amigas.

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

A PDE 0-20-18 a nível de manobra logística remete para a PDE 4-46-00 Sistema Logístico do Exército dividindo o apoio logístico em classe I – Víveres, classe II – Equipamento Individual do Cão e classe VIII – Material sanitário.

De modo a que uma correta perceção seja obtida, o autor fará a discussão de resultados com base nesta divisão operacionalizada pela logística do Exército Português.

Antes de mais importa referir que com base na globalidade dos entrevistados a manobra logística é o fator mais limitativo do emprego dos cães no Exército Português.

É referido que deve ser criada uma rede logística própria de modo a apoiar o emprego e a manutenção dos binómios, quer seja em TN quer em TO a qual, deve ser pensada, quer para unidades convencionais quer para tropas especiais. Na revisão da literatura e na opinião de alguns entrevistados esta deve ser pensada como mais um encargo das unidades operacionais, por sua vez um outro entrevistado refere que isto deve ser da responsabilidade das unidades logísticas propriamente ditas.

No que diz respeito à classe I – Víveres é importante um sistema montado para fornecimento quer em TN ou em TO, sendo que em TO só se têm que utilizar a fórmula referida na revisão de literatura para calcular as necessidades e enviar no mesmo avião que a força. Em TN as implicações financeiras estão associadas à aquisição e distribuição da mesma, em TO as implicações são as mesmas contudo é de ter em conta que o transporte, em caso ótimo é feito no mesmo avião que a força.

No caso da Classe II – Equipamento Individual do Cão é importante que a rede logística garanta o equipamento necessário à formação, manutenção, treino, higiene e cuidados profiláticos do cão. Os gastos associados à formação, manutenção e treino prendem-se com os custos da própria aquisição e renovação de *stock* de materiais. Neste âmbito é ainda necessário garantir as instalações fixas e os materiais para o treino individual e coletivo da força. Neste caso as implicações financeiras serão as necessárias para garantir as instalações, a aquisição de material, gastos diários de material, gastos diários com os homens e ainda a aquisição do material para o treino. Quanto ao emprego operacional deve ser garantido o equipamento individual para emprego do cão, nomeadamente os canis táticos. Em apoio destas três deve ser garantido o equipamento para contenção no transporte. As implicações financeiras daqui decorrentes comportam a aquisição do material e reposição de *stock*, os deslocamentos e os gastos inerentes ao emprego propriamente dito nomeadamente gastos associados à alimentação e higiene.

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

No caso da classe VIII – Material Sanitário deve ser garantido o equipamento sanitário necessário ao dia-a-dia da unidade sendo que ainda se deve ter em conta o apoio veterinário. Os custos que daqui advêm estarão associados à aquisição de material e ainda aos gastos com o suporte veterinário.

Mesmo sendo importante equacionar esta rede logística o autor sente-se na necessidade de questionar, por outro lado, se, fase ao efetivo utilizado e à possibilidade real de emprego, o peso global que o cão vai ter no Sistema Logístico do Exército, em apoio a uma determinada missão ou treino é significativo de modo a se ponderar uma rede logística própria em apoio ao mesmo. É de salientar o facto de em operações, propriamente ditas, os materiais necessários poderão se cingir a uma trela, ração e água; Em ambiente NBQR-E e de Controlo de Tumultos além destes poder-se-á equacionar uma máscara devido aos agentes químicos; Os canis táticos poder-se-ão equacionar em operações de maior duração.

Ainda relativamente ao emprego operacional e a quarentena propriamente dita, esta poderá ser equacionada quer no emprego em determinado TO quer no deslocamento até ao mesmo, neste âmbito tudo poderá depender do que for estabelecido através de acordos.

Com base na revisão de literatura e nas entrevistas o autor, inseridas na subcategoria manutenção, julga pertinente salientar duas categorias. A primeira prende-se com os recursos humanos e respetiva formação e a segunda com recursos animais e respetiva aquisição.

Quanto aos recursos humanos é importante referir que estes devem aumentar tendo sempre em conta que o cumprimento de tarefas na cinotécnia acarreta formação, o que leva a uma gestão cuidada na rotatividade dos recursos humanos. O Exército Português não apresenta ofertas formativas nessa área, além do curso de Treinador Tratador de Cães Militares, o que exige uma ligação a outros ramos das FA e FSS. Quanto aos recursos humanos as implicações financeiras são os custos associados aos vencimentos, gastos diários dos recursos humanos e custos da formação, quer em material individual quer com o custo do curso propriamente dito, os custos do Curso de Treinador Tratador cingem-se aos salários, de instrutores e intruendos, alimentação e restantes custos diários, alojamentos e refeições, além dos custos em termos de tempo dispendido pelos formadores, no caso dos cursos dados pela GNR e Força Aérea os custos são nulos, para elementos do Exército Português.

Quanto aos recursos animais e respetiva aquisição antes de mais importa referir que o número de cães deve crescer mas sempre a par do número de recursos humanos. No que toca à aquisição esta deve ser bem definida a nível logístico, pois só com um sistema de aquisição bem definido é que podemos pensar nas necessidades reais do número de cães.

Quanto à aquisição, se estivermos a falar na aquisição propriamente dita esta acarreta custos consideráveis contudo permite ganhar tempo. Temos de ter também em conta que em Portugal não existe um mercado para o tipo de cães utilizados, sendo que é no centro da Europa que se encontra o nicho desses mesmos cães, cada um a rondar os 3000€, ou então em. As implicações associadas, além dos custos já referidos, será a manobra logística de ir ao local, avaliar e trazer os cães.

No caso da reprodução, antes de mais, temos associada a incerteza da ninhada além de que, como nem todos os cães são aproveitados é preciso estabelecer o que fazer aos restantes. Além disto, as implicações logístico-financeiras associadas serão todos os custos diários e acompanhamento veterinário do processo e ainda os custos associados a alimentação, vencimentos, profilaxia, tempo dispendido, não se rentabilizando o treino dos cães operacionais

As doações levam a custos no âmbito da alimentação, vencimentos, profilaxia, tempo dispendido, não se rentabilizando o treino dos cães operacionais e no final, tal como a reprodução, não se garante a qualidade dos mesmos sendo necessário estabelecer o que fazer aos cães não aproveitados.

6.4. Características Naturais do Cão

Pela análise das respostas dadas o autor observa que todos os entrevistados, de uma forma geral, reconhecem que as características naturais do cão, quer do ponto de vista físico ou psicológico são um potenciador das missões atribuídas às unidades do Exército Português.

As características dos cães permitem um aumento das valências, algo que é expresso por E1, E3, E5, E12 e E13 fruto destes terem estímulos mais apurados que o elemento humano, tal como dizem E5, E11, E15 e E16. Com base nestes estímulos mais apurados, os cães são um multiplicador da capacidade de alerta oportuno, algo que é referido por E6, E9, E13 e E16 e da segurança e prevenção, referido por E2, E3, E14 e E15.

No âmbito do controlo de tumultos, fruto das suas características, por um lado, são um efeito dissuasor perante os elementos a controlar, por outro lado são um elemento potenciador da confiança da força, algo referido por E1, E2, E4, E5, E13 e E15.

No âmbito da deteção, fruto das suas características permitem um rastreio mais rápido e fidedigno, referido por E1, E5, E11, E12 e E14, tem a possibilidade de deteção em movimento, referido por E15, dando maior liberdade de movimentos à força, referido por

E9. Para que estas características sejam ainda mais proveitosas para o Exército Português, deve haver um refinar da raça tendo em conta a sua missão, referido por E1 e E15. Independentemente destas características a vida do cão continua a ser mais barata que a do homem, referido por E5.

Com base nas suas características físicas o cão permite economia de recursos, referido por E3, E6 e E15, este último refere ainda que em caso de busca de área um cão consegue cobrir uma área onde seria necessário empenhar cerca de 100 homens para se obter os mesmos resultados. Além do referido e agora no âmbito da deteção de minas ou Engenhos Explosivos Improvisados (IED), fruto das características do cão, este pode fazer o mesmo que um detetor de metais mas a mais longas distâncias, referido por E14 e E15, este último refere ainda que o cão pode detetar 20m mais à frente. As características do cão permitem que este detete não só a componente metálica mas também a substância explosiva, algo que é mais seguro que o detetor de metais pois, caso a mina ou IED se inicie por ação magnética este último pode ser o elemento que ativa a cadeia de fogo, enquanto o cão não o faz, algo referido por apenas E14 mas que é preciso ter em conta fruto da sua experiência e formação em Counter-IED (C-IED).

Além de ser um elemento que exponencia a confiança da força, algo já atrás referido, o cão, fruto do seu valor afetivo é um potenciador da capacidade psicológica e da moral da força, referido por E2, E8 e E9. Ao contrário do referido por estes três entrevistados, E7 diz que, em termos psicológicos, no cumprimento da missão, independentemente do apoio ou não de uma unidade cinotécnica, a força apoiada não é afetada, temos também E14 que refere que fruto da ligação apenas ao elemento humano do binómio não consegue referir preponderância afetiva na presença do cão junto da restante força.

O cão militar tem que possuir um conjunto de características especiais, além de um temperamento e carácter próprio. Um cão patrulha tem que ser robusto, não comer muito, ser resistente, silencioso, deve estar habituado a tiros, obedecer a ordens não-verbais, referido por E5, E9, E11 e E15 mas também ser relativamente sociável, referido por E15. Contudo, é preciso ter em conta que o cão, não é tão robusto como o homem sendo susceptível às diferenças de temperatura, referido por E5, E6, E13 e E14 e que o período de tempo de trabalho com intensidade é mais curto do que o do homem, como referem E9, E13 e E14.

No âmbito do treino, fruto das características do cão este deve passar por vários ambientes, de modo a não reagir intempestivamente ao que o rodeia, resultado da sua própria

visão das coisas e dos seus instintos, referido por E4, E9 e E15, este último diz ainda que o treino deve garantir o desenvolvimento de raciocínios e a tomada de decisões de forma natural pelo cão.

Os cães devem ser treinados desde o mais cedo possível, E10 refere que o início do treino deve ocorrer às 8 semanas, com treino de sociabilização, para E11 este período ocorre entre as 6 e as 8 semanas; a seguir, temos um período de treino de obediência, para E11 este período ocorre entre as 12 e as 16 semanas; depois vêm os exercícios complexos vocacionados para o emprego operacional algo também referido por E9, sendo que o mesmo defende que esta última fase deve ocorrer a partir dos 16 meses. Estes exercícios complexos, segundo E10 e E12 são introduzidos a partir dos 18 a 24 meses.

Importa referir que, fruto das capacidades cerebrais do cão o mesmo não esquece aquilo para o qual foi treinado, referido por E11.

Fazendo um levantamento e comparação entre o apresentado pelos entrevistados e o expresso na revisão de literatura, no subcapítulo 2.2. O Cão Militar, o autor verifica que, se complementam e, em alguns pontos, coincidem.

O cão responde mais rapidamente aos seus estímulos que aos comandos do seu condutor, por isso deve ser treinado numa multiplicidade de ambientes para deixar de reagir a estímulos externos inerentes à sua vida diária.

De acordo com a revisão de literatura, nos subcapítulo 2.2.1. até ao 2.2.3., além destas características o cão deve “ser equilibrado, nas diversas características comportamentais, nomeadamente dominância, submissão, agressividade e medo” além de apresentar Audição e olfato muito desenvolvidos; Agilidade, conseguindo realizar buscas de forma rápida; Resistência; Capacidade de uso de força não-letal; Podendo ser treinados novamente para deteção de novas substâncias explosivas e ser empregues como “Stand Off” – à distância de outras forças; Conseguindo operar na maioria de ambientes e climas.

No caso da deteção deve ter “comportamento sociável e ativo; instinto de caça muito desenvolvido; desejo recuperador; robustez física e forte intensidade de busca” tendo a capacidade de seguir o gradiente crescente de concentração do odor.

No caso da exploração o cão deve “ser forte mas ao mesmo tempo ágil, feroz mas obediente”, além de que consegue ter o dobro da velocidade, ver no escuro melhor que nós, ter uma audição apurada e um olfato muito superior ao nosso.

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

No caso da guarda deve ser um cão que não abandone seu dono ou área a assegurar motivado por barulhos estranhos, deve ser um cão que não se distrai com o que o rodeia e deve conseguir discernir um elemento amigo de um elemento hostil.

Além das valências físicas que incrementam a força, do ponto de vista psicológico há um incremento na confiança da força sendo um potenciador da capacidade psicológica e moral da força fruto do seu valor afetivo.

No entender do autor, todas as valências são potenciadas ou então, em casos específicos, são um pouco colocadas em questão fruto das características físicas e de carácter do cão.

No caso da deteção a velocidade está intimamente ligada ao olfacto pois só assim pode ser feita uma rápida deteção e isto resulta dos cerca de 40% do nariz do cão que é dedicado ao olfato, o que faz com que a área dedicada ao mesmo seja entre 6 a 30 vezes maior do que a área dedicada no humano. Por sua vez o número de células olfativas é entre 10 a 60 vezes maior nos cães do que nos seres humanos e, enquanto a análise cerebral de odores é feita por 1% do cérebro humano, nos cães esta é feita por 40% do seu cérebro, o que faz com que tenha uma sensibilidade relativamente aos humanos de mais de 10000 vezes, apresentado por Johnston (1999) e Herstik and Smith (*s/d*).

A visão do cão está, comparativamente à do ser humano, melhor adaptada para detetar e conseguir operar em condições de visibilidade reduzida ou mesmo na escuridão total (Lindsay, 2000).

No caso da audição este aumento de capacidade está relacionado com o facto de os cães conseguirem ouvir no mesmo espectro que os humanos mas também em frequências 2 a 5 vezes superiores e mesmo em frequências inferiores. Esta capacidade permite detetar acontecimentos imperceptíveis ao humano (Lindsay, 2000). Esta capacidade aumenta também pois, segundo Thompson (1993) citado em Lindsay (2000), o cão ao marcar um som, instintivamente roda a cabeça para a origem desse som fazendo, através de uma triangulação entre as orelhas e o local do som um cálculo da distância à origem do mesmo.

No que toca à adaptação ao meio ambiente, esta, no entender do autor, está ligada à fase de sociabilização apresentada pelos entrevistados e na revisão de literatura que se converte mais tarde num treino em múltiplos ambientes de modo a que o cão não estranhe o ambiente operacional em que vai ser empregue, podendo, tal como expresso na revisão da literatura haver necessidade de um treino de ambientação já no local onde vai operar para colmatar possíveis falhas, tal como referido no Stanag 2623.

As condições climatéricas extremas, tais como temperaturas baixas, chuva, neve, vento forte reduzem a eficiência de trabalho, devido a uma perda rápida de energia no aquecimento corporal (Helton, 2009).

No âmbito de carácter é importante analisar o efeito do *stress* nos cães, algo que pode ser provocado pelo emprego contínuo do mesmo sem recompensa e pela sujeição a novos estímulos ou novos ambientes onde, fruto de múltiplas características estranhas ao cão podem gerar confusão e aumentar os níveis do referido stress (Helton, 2009).

A agressividade ou não, no entender do autor, pode estar relacionado com os próprios instintos do cão ou com a falta de rigor no treino, naquele que é considerado o período da dominância (11^a à 16^a semana) e no período da adolescência (1 aos 4 anos), referido no subcapítulo 2.1. Formação/ Treino do Cão, onde o cão se tenta impor na sua estrutura social, motivando comportamento agressivos ou de inferioridade hierárquica. A ligação ao dono, no entender do autor, pode estar correlacionado com os próprios métodos de treino ou então com a própria psicologia canina, visto que, tal como referido no subcapítulo 2.1. é importante que o treinador se mostre como figura dominante perante o cão.

Os instintos por sua vez, na opinião do autor são a base do treino e da própria forma de emprego do cão, pois, se por um lado podem os mesmos ser aproveitados para potenciar as missões da força, por outro lado, as missões podem ser comprometidas, pois o cão obedece mais rapidamente aos seus instintos que a um comando do condutor.

6.5. Emprego Operacional

De acordo com o referido pelos entrevistados as tarefas que os cães podem cumprir acentam na busca e deteção de explosivos e estupefacientes e no uso da força, sendo isto referido por E1, E2, E3, E4, E8, E10, E15. E14, fruto da sua função refere apenas a busca e deteção de explosivos, minas e IED's, tal como E16.

Complementando o leque de tarefas elencado no parágrafo anterior surge a segurança de área sensível, referido por E2, E3, E4, E5, E6, E7, E9, E13, E15 e E16, E7 acrescenta ainda que nesta função não se deve rivalizar com as FSS. Outros empenhamentos passam pela proteção da força, podendo ainda serem empenhados em pistagem, operações de cerco e busca e captura de High Value Target (HVT), referido por E5, E7 e E8, este último refere ainda que o emprego dos binómios pode ser feito tendo em vista o uso da força letal ou não-letal.

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

Ainda no âmbito da missão de pistagem os binómios podem ser integrados em patrulhas com uma força, referido por E6, E7 e E9. E7 refere ainda que, desde que devidamente treinados, podem ser integrados na parte do assalto, reorganização e restantes missões de todas as tipologias de infantaria. No caso específico dos BIPARA, os binómios, devem conseguir acompanhar todas as missões ofensivas e defensivas destes, referido por E7.

Além das tarefas em prol das forças de manobra apresentadas, importa referir que, no âmbito da deteção de estupefacientes, constituiu-se como maior encargo na cinotécnia da PE o apoio ao Programa Para a Prevenção e Combate à Droga e ao Alcoolismo nas Forças Armadas, sendo o mesmo aquele que mais exige da cinotécnia da PE, referido por E2.

É de ter em conta as tarefas inerentes ao cão de sentinela, referido por E9, e as tarefas inerentes à dupla valência entre explosivos e guarda, referido por E10 e E15.

Na deteção de explosivos, nomeadamente ao nível do GrEqEOD têm mais aplicabilidade no C-IED, na deteção de componentes ou explosivos na totalidade; No âmbito da prevenção deve fazer deteção dos precursores de explosivos, referido por E14.

No caso da deteção e caso falemos de um ambiente químico, se forem empregues antes das armas ser lançadas, deve-se vocacionar o treino para a deteção das mesmas, caso seja depois de serem lançadas, o treino deve ser no sentido de perceber como os equipamentos de respiração afetam o olfacto, contudo é possível atuarem nestas condições, referido por E15, o qual também refere que podem os cães cumprir as tarefas de busca de área e guarda a acampamento de mochilas.

E5 refere que os cães são aplicáveis em contra-guerrilha, contra-insurreição e em termos convencionais. No âmbito da deteção, o maior empenhamento verificado reside no programa de controlo de drogas e estupefacientes do Exército Português, referido por E2, E4 e E12 (este último não é diretamente relacionado com esta resposta pois pertence à Marinha). Mesmo não concorrendo diretamente para esta resposta, E11 refere que os cães podem assumir funções no âmbito da busca e salvamento, deteção de cadáveres, vestígios biológicos, venenos e busca e deteção de explosivos e estupefacientes.

Para E16, que é um elemento que não possui equipas cinotécnicas na sua orgânica, nem conta com o apoio destas, as mesmas devem cumprir as tarefas de deteção da ameaça, podendo ser empregues nas Ações diretas, ações indiretas e proteção a altas entidades

Além destas, pode haver interesse na tarefa de busca e salvamento, referido por E4, E5, E9, E10 e E15. Contudo E4 e E9 referem que deve o mesmo ser focado no emprego em

TO que necessite desta valência e E5 e E9 referem que esta deve ser focada no âmbito de procura de pilotos ejetados em terreno inimigo ou em caso de junção de forças. Já E10 refere que para uma rentabilização de tarefas neste âmbito deve o cão cumprir as tarefas de deteção de odor humano²⁷, podendo ser usado em busca e salvamento (nossas forças) e deteção e imobilização de transgressores (forças inimigas).

De modo a perceber quais as tarefas que podem ser cumpridas pelos binómios atualmente é preciso ter em conta que os mesmos podem cumprir múltiplas tarefas que se complementem e não que se comprometam. Complementar é por exemplo um cão de uso da força ser treinado para detetar explosivos, comprometer é por exemplo um cão que deteta explosivos ser treinado para detetar droga, pois isto vai mobilizar os mesmos sentidos gerando confusão, referido por E9, E11, E12 e E15. Ainda é preciso ter em conta que na deteção normalmente se atua com dois binómios, um de deteção e outro de confirmação. E11 refere que ao complementar tarefas pode ocorrer uma diminuição da qualidade com que o cão executa ambas, enquanto E12 refere que um cão deve cumprir apenas uma tarefa para a cumprir eficazmente. E5 refere ainda que o cão é limitativo em ações prolongadas sendo mais adequado para ações táticas curtas com objetivo definido.

É referido por E1, E2 e E4 que mais do que acrescentar valências é preciso maximizar as atuais, passando o mesmo, no entender de E1 pela melhoria da instrução e formação do homem, do cão e do binómio no seu conjunto, isto pode passar, no entender de E1, E9, E10 e E15 pela ligação a outras entidades, nomeadamente no treino e troca de experiências, para mais rapidamente se atingir os objetivos estipulados.

Quanto aos treinos, para ajudar e aumentar as valências das forças apoiadas os binómios devem ser mantidos sempre operacionalmente aptos, referido por E1, E2, E6 e E7 pois, como refere E2, a força tem que estar sempre pronta a projetar. Deve haver uma constante integração nos treinos para uma habituação recíproca entre o cão e a força a apoiar, referido por E1, E6 e E15 de modo a que, tal como E15 refere o cão consiga trabalhar com toda a força. Por sua vez, E5, E15 e E16 referem que as unidades devem estar constituídas de início e não integrar a capacidade só para a missão, sendo isto fundamental para a coesão e espírito de corpo, defendendo também que o elemento cinotécnico deve ter, também, a especialidade da força apoiada, referido também por E9.

²⁷ O autor refere que é importante ter em consideração que a deteção de odor humano, com aplicação militar, deve ser integrada na capacidade de combate SAR (Search and Rescue), e, só sendo levantada esta capacidade no Exército Português é que se apresenta como mais-valia a existência desta especialidade cinotécnica.

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

Ainda no âmbito do treino E8 refere que deve existir um programa de treino específico que integre a capacidade cinotécnica, devendo existir o conceito de unidade aplicada para facilitar o treino operacional. O ideal, no entender de E14 passa por uma força tarefa, integrando elementos de manobra e os respetivos apoios, onde se inserem, entre outros a cinotécnica. Quanto ao treino, E15, refere que o programa de construção do binómio deve ter como base aquilo que as unidades apoiadas necessitam, sendo assim, os cães são treinados para funções específicas e maximizando o seu efeito, sendo que o cão deve ser formado indo ao encontro da legislação e não o contrário, ou seja a legislação não deve mudar porque existe o cão.

Para que os treinos se convertam em atividade operacional, as unidades cinotécnicas devem-se mobilizar para integrar os exercícios setoriais dos Batalhões/Brigadas e do Exército pois só assim podem vir a servir o Exército Português como um encargo operacional do mesmo, esta mobilização também servirá para a sensibilização aos vários escalões das capacidades da cinotécnica, referido por E14. E9 e E15 também referem esta sensibilização como forma de demonstrar capacidades.

De modo a apoiar as unidades operacionais E9 refere que deve surgir um centro de formação que se ocupe do treino, iniciando no básico até ao especializado. E11 e E15 por sua vez dizem que os cães possuem muitas valências e, mesmo dentro do uso da força, podem ser preparados para um uso gradativo da força.

De modo a perfeitamente enquadrar e utilizar os cães em apoio às unidades operacionais deve ser estabelecido, concretamente, a nível do Exército quais são as missões específicas atribuídas às unidades cinotécnicas, tal como refere E6, E7 e E15. Tal como refere E7, se se quer testar e aumentar a capacidade esta deve passar por ser integrada na segurança das próprias unidades e, naquelas com encargo operacional integra-los nos treinos pois, se esta capacidade não for testada onde deve ser nunca se irá saber se esta pode ou não ser potenciadora da segurança ou da capacidade de execução de determinada missão ou ainda redutora do risco associado à missão. Em concordância com o referido, E2 diz que a cinotécnica precisa de ser projetada até para se conseguir comparar e testar as suas capacidades ao lado das FA de outros países.

O número de cães existentes deve sempre ter em conta o nível de empenhamento, pois não vale a pena crescer se o empenhamento não o justificar, referido por E2 e E11. Assim, no âmbito do controlo de droga e estupefacientes no Exército Português, para poupar os cães existentes deve ocorrer um aumento no número de efetivos, referido por E2. E5 refere

que no RPARA há uma necessidade de mais cães e, conseqüentemente mais homens, devido ao encargo operacional, à rotatividade e as cadelas prenhas, fruto da procriação. Em vez das duas equipas, o ideal seriam as quatro, uma em apoio a cada BIPARA, uma em apoio ao BOAT e formação e uma para segurança das instalações, cada equipa comandada por um sargento o que resultava na elevação da SecCãesGuerra a Pelotão de Cães de Guerra.

Para potenciar a capacidade das unidades cinotécnicas, E9 e E10 referem que os militares quando se propõe para pertencer à cinotécnia deveriam realizar testes psicotécnicos próprios.

Os mesmos dois entrevistados referem que seria bom estender o tempo de serviço militar para a rentabilização técnica dos militares, E10 refere que os graduados devem apostar na especialização na área, de modo a haver uma rentabilização de conhecimentos, proeficiência e prontidão dos próprios cães e, no que toca a praças não seria descabido um Quadro Permanente de Praças (QPP). A questão do QPP é suportada pelo que refere E12, que faz parte de uma instituição onde o mesmo está em funcionamento, sendo o mesmo uma mais-valia pois é preferível pessoal com experiência do que sem além de que, o trabalho com cães exige tempo para se obter experiência e saber o que fazer. Por outro lado, E1 refere que, de modo a facilitar o emprego tático o comandante do módulo cinotécnico não deveria ter cão atribuído.

Analisando o apresentado no subcapítulo 2.2.4. da revisão de literatura pudesse verificar que várias são as missões atribuídas ao cão militar, segundo o STANAG 2623 contudo, tendo em conta o apresentado pelo parecer de ratificação do referido STANAG, no Exército Português apenas existem cães de deteção de droga, deteção de estupefacientes e de patrulha. Comparando ao referido pelos entrevistados dá para observar que em Portugal, além destes, também existem cães de uso da força, um cão de dupla valência de uso da força e deteção de explosivos e cães de sentinela. É de ter em conta que, atualmente, existem 2 cães de sentinela e 14 cães de patrulha e segurança, isto nos Paraquedistas, por sua vez na PE existem 6 cães de deteção de estupefacientes, 1 cão de deteção de explosivos, 10 cães de uso da força (Guarda) e 1 cão de dupla valência de guarda e deteção de explosivos.

O quadro que de seguida se apresenta remete para as tarefas cinotécnicas e a sua integração nas várias tarefas primárias associadas a cada uma das quatro tipologias de operações, assinalando-se as especialidades cinotécnicas que podem concorrer para as tarefas primárias destas.

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

Quadro nº 3 - Integração das especialidades cinotécnicas do Exército Português nas Tarefas Primárias das quatro tipologias de operações

Tipologia de Operações	Tarefas Primárias	Especialidades cinotécnicas				
		Sentinela	Exploração / Segurança	Deteção de estupefacientes	Deteção de explosivos	Guarda
Ofensivas	Marcha para o contacto		X		X	X
	Ataque desorganizante		X			
	Busca e ataque		X		X	
	Cerco e busca		X	X	X	X
	Contra-ataque		X		X	
	Demonstração		X		X	X
	Emboscada		X		X	
	Finta		X			
	Reconhecimento em força		X			
	Golpe de mão		X	X	X	X
	Exploração do sucesso		X		X	
	Perseguição		X		X	X
Defensivas	Defesa móvel		X			
	Defesa de área		X			
	Operações retrógradas		X		X	
	Retardamento		X		X	
	Rotura de combate		X		X	
	Retirada		X		X	
	Estabelecer ambiente seguro e estável	X	X	X	X	X
	Apoiar o restabelecimento da segurança pública	X	X	X	X	X

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

Estabilização	Apoiar a governação e o desenvolvimento	X	X	X	X	X
	Restabelecer serviços essenciais	X	X	X	X	X
	Apoiar a recuperação e desenvolvimento de infraestruturas	X	X	X	X	X
Apoio civil	Apoio na prevenção e resposta a acidentes graves ou catástrofes		X	X	X	X
	Apoio na satisfação das necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida das populações					
	Apoio na resposta a acidentes graves/incidentes NBQR-E					
	Apoio a autoridades civis e FSS no restabelecimento ou na manutenção da lei e ordem	X	X	X	X	X
	Outros apoios específicos.	X	X	X	X	X
	Reconhecimento		X	X	X	
Segurança	X	X		X	X	

CAPÍTULO 6 - Resultados e Discussão de Resultados

Transição	Combate de encontro		X		X	
	Junção		X		X	X
	Extração de Forças Cercadas		X		X	X
	Substituição de Unidades		X		X	X
	Redução de obstáculos				X	
	Transposição de cursos de água		X		X	X
	Deslocamento de forças	X	X		X	X

Fonte: adaptado de: PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares, PDE 3-01-00 Tática de Operações de Combate – Volume I, PDE 3-00 Operações, RC 130 – 1 Operações Vol I – Parte III e Apresentação Tática Geral e Operações Militares – Tarefas de Transição

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Resposta às Questões De Investigação

Relativamente à QD nº1, **“De que modo a implementação de Doutrina condiciona/beneficia o emprego das unidades cinotécnicas do Exército Português?”**, importa referir que por um lado têm de ser cumpridas as exigências OTAN tendo necessidade de criar um Conceito de Emprego Específico, Conceito de Uso, Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP’s) e, ainda, Procedimentos Standard de Operação, cumprir os mínimos estabelecidos, quer para o cão, o homem e o binómio como um todo, além de cumprir com o estabelecido nas capacidades e requisitos mínimos e respeitar o estabelecido no apoio logístico.

Por outro lado é unânime a opinião sobre a falta de doutrina que forneça ao comandante da força apoiada dados concretos sobre a forma de aplicar e as capacidades de cada cão no cumprimento de cada tarefa, devendo ainda ser elencadas as limitações e procedimentos de segurança que a força deve adotar na presença dos cães.

No que toca ao apoio logístico e de materiais, o mesmo só é estabelecido para tempo de paz e na unidade onde estão alocadas as unidades cinotécnicas, sendo que, no âmbito de uma projeção de força ou exercício operacional esta apresenta uma lacuna.

Deve haver um refinar de TTP’s cinotécnicas para que a integração nas táticas das unidades apoiadas seja mais rápida, pelo menos do ponto de vista teórico.

É importante, regular, com base em doutrina, os cursos e formações dados, as avaliações e certificações de binómios com vista ao emprego OTAN e ainda, fazer um escalonamento de uso da força do cão.

Além de colmatar essas lacunas o comandante não deve perder a flexibilidade de raciocínio, por uma dependência exaustiva de tudo o explanado doutrinariamente, não caíndo no erro de julgar que todos os cães podem executar todas as tarefas apresentadas.

As lacunas apresentadas, em conjunto com o referido no último parágrafo, podem sim constituir um condicionamento ao emprego das unidades cinotécnicas, fruto do desconhecimento das suas capacidades e da forma de as suportar/apoiar.

A PDE 0-20-18 constitui-se como uma mais-valia, um benefício, ao emprego das unidades cinotécnicas, mas, fruto da especificidade da temática não chega. É importante

alargar a base doutrinária com a doutrina acima proposta, sempre apoiada na experimentação, de modo a que se balizem procedimentos para que não surja o risco da doutrina existente se tornar um condicionamento ao emprego das unidades cinotécnicas ao invés daquilo que ela é atualmente.

Relativamente à QD nº2, **“Serão as implicações logístico-financeiras decorrentes da formação, manutenção, treino e emprego operacional, dos recursos cinotécnicos inibidoras da existência desses recursos no Exército Português?”**, é de referir que é necessário pensar e estabelecer uma rede logística própria, fruto das necessidades específicas dos cães quer em TN quer em TO, tendo em conta se estamos a trabalhar com uma força convencional ou com uma força especial.

Quanto à classe I – Víveres, a rede logística deve garantir que os mesmos cheguem à unidade seja em treino seja em campanha, sendo que as implicações financeiras são as decorrentes da aquisição e transporte.

Quanto à classe II – Equipamento Individual do Cão, este pode ser escalonado quanto à formação, manutenção (tem presente também as infraestruturas fixas) e treino (individual e coletivo), que exigem materiais interligados aos três. As implicações financeiras advêm da aquisição e manutenção do *stock* deste material e ainda da construção de infraestruturas fixas. Quanto ao emprego operacional temos os gastos com o equipamento individual do binómio. Em apoio deste temos o material para contenção no transporte e os custos que advêm da sua aquisição e renovação de *stock*.

No âmbito da classe VIII – Material Sanitário deve ser garantida toda uma rede de apoio sendo os custos, os associados à aquisição e renovação de *stock* do material sanitário e o fornecimento do apoio veterinário.

Analisando esta rede logística o autor sente-se na necessidade de questionar, por outro lado, se o peso global do cão no Sistema Logístico do Exército, em apoio a uma determinada missão ou treino é significativo de modo a se ponderar uma rede logística própria. É de salientar o facto de em operações, os materiais necessários poderão se cingir a uma trela, ração e água; Em ambiente NBQR-E e de Controlo de Tumultos além destes poderá se equacionar uma máscara devido aos agentes químicos; Os canis táticos poderão se equacionar em operações de maior duração.

Os recursos humanos exigem formação, que, por sua vez obriga a uma gestão cuidada da rotatividade. A formação exige uma ligação a outros ramos das FA e FSS. Quanto aos recursos humanos as implicações financeiras são os custos associados aos vencimentos,

gastos diários e custos da formação, quer em material individual quer com o custo do curso propriamente dito; Os custos do Curso de Treinador Tratador são os salários, de instrutores e intruendos, custos diários, além dos custos em termos de tempo, no caso dos cursos dados pela GNR e FA os custos monetários são nulos, para elementos do Exército Português.

Quanto aos recursos animais e respetiva aquisição, estes devem crescer mas sempre a par dos recursos humanos. O processo de aquisição deve estar bem definido para só depois pensar nas necessidades reais do número de cães. Na aquisição propriamente dita esta acarreta custos consideráveis contudo permite ganhar tempo. Em Portugal não existe um mercado que satisfaça as necessidades, é no centro da Europa e em Espanha que se encontra o nicho desses mesmos cães, cada um a rondar os 3000€. As implicações associadas, além dos custos já referidos, serão a manobra logística de ir ao local, avaliar e trazer os cães.

No caso da reprodução e doações, temos associada a incerteza da ninhada obrigando a saber o que fazer aos cães não aproveitados. As implicações associadas serão os custos diários e o acompanhamento veterinário do processo além da profilaxia e tempo dispendido.

Daqui advém, segundo o autor que, fruto da não estipulação do número exato de material necessário ao número de cães atualmente em uso aliado à não operacionalização de uma rede de apoio logístico, os encargos que estes acarretam, fruto da sua formação, manutenção e treino podem ser inibidores da sua existência no Exército Português. No que toca ao emprego operacional, fruto do material necessário em apoio ao mesmo, este não parece representar um encargo considerável no sistema logístico, que o torne inibidor da existência deste recurso no Exército Português

Relativamente à QD nº3, **“De que forma as características naturais do cão, quer por via morfológica, quer por via do carácter, poderão ser aproveitadas em favor das missões atribuídas ao Exército Português?”**, é importante referir que, as características morfológicas do cão bem como o carácter do mesmo, quando corretamente orientadas e aproveitadas, balizando as condições atmosféricas no intervalo das quais se consegue tirar o rendimento máximo das mesmas, podem ser aproveitadas em favor das missões atribuídas ao Exército Português.

Uma velocidade de 2 a 3 vezes maior que a dos humanos, um olfacto 10000 vezes mais sensível que o nosso, que garante o seguimento de um padrão crescente de odor, tendo uma visão adaptada para uma mais rápida percepção do movimento mesmo em condições de visibilidade reduzida para os humanos, uma audição num espectro inferior, similar e 2 a

5 vezes superior ao humano aliado a uma correta adaptação ao meio ambiente, que passa por treinos em múltiplos ambientes.

Tudo isto acompanhado por uma robustez física, ação silenciosa, por ser sociável, equilibrado, ágil, ativo, forte, feroz mas obediente, com capacidade de uso de força letal e não-letal e com um instinto de caça apurado.

E uma correta gestão do efeito do *stress*, um controlo da agressividade, que deve existir, mas só induzida em caso de necessidade e um trabalho para a redução de resposta a instintos inerentes ao cão.

São características que podem ser postas ao serviço de um alerta oportuno relativamente à presença de forças opositoras acarretando um aumento no sentimento e na efetividade da segurança e prevenção contra ataques ou intrusões. São também um efeito dissuasor perante elementos hostis à nossa força. Permitem ainda uma maior liberdade e segurança nos movimentos e economia de recursos. Por outro lado, são um potenciador da confiança, capacidade psicológica e moral da força no cumprimento das missões.

Relativamente à QD nº4, **“Que tarefas operacionais, ou outras, poderão ser apoiadas pelos recursos cinotécnicos do Exército Português nos moldes que existem atualmente?”**, extrai-se as ideias-chave que referem que as missões, indicadas pelos entrevistados, em complemento do apresentado pelo parecer de ratificação do STANAG 2623, existentes, em Portugal remetem para os binómios de deteção de droga, deteção de explosivos e de exploração e ainda binómios de uso da força, um cão de dupla valência de uso da força e deteção de explosivos e cães de sentinela.

Estas missões, fruto das tarefas inseridas em cada uma delas podem concorrer para a consecução de várias tarefas inseridas nas quatro tipologias de operações, tal como expresso nos subcapítulos referentes aos resultados e discussão de resultados desta QD, contudo importa aqui salientar a deteção de explosivos e estupefacientes, o uso da força, as tarefas inerentes à exploração e ainda, a integração destes em operações de cerco e busca para captura de HVT.

É de salientar também, além das tarefas em prol das forças de manobra, o encargo cinotécnico da PE no apoio ao Programa Para a Prevenção e Combate à Droga e ao Alcoolismo nas Forças Armadas, sendo aquele que mais exige da cinotécnia da PE.

Além destas pode ser importante possuir cães de busca e salvamento mas com complementariedade de funções entre busca e salvamento para tropas amigas e deteção e

imobilização de transgressores, com um foco maioritário em TO onde esta valência seja necessária e não tanto para TN.

É de referir que não pode haver comprometimento de funções mobilizando o mesmo sentido do cão para ações distintas, ou seja, não pode haver um cão a detetar droga e explosivos simultaneamente gerando confusão a nível cognitivo e não sendo proveitoso para a força.

Mais do que aumentar as missões que podem ser cumpridas é primordial maximizar as atuais através de uma melhoria na formação/ instrução através do introsamento com outras forças com meios cinotécnicos. Os cães devem estar sempre operacionalmente aptos, prontos a projetar, sendo que um dos fatores que concorre para isto e para o cumprimento eficiente das missões passa pela integração total dos binómios nas unidades sendo que o elemento cinotécnico deve também ter a especialidade da força apoiada ou pelo menos, haver treinos de habituação entre a força e o cão.

Por último, após responder às QD há a necessidade de tecer algumas considerações relativas à QC deste TIA. Relativamente à QC, **“Considerando a atual diversidade de ambientes operacionais de que forma podem os recursos cinotécnicos do Exército Português contribuir para o melhor desempenho das suas unidades operacionais?”**, importa referir que, por um lado, a nível de segurança de perímetro e de ponto sensível ou com material sensível, os cães de sentinela, os binómios de segurança e os de guarda podem ser usados para colmatar a redução de pessoal fruto da sua maior capacidade sensorial, missão esta que é a mais representativa no universo das missões executadas no Exército Português. Outra tarefa pode ser a segurança da força no cumprimento de uma missão através da deteção/ perseguição e detenção de um inimigo com os binómios de exploração e os de guarda. Pode ainda uma força ser apoiada na despistagem de explosivos, garantido uma maior liberdade de movimentos e segurança, com os binómios de deteção de explosivos e, caso a força seja mandatada para a realização de buscas específicas e para a realização de checkpoints, integrando binómios de deteção de estupefacientes, isto é feito de forma mais célere e segura. Quanto a outras tarefas, os binómios de deteção de estupefacientes garantem a prevenção ao consumo de estupefacientes nas unidades do Exército Português e é ainda de ter em conta todas as tarefas que são apresentadas no Apêndice A e podem ser cumpridas pelos binómios.

Por outro lado, as lacunas observadas são referentes ao apoio logístico e à doutrina vigente que, embora existam, não se encontram bem definidas e isto, em conjugação com a

não ligação a forças exteriores, sejam militares ou de segurança, o desconhecimento dos comandantes sobre as capacidades cinotécnicas e a não realização de estudos piloto de onde se extraíam lições aprendidas do uso de binómios podem comprometer a atuação da cinotécnica nos vários ambientes operacionais.

Ao nível do treino pode-se pensar no desenvolvimento de certificações dos binómios tendo por base o estabelecido pela OTAN; na colocação dos binómios nas orgânicas das unidades em prol da qual vão operar, ou pelo menos constituir unidades dedicadas, de modo a facilitar a interação recíproca entre a força e o cão. Ao nível do apoio logístico pode-se pensar numa rede logística perfeitamente estruturada onde, além de outros pormenores, refere inequivocamente qual o processo de aquisição e a estrutura de apoio ao mesmo e o apoio ao emprego operacional, seja em TN seja em caso de projeção, para forças convencionais ou não convencionais pois, o estabelecido atualmente é apenas a forma sobre como estas necessidades são culmatadas aquando da permanência dos binómios na unidade. Ao nível da doutrina, além da estabelecida pela OTAN é importante a criação de documentos que forneçam ao comandante da força apoiada dados concretos sobre a forma de aplicar e as capacidades dos cães no cumprimento de cada tarefa, devendo ainda ser elaboradas as limitações e procedimentos de segurança que a força deve adotar na presença dos cães, sendo isto complementado com TTP's experienciadas.

Caso sejam colmatadas as referidas lacunas, completando com estudos sobre o aumento do sentimento de segurança ou diminuição do risco associado à missão através do emprego de binómios poderemos estar perante uma avaliação que não comprometa o desempenho dos recursos cinotécnicos em apoio às unidades operacionais do Exército Português.

Limitações e Dificuldades Encontradas

No desenvolvimento do presente trabalho as dificuldades encontradas cingiram-se à falta de documentação específica sobre o emprego operacional atual e toda a estrutura de suporte ao mesmo no Exército Português além das dificuldades para obtenção de autorização institucional junto de entidades que o autor pretendia contactar de modo a enriquecer um pouco mais o TIA nomeadamente quanto à forma de aquisição, manutenção, treino e emprego operacional das unidades cinotécnicas do Exército Português.

Propostas Para Investigações Futuras

Com vista a responder de forma mais específica a cada um dos problemas levantados com este Relatório Científico Final do TIA o autor propõe a elaboração de estudos sobre os planos de treino e capacidade física de cada cão, com vista ao emprego nos diferentes ambientes e sobre as diferentes condições climatéricas, de modo a fornecer uma tabela aos comandantes sobre o tempo em que o mesmo se vai encontrar operacionalmente apto.

O autor deixa também a proposta para, de uma forma mais exaustiva, se estudar o aproveitamento de cada valência dos atuais recursos cinotécnicos do Exército Português em prol de cada uma das tipologias de operações e ainda a possibilidade de considerar mais algumas valências, nomeadamente a deteção de odores humanos.

Pode também ser feito, um estudo piloto onde se compara, a segurança de uma unidade com e sem binómios na realização da mesma, e ainda, ser elaborado um outro estudo para se perceber as vantagens e desvantagens da integração de binómios na FOEsp e no Batalhão de Comandos.

Pode também ser equacionado um estudo sobre os custos monetários, vantagens e desvantagens sobre um centro de reprodução comum às FA e FS e estrutura de apoio ao mesmo, contrapondo com os mesmos pontos mas referentes a cada unidade e cada ramo das FA e FS.

BIBLIOGRAFIA

- Allsop, N. (2011). *Cry Havoc*. Austrália: New Holland Publishers Pty Ltd.
- Baker, S. (2007). *Do-It-Yourself Dog Training*. Rowville: Vinayak Enterprises Pty Ltd.
- Beaver, B. V. (2009). *Canine Behavior: insights and answers (Second Edition)*. Missouri: Saunders Elsevier.
- Bilger, B. (2012). *Dogs Vs. Terrorists*. s/l: Scholastic Scope, 60(13).
- Blom, M. (30 de Dezembro de 2013). *Use of dogs as odour detectors - a review of the scientific literature*. Obtido em 27 de Abril de 2016, de Swedish University of Agricultural Sciences - Library: http://stud.epsilon.slu.se/6341/7/blom_m_140108.pdf
- Brites, P. (2009). Cinotécnia Militar - Atualidade e Futuro. *Jornal do Exército*, 18-24.
- Coren, S. (2006). *The Intelligence of Dogs - A Guide to the Thoughts, Emotions, and Inner Lives of Our Canine Companions*. New York: First Free Press.
- Dagley, K., & Perkins, J. (2005). *Canine Behaviour Type Index*. West Lafayette: Veterinary Behavioural Medicine Purdue University Press.
- Dalfovo, M., Lana, R., & Silveira, A. (18 de Março de 2008). *Métodos Quantitativos e Qualitativos: um resgate teórico*. Obtido em 12 de Abril de 2016, de Universidade de Santa Cruz do Sul: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf
- Department of defense. (2010). *Dictionary of Military and Associated Terms - Joint Publication 1-02-8*. New York: Department of Defense.
- Divisão de Doutrina. (2014). *Parecer Sobre Stanag 2623 (ED 01) (RD 01) - Military Working Dogs (MWD) Capabilities*. Tancos: Comando de Instrução e Doutrina.
- Eastern Europe Brigade. (2000). *Peace Support Operations Handbook - part 1*. Plovdiv: Headquarters Multinational Peace Force South.
- Exército Português. (1987). *RC 130-1 Operações - Volume I*. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
- Exército Português. (2008). *PAD 320-01 Publicações do Exército*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2011). *PDE 3-65-00 Operações de Apoio à Paz - Táticas, Técnicas e Procedimentos*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2012). *PDE 3-00 Operações*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional .
- Exército Português. (2014). *PDE 4-46-00 Sistema Logístico do Exército*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

- Exército Português. (2015a). *PDE 3-01-00 Tática das Operações de Combate - Volume I*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2015b). *PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Ferraz, P. (15 de Janeiro de 2015). *Psicologia Canina - Relação Entre o Homem e o Cão*. Obtido em 14 de Março de 2016, de Manual de Cães: <http://manualdecaes.blogspot.pt/2015/01/psicologiacanina-relacaoentre-o-homem-e.html>
- Força Aérea Portuguesa. (s/d). *Manual de Instrução Cinotécnica da Força Aérea*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: LUSOCIÊNCIA Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Freixo, M. J. (2011). *Metodologia Científica - Fundamentos Métodos e Técnicas (3ª ed.)*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Harré, R. (2009). *Pavlov's Dogs and Schrodinger's Cat: Scenes from the living laboratory*. Oxford: Oxford University Press.
- Helton, W. S. (2009). *Canine Ergonomics - The Science of Working Dogs*. Nova Iorque: CRC Press.
- Herstick, M., & Smith, J. (s/d). *The Detonator - Volume 33, Number 1 - Structured Generalization in Scent Training of Explosive Detection Canines*. Obtido em 26 de Abril de 2016, de Detection Dogs: <http://www.detectiondogs.com/articles/ScentGeneralization.pdf>
- Hilliard, S. (17 de Junho de 2003). *Principles of Animal Learning - Perspectives on animal learning theory*. Obtido em 04 de Abril de 2016, de Geneva International Centre for Humanitarian Demining: http://www.gichd.org/fileadmin/pdf/publications/MDD/MDD_ch1_part3.pdf
- Instituto de Estudos Superiores Militares. (2014). *Orientações Metodológicas Para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Estado-Maior General das Forças Armadas.
- Johnston, J. (Junho de 1999). *Canine Detection Capabilities: Operational Implications of Recent R & D Findings*. Obtido em 26 de Abril de 2016, de Bay Area Recovery K-9s: http://www.barksar.org/K-9_Detection_Capabilities.pdf
- Koehler, W. (07 de Julho de 2009). *The Koehler Method of Guard Dog Training*. Obtido em 28 de Abril de 2016, de https://sin.thechulhu.com/library/security/dog_training/THE_KOEHLER_METHOD_OF_Guard_Dog_Training.pdf
- Krol, W. (2012). Training the Combat and Operational Stress Control Dog. *The Army Medical Department Journal*, 46-50.
- Lima, H., Correia, J., & Bragança, A. (2007). 50 Anos dos Cães de Guerra nas Tropas Paraquedistas Portuguesas. *Boina Verde*, 9-12.

- Lindsay, S. R. (2000). *Handbook of Applied Dog Behavior and Training - Volume one - Adaptation and Learning*. Iowa: Blackwell Publishing.
- Manzini, E. (1990/1991). *A entrevista na pesquisa social*. São Paulo: Didática.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica - 5ª Edição*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Millan, C., & Peltier, M. J. (2010). *How to Raise the Perfect Dog: Through Puppyhood and Beyond Paperback*. New York: Tree Rivers.
- Miller, P. (2008). *The Power of Positive Dog Training - 2nd Edition*. New York: Wiley Publishing, inc.
- North Atlantic Treaty Organisation. (2014). *Military Working Dog (MWD) Capabilities - Ratification Draft*. Brussels: NATO Standardisation Agency (NSA).
- North Atlantic Treaty Organization Allied Medical Publication. (2014). *NATO Standar AMedP-8.4 Animal Care And Welfare And Veterinary Support During All Phases Of Military Deployments Edition A Version 1*. Brussels: NATO Standardization office (NSO).
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais - 2ª versão*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, B. (24 de Fevereiro de 2012). *O Condicionamento Operante: definição e Aplicações*. Obtido em 18 de Abril de 2016, de Cafe com Ciência: <http://cafe-com-ciencia.blogspot.pt/2012/02/o-condicionamento-operante-definicao-e.html>
- Rossi, A. (2002). *Adestramento Inteligente: com humor, amor e bom-senso*. Obtido em 15 de Abril de 2016, de [deei.fct.ualg](http://deei.fct.ualg.pt/~a20543/Adestramento%20Inteligente.pdf) : <http://deei.fct.ualg.pt/~a20543/Adestramento%20Inteligente.pdf>
- s/a. (2012). *Apresentação de Tática Geral e Operações Militares -Tarefas de Transição*. Lisboa: s/n.
- Sypesteyn, D. (Novembro de 2013). *Canines in Combat: Military Working Dogs*. Obtido em 26 de Abril de 2016, de San Antonio Magazine: <http://www.sanantoniomag.com/SAM/November-2013/Canines-in-Combat-Military-Working-Dogs/>
- Watson, P. (2011). *Understanding the instincts and behaviours of dogs and wolves. For dog trainers and the interested dogowner*. . London: Middlesex University.

APÊNDICES

Apêndice A - Especialidades Cinotécnicas no Exército Português

Quadro nº4 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Detecção de Explosivos

Binómio de Detecção de Explosivos		
Capacidades	Requisitos Mínimos	Tarefas Cinotécnicas Atribuídas
<ul style="list-style-type: none"> Efetuar buscas em áreas abertas, estradas, edifícios, meios de transporte e bens; Indicar armas de fogo, explosivos militares, comerciais ou de fabrico caseiro; Deve ser certificado a nível nacional, numa das tarefas apresentadas no ponto anterior. 	<p>Explosivos</p> <ul style="list-style-type: none"> Num compartimento: busca em quartos, vão de escadas e localizações similares; Pode ser usado com ou sem trela; Marcação por pointing. <p>Estrada</p> <ul style="list-style-type: none"> Estradas/caminhos atuando a 30/40m da força; Pode ser usado com ou sem trela, dependendo do tempo disponível e ameaça; Marcação por pointing; <p>Complexos/edifícios ocupados/desocupados, Áreas e bagagem/embalagens</p> <ul style="list-style-type: none"> Pode ser usado com ou sem trela, dependendo do tempo disponível e ameaça; Marcação por pointing; <p>Área com explosivos enterrados e busca a pontos sensíveis</p> <ul style="list-style-type: none"> Usado só com trela. Marcação por pointing; <p>Veículos</p> <ul style="list-style-type: none"> Verificação interna e externa dos mesmos; Pode ser usado com ou sem trela, dependendo do tempo disponível e ameaça; Marcação feita sentando e olhando para o local onde está o explosivo. 	<ul style="list-style-type: none"> Proteção da força; Recolha de informação e reconhecimento; Esclarecimento na ameaça de bomba; Apoio à limpeza de barricadas, edifícios e áreas; Busca de explosivos em volumes e bagagens; instalações; meios de transporte; Checkpoints; Busca de explosivos na projeção e retração de forças; Apoio na busca a entidades não militares que solicitem; Apoio ao treino.

	Busca em pessoas e busca de armas de fogo <ul style="list-style-type: none">• Busca é feita inicialmente na pessoa e depois em objetos que possa ter;• Marcação por pointing	
--	--	--

Fonte: Traduzido e adaptado de STANAG 2623 – Military Working Dog (MWD) Capabilities e PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares

Quadro nº5 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Detecção de Droga

Binómio de Detecção de Droga		
Capacidades	Requisitos Mínimos	Tarefas Cinotécnicas Atribuídas
<ul style="list-style-type: none"> Efetuar buscas em áreas abertas, pessoas, edifícios, veículos e bens; Trabalhar com ou sem trela; Treinados para detetar e indicar drogas ilícitas; Certificação a nível nacional com vista a cumprirem os Requisitos aqui apresentado. 	<p>Compartimentos</p> <ul style="list-style-type: none"> Atuar com trela em buscas orientadas ou sem trela em busca livre; Marcar de forma ativa ou passiva o lugar onde encontra a droga; <p>Em pessoas</p> <ul style="list-style-type: none"> Pode ser feito de forma individual ou com uma fila formada; Atuar com ou sem trela, dependendo da situação e do tempo; Marcar de forma ativa ou passiva a pessoa onde deteta a droga; <p>Complexos/edifícios ocupados/desocupados, áreas definidas e bagagem/embalagens</p> <ul style="list-style-type: none"> Atuar com ou sem trela, dependendo do tempo disponível e situação; Marcar de forma ativa ou passiva o lugar onde encontra a droga; <p>Veículos</p> <ul style="list-style-type: none"> Verificação interior e exterior dos mesmos; Atuar com ou sem trela, dependendo da situação ou tempo disponível; Marcar de forma ativa ou passiva o lugar onde encontra a droga; 	<ul style="list-style-type: none"> Apoio à investigação criminal; Recolha de informação e reconhecimento; Busca de estupefacientes em controlo de acessos; correspondência; volumes e bagagens; instalações; meios de transporte; Checkpoints; Busca de estupefacientes na projeção e retração de forças; Apoio na busca de estupefacientes a entidades não militares que o solicitem; Apoio ao programa para a prevenção e combate à droga e alcoolismo nas Forças Armadas; Apoio ao treino.

Fonte: Traduzido e adaptado de STANAG 2623 – Military Working Dog (MWD) Capabilities e PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares

Quadro nº6 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Exploração

Binómio de Exploração		
Capacidades	Requisitos Mínimos	Tarefas Cinotécnicas Atribuídas
<ul style="list-style-type: none"> • Procurar pessoas e seus vestígios em áreas, estradas e edifícios; • Trabalhar com ou sem trela; • Deve indicar ao condutor quando deteta presença humana; • Ser usado em patrulhas montadas ou apeadas, contribuindo para a proteção da força e apreensão de pessoal; • Certificação a nível nacional, tendo de cumprir os mínimos aqui apresentados. 	<p>Postos de Observação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Detetar atividade inimiga com recurso ao olfacto e audição; <p>Ataque</p> <ul style="list-style-type: none"> • Feito só a ordem; • Morder e segurar a vítima até o condutor mandar largar; • Este último ponto pode ser usado na busca de área para um elemento em fuga; <p>Proteção</p> <ul style="list-style-type: none"> • Defesa do condutor contra ataques; • Atua com trela; <p>Busca livre de área</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atua sem trela; <p>Busca em edifícios</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com ou sem trela; <p>Se devidamente treinado pode seguir rastos humanos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Patrulhamento apeado ou montado; • Proteção da força; • Apoio a operações de cerco e busca; golpe de mão e emboscada; • Limpeza de edifícios; • Recolha de informação e reconhecimento; • Resposta a alarme; • Busca e limpeza em áreas urbanas; túneis e compartimentos; • Busca e perseguição de indivíduos hostis; • Demonstração de força; • Deteção e busca de unidades/ elementos hostis; • Vigilância de itinerários; móvel e fixa; • Apoio às forças em guarda de flanco/avançada; • Apoio às forças em escalão de segurança e/ou exploração e às forças de intervalo; • Apoio à segurança de forças em reserva; • Segurança aos trens de unidades em combate; • Apoio ao treino; • Apoio a forças especiais, em seu resgate, segurança e reconhecimento especial.

Fonte: Traduzido e adaptado de STANAG 2623 – Military Working Dog (MWD) Capabilities e PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares

Quadro nº7 - Capacidades e Requisitos Mínimos segundo STANAG 2623 e Tarefas Cinotécnicas Atribuídas, segundo PDE 0-20-18 ao Binómio de Guarda

Binómio de Guarda		
Capacidades	Requisitos Mínimos	Tarefas Cinotécnicas Atribuídas
Não estabelecido pelo STANAG	Não estabelecido pelo STANAG	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de força; • Proteção da força; • Patrulhamentos apeados ou montados; • Segurança de áreas urbanas; • Segurança de edifícios; • Segurança de compartimentos; • Proteção de bens e propriedade; • Segurança em postos de controlo de acesso; • Controlo de ordem pública; • Segurança de Infraestruturas Críticas; • Proteção de Altas Entidades ou Alvos de Elevado Valor (HVT); • Segurança de Perímetro; • Detecção e detenção de Elementos Hostis; • Escolta a prisioneiros, Transporte de armamento e Munições; • Segurança a Infraestruturas Aeroportuárias; • Vigilância Móvel; • Vigilância Fixa; • Apoio às Forças de Intervalo; • Apoio à segurança de Forças em Reserva; • Segurança aos Trens de Unidades de Combate; • Apoio ao Treino

Fonte: Traduzido e adaptado de STANAG 2623 – Military Working Dog (MWD) Capabilities e PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares

**Apêndice B - Processo de aquisição no âmbito do Reabastecimento
relativos às Classes I, II e VIII**

Reabastecimento		
Classe I – Víveres	Classe II – Equipamento Individual do Cão	Classe VIII – Material Sanitário
<ul style="list-style-type: none"> • As U/E/O com canídeos enviam, até 15 de Janeiro de cada ano uma relação dos animais que possuem e a ração diária a vencer, segundo a fórmula: Capitação (gr.) = Peso do canídeo (gr.) / 100 + 300; • Deve ser comunicado, à DMT sempre que houver alteração ao efetivo; • Requisições de alimentação chegam à DMT com uma antecedência mínima de 20 dias; • A DMT após receber, verificar e analisar a requisição elabora a MN que envia à DA, sendo feito o pedido à MM que entrega as rações na U/E/O; 	<p>Fase implementação da U/E/O</p> <ul style="list-style-type: none"> • As dotações iniciais são definidas superiormente pelo EME, em função das missões atribuídas sendo fornecidas à U/E/O, sob processo próprio. • O recompletamento visa fazer fase ao material em falta na unidade apoiante depois de fornecer a dotação inicial. • Para missões específicas visa o apoio a essa missão tendo em conta a finalidade e a duração da missão, por processo próprio. <p>Após implementação da U/E/O</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reabastecimento para substituição do que falta da dotação na U/E/O. Suportado pela Entidade Gestora ou pela U/E/O. • Caso seja feito pela U/E/O deve ser feita uma requisição que após analisada e autorizada leva ao fornecimento do material. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fornecido pelo Laboratório Militar sobre indicação da Clínica de Canídeos do Exército

Fonte: Adaptado de PDE 4-46-00 Sistema Logístico do Exército

Apêndice C - Tipologia de Operação, Tarefas Primárias e Finalidade

	Tipologia de Operação			
	Ofensivas	Defensivas	Estabilização	Apoio Civil
Tarefas Primárias	<ul style="list-style-type: none"> • Marcha para o contacto; • Ataque • Ataque desorganizante; • Busca e ataque; • Cerco e busca; • Contra-ataque; • Demonstração; • Emboscada; • Finta; • Reconhecimento em força; • Golpe de mão; • Exploração do sucesso; • Perseguição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Defesa móvel; • Defesa de área; • Operações retrógradas; • Retardamento; • Rotura de combate; • Retirada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer um ambiente seguro e estável; • Apoiar o restabelecimento da segurança pública; • Apoiar a governação e o desenvolvimento ; • Restabelecer serviços essenciais; • Apoiar a recuperação e desenvolvimento de infraestruturas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio na prevenção e resposta a acidentes graves ou catástrofes; • Apoio na satisfação das necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida das populações; • Apoio na resposta a acidentes graves/incidentes NBQR-E; • Apoio a autoridades civis e forças e serviços de segurança no restabelecimento ou na manutenção da lei e ordem; • Outros apoios específicos.
Finalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Conquistar terreno decisivo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Provocar o insucesso do 	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar um ambiente seguro; 	<ul style="list-style-type: none"> • Salvar vidas;

	<ul style="list-style-type: none"> • Obter informações; • Privar o inimigo de recursos; • Iludir ou desviar a atenção do inimigo da área de realização do esforço; • Fixar forças inimigas; • Obter a iniciativa; • Desorganizar a ação ofensiva do inimigo; • Criar condições para a condução de uma operação de estabilização; 	<p>ataque do inimigo desgastando a sua capacidade ofensiva;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manter a posse do terreno e impedir o seu controlo por parte do inimigo; • Ganhar tempo; • Economizar forças de modo a permitir a sua concentração noutra local; • Forçar o inimigo a concentrar forças, ficando mais vulnerável aos fogos amigos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer áreas seguras; • Satisfazer as necessidades básicas da população; • Obter apoios para o governo da HN; • Moldar o ambiente para permitir a atuação, com sucesso, de forças de segurança e entidades civis nas suas atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Restabelecer serviços essenciais; • Melhorar a qualidade de vida das populações; • Manter ou restabelecer a lei e ordem; • Proteger infraestruturas e património; • Manter ou restabelecer as capacidades da administração civil; • Moldar o ambiente para facilitar o sucesso das atividades das autoridades civis.
--	---	---	---	---

Fonte: Adaptado de PDE 3-01-00 Tática de Operações de Combate – Volume I e PDE 3-00 Operações

Apêndice D - Tarefas de Transição e sua Caracterização

	Caracterização da operação
Reconhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Obtenção de notícias sobre forças inimigas, terreno e condições meteorológicas; pode ser feito por unidades especializadas ou não.
Segurança	<ul style="list-style-type: none"> • Visam garantir alerta oportuno sobre ações do inimigo de modo a permitir uma resposta atempada e eficaz. • Afastada – visa garantir informações, tempo e espaço; • Próxima – permitir que o grosso da força desenvolva para o combate com guarda a 360° mais postos de observação e escuta; • Local – proteção imediata direta das tropas, instalações, documentos e materiais. • Área da Retaguarda – proteger forças, instalações, comunicações e operações, contra forças inimigas ou causas naturais.
Combate de encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Combate entre duas forças em deslocamento, onde ambas são surpreendidas pela outra força.
Junção	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre quando, em território hostil, duas forças se encontram, fruto de serem largadas em pontos separados, caso ocorra uma rotura de cerco ou no final de uma ação em pontos distintos.
Extração de forças cercadas	<ul style="list-style-type: none"> • Visa romper o cerco feito por uma força inimiga, fazer uma junção de forças e retirar a força cercada para linhas amigas;
Substituição de unidades	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre quando uma força assume o papel de outra ou quando têm que passar por esta para cumprir a missão.
Redução de obstáculos	<ul style="list-style-type: none"> • Visa eliminar um obstáculo que impeça o movimento de uma força, quer em operações ofensivas, defensivas ou de estabilização, podendo ser campos de minas, obstáculos naturais ou outros.
Transposição de cursos de água	<ul style="list-style-type: none"> • Visa a transposição de cursos de água em operações ofensivas, defensivas ou de estabilização, sendo caracterizada por elevada vulnerabilidade devido à aproximação, travessia e reorganização.
Deslocamento de forças	<ul style="list-style-type: none"> • Visa fazer chegar uma força ao seu destino. Se for feito de forma tática, há necessidade de a força estar pronta a entrar em combate, caso seja de forma administrativa não há probabilidade de contacto contudo pode haver forças irregulares inimigas, armas de longo alcance ou ações aéreas do inimigo.

Fonte: Traduzido e adaptado de PDE 3-00 Operações, RC 130 – 1 Operações Vol I – Parte III e Apresentação Tática Geral e Operações Militares – Tarefas de Transição

Apêndice E - Operações de Apoio à Paz – Caracterização e Tarefas

Tipo de Operações de Apoio à paz	Caracterização	Tarefas
Restabelecimento da Paz	<ul style="list-style-type: none"> • É um processo por vias diplomáticas de mediação e negociação para a manutenção de um ambiente seguro; • Pode também haver demonstração de forças visando uma atmosfera de cooperação e apoio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apoios diplomáticos, de mediação e negociação; • Vigilância; • Sanções e Embargos; • Mediação; • Consiliação; • Ligações diplomáticas.
Consolidação da Paz	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre logo após terminar um conflito; • Visa o restabelecimento de infraestruturas necessárias ao normal funcionamento da sociedade; • Apoio à governação, criando um ambiente seguro e estável, seja pelo desarmamento das forças beligerantes seja pelo treino às Forças Armadas e Forças e Serviços de Segurança 	<ul style="list-style-type: none"> • Supervisar a retirada das forças beligerantes; • Assegurar a retirada das armas pesadas do local; • Monitorizar as fronteiras; • Supervisar a troca de prisioneiros, os movimentos de refugiados e deslocados; • Classificação; • Assistência na reconstrução de infraestruturas; • Assistência a operações de desminagem e inativação de IED's; • Apoio à reorganização da estrutura política; • Assistência na restauração ou estabelecimento da administração civil e da lei e ordem; • Supervisar a recolocação ou desmobilização das forças beligerantes.
Manutenção da Paz	<ul style="list-style-type: none"> • Há o consentimento para a operação da quase totalidade das forças beligerantes; • Visa uma monitorização e apoio a uma solução política de longo prazo; • Mesmo que as forças beligerantes entendam a força internacional como neutra, esta têm que estar preparada para uma mudança de paradigma. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observar e monitorizar o tratado de paz; • Observar o cessar-fogo e as linhas de demarcação territorial; • Confirmar a retirada de forças; • Monitorizar zonas onde poderá surgir novo conflito em busca de focos de tensão; • Assegurar os direitos humanos e a organização eleitoral em apoio ou conjunto com as Organizações Não-Governamentais (ONG's); • Inspeccionar áreas e instalações para garantir o cumprimento dos acordos de paz; • Estabelecer forças ou postos de observação; • Estabelecer controlo e supervisão sobre as estradas e terreno importante para que nenhuma força beligerante tenha posse delas; • Controlar zonas limite entre forças para evitar violações das mesmas; • Abrir estradas para a ajuda humanitária; • Escoltar comboios humanitários; • Operar juntos das forças beligerantes e do poder instituído de modo a estabelecer formas de solucionar conflitos ao mais baixo escalão; • Monitorizar os cessar-fogos; • Estabelecer zonas-tampão e iniciar a desmilitarização; • Reforçar ou apoiar autoridades civis;

		<ul style="list-style-type: none"> • Coordenar e apoiar os esforços humanitários e providenciar ou restaurar infraestruturas críticas; • Assistir no processo de controlo de refugiados e deslocados; • Criar infraestruturas jurídicas, governamentais e de segurança; • Identificar e desminar campos de minas; • Ajudar no restabelecimento da administração pública; • Separar e desmobilizar forças; • Negociar, fazer ligação e mediar acordos; • Investigar queixas e violações; • Supervisar a recolha e os campos de refugiados; • Supervisar consensos, referendos e eleições • A nível estritamente militar as forças devem manter a lei e ordem, efetuar operações militares, supervisar, administrar, proteger, reagir e controlar focos de conflito, coordenar retirada das forças beligerantes.
Imposição da Paz	<ul style="list-style-type: none"> • Visa, através da ameaça ou emprego de forças militares, manter ou restaurar a paz num local enquanto apoia os esforços diplomáticos para alcançar uma resolução política do conflito; • Pode ocorrer para separar partes em conflito; • A força internacional não é tida como neutra. 	<ul style="list-style-type: none"> • Restaurar a paz; • Proteção das operações humanitárias; • Estabelecer e proteger áreas seguras; • Impor sanções; • Garantir e negar movimentos; • Estabelecer e assegurar uma “no-fly-zone”; • Proteção dos direitos humanos.
Prevenção de Conflitos	<ul style="list-style-type: none"> • Caracteriza-se por ser uma antecipação a um conflito; • Visa evitar uma escalada da violência; • Acontece em três fatores: deteção oportuna, vigilância e medidas de estabilização 	<ul style="list-style-type: none"> • Ação preventiva; • Alerta atempado; • Vigilância; • Sanções e embargos; • Evacuação de não-combatentes; • Medidas de estabilização.
Operações Humanitárias	<ul style="list-style-type: none"> • Podem ser executadas em todos os tipos anteriores de operações; • Visa suprimir as necessidades básicas da população afetada por desastres naturais ou provocados pelo homem; • Normalmente são conduzidas por ONG’s; 	<ul style="list-style-type: none"> • Apoiar e proteger comboios humanitários; • Transporte de ajuda humanitária; • Apoio médico e de saúde; • Assistência na recolocação ou retorno de refugiados e deslocados; • Proteção dos direitos humanos; • Prevenção de desastres; • Criação de canais humanitários; • Desminagem humanitária; • Supervisionar troca de prisioneiros de guerra e movimentos de refugiados; • Manter, reparar e criar rotas e infraestruturas críticas.

Fonte: Traduzido e adaptado de PDE 3-65-00 Operações de Apoio à Paz – Táticas, Técnicas e Procedimentos e Peace Support Operations Handbook – Part 1

**Apêndice F - Guião da Entrevista realizada aos Comandantes de
Batalhão/Grupo**



ACADEMIA MILITAR

**Os Recursos Cinotécnicos e a sua necessidade no Exército
Português**

Autor: Aspirante de Cavalaria Júlio Emanuel Marques Oliveira

Orientador: Tenente – Coronel de Infantaria Paraquedista na Reserva António Pires

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Abril de 2016

Apresentação

A presente entrevista enquadra-se no âmbito da realização de um Trabalho de Investigação Aplicada decorrente do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria e cujo tema é “Os Recursos Cinotécnicos no Exército Português Como Fator Potenciador de Combate Credível e Útil”. É objetivo desta entrevista recolher dados sobre a sua visão pessoal e profissional acerca do Emprego dos meios Cinotécnicos e sua estrutura de apoio, bem como todo o que é preciso criar ou modificar na mesma para que o referido Emprego seja feito de forma a rentabilizar os referidos recursos. Para isso pretende-se fazer uma análise de conteúdo dos dados recolhidos, entrevistando algumas pessoas que, neste momento, estão ligadas diretamente a este assunto e que se consideram detentoras de conhecimento vital para a realização deste trabalho. O guião que se apresenta tem como finalidade estabelecer uma ordem e um fio condutor para os temas a abordar durante a entrevista, sendo que podem ser elaboradas outras questões que não as expressas neste guião de modo a encaminhar ou salientar algum assunto apresentado.

Grato pela sua colaboração,

Atenciosamente

Júlio Emanuel Marques Oliveira

Aspirante de Cavalaria

Guião da Entrevista

Antes de iniciar a Entrevista, coloca alguma objeção à gravação da presente Entrevista sendo a mesma usada como base de sustentação no trabalho de investigação aplicada que me encontro a desenvolver?

Entrevistado:

Local:

Cargo atual:

Questões:

1. Quais as missões atribuídas à Unidade da qual é Comandante?
2. Como se integram os Binómios no apoio à (Unidade em questão)?
3. Quais as vantagens/ inconvenientes da integração de Binómios na (Unidade em questão)?
4. Quais são as tarefas que assumem prioritária importância no apoio à (Unidade em questão) dos binómios cinotécnicos nos atuais moldes?
5. Quais são as tarefas que, na sua opinião, são importantes garantir no apoio à (Unidade em questão) tendo em conta as suas missões, seja em TN ou em TO?
6. Para uma atuação com eficiência máxima da (Unidade em questão), quantos Binómios deveriam existir em apoio à sua unidade com capacidade para cumprir cada uma das especialidades apresentadas?
7. A nível de treino operacional / emprego em Operações como é acionado / pedido o apoio dos recursos cinotécnicos?
8. De modo a garantir a correta interação entre as forças, qual deverá ser a regularidade de treinos conjuntos entre a sua unidade e a unidade que lhe presta apoio cinotécnico? E quantos são feitos atualmente?
9. Como Comandante de uma força que pode recorrer ao apoio cinotécnico julga este recurso proveitoso para a instituição, nos moldes em que opera?

- Se sim, porque? Se não, quais as modificações necessárias efectuar para que este recurso se torne um potenciador de combate da unidade da qual é Comandante?
10. Como Comandante da (Unidade em questão) como vê a necessidade de criação de Doutrina no âmbito da cinotecnia, e de que forma esta condiciona/ beneficia o emprego das mesmas, ao seu nível de comando?
 11. Considerando o carácter e as características físicas dos cães em uso nas FFAA quais as vantagens e inconvenientes do uso destes meios nos diversos tipos de operações que podem ser atribuídos à sua unidade?
 12. De um ponto de vista psicológico, julga as (Unidade em questão) mais confiantes no desempenho das suas funções tendo a presença de um cão em apoio às suas tarefas?

**Apêndice G - Guião da Entrevista realizada aos Comandantes das
unidades cinotécnicas do Exército Português**



ACADEMIA MILITAR

**Os Recursos Cinotécnicos e a sua necessidade no Exército
Português**

Autor: Aspirante de Cavalaria Júlio Emanuel Marques Oliveira

Orientador: Tenente – Coronel de Infantaria Paraquedista na Reserva António Pires

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Abril de 2016

Apresentação

A presente entrevista enquadra-se no âmbito da realização de um Trabalho de Investigação Aplicada decorrente do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria e cujo tema é “Os Recursos Cinotécnicos no Exército Português Como Fator Potenciador de Combate Credível e Útil”. É objetivo desta entrevista recolher dados sobre a sua visão pessoal e profissional acerca do Emprego dos meios Cinotécnicos e sua estrutura de apoio, bem como todo o que é preciso criar ou modificar na mesma para que o referido Emprego seja feito de forma a rentabilizar os referidos recursos. Para isso pretende-se fazer uma análise de conteúdo dos dados recolhidos, entrevistando algumas pessoas que, neste momento, estão ligadas diretamente a este assunto e que se consideram detentoras de conhecimento vital para a realização deste trabalho. O guião que se apresenta tem como finalidade estabelecer uma ordem e um fio condutor para os temas a abordar durante a entrevista, sendo que podem ser elaboradas outras questões que não as expressas neste guião de modo a encaminhar ou salientar algum assunto apresentado.

Grato pela sua colaboração,

Atenciosamente

Júlio Emanuel Marques Oliveira

Aspirante de Cavalaria

Guião da Entrevista

Antes de iniciar a Entrevista, coloca alguma objeção à gravação da presente Entrevista sendo a mesma usada como base de sustentação no trabalho de investigação aplicada que me encontro a desenvolver?

Entrevistado:

Local:

Cargo atual:

Questões:

1. Como estão organizadas organicamente as equipas cinotécnicas? E na prática?
2. Qual o número de cães que possuem atualmente?
3. Quais as especialidades dos mesmos?
4. Que unidades militares ou entidades civis apoiam atualmente?
5. Tendo em conta a especialidade de cada binómio, qual o leque de tarefas que podem ser garantidas pelos recursos cinotécnicos desta Unidade tal como hoje estão organizados?
6. Tendo em conta a atual diversidade de ambientes operacionais, as MIFA e o apoio que pode ser prestado pelas Forças de Segurança e entidades civis julga pertinente a existência de Binómios de Busca e Salvamento no Exército Português?
7. Como se dá o processo de aquisição de cães e quais os custos associados? É o processo mais vantajoso?
8. Qual o processo de treino/ manutenção e emprego operacional de cada cão e custo associado ao mesmo tendo em conta cada especialidade?
9. Qual o tempo e etapas de treino de cada cão até estar apto a desempenhar a sua tarefa específica?
 - O processo de treino quer a nível de técnicas quer a nível de parcerias entre os ramos das FA e Forças e Serviços de Segurança está no seu estado ótimo ou há coisas que podem ser rentabilizadas, seja a nível económico seja a nível de eficiência no treino?

10. Qual a regularidade exigida de treinos para que o cão se mantenha operacionalmente apto?
11. Além dos treinos exigidos há provas de avaliação para testar as capacidades/ prontidão dos cães? Quais os custos associados?
12. A nível de treino operacional / emprego em Operações como é acionado / pedido o apoio dos recursos cinotécnicos?
13. Qual o tempo de vida útil de um cão para cada uma das tarefas que desempenha? Podem-se adaptar, constantemente ao longo da vida à realização de diferentes tarefas?
14. Quais os requisitos, tempo e custos de treino de um condutor para cada especialidade cinotécnica?
 - Onde são feitos os treinos? O modelo usado é o mais eficiente ou há algo que possa rentabilizar ainda mais este treino?
15. Quais as implicações que o fim do tempo de serviço militar do condutor / troca de unidade trás às unidades cinotécnicas nomeadamente a nível de Recursos Humanos e manutenção do treino?
16. Qual o custo da projeção de um Binómio para um TO, tendo em conta todas as implicações logísticas em torno do cão e do seu condutor?
17. Do seu ponto de vista quais as vantagens/ inconvenientes da criação de Doutrina aos diferentes níveis táticos?
 - No que concerne à legislação em vigor no país, esta é uma barreira à atuação da cinotecnia da FA em missões de interesse público?
18. Da sua experiência como vê a integração de meios cinotécnicos em equipas de Operações Especiais e de Comandos tendo em conta as suas missões específicas? Já foi feito algum treino integrado nestas forças?
19. A atuação de equipas cinotécnicas em ambiente urbano exige algum treino específico? Se sim, quais os custos do mesmo?
20. Do ponto de vista morfológico e de carácter quais as vantagens/ inconvenientes para a força do uso de meios cinotécnicos nos diversos tipos de operações?

21. Pesando as implicações financeiras e as vantagens que os cães trazem à força em prol da qual operam justifica-se este recurso no Exército Português nos atuais moldes?

- * Se sim, porque? Se não, quais as modificações necessárias efectuar para que este recurso se torne um potenciador de combate das unidades que a ele recorrem, além das já apresentadas?

**Apêndice H - Guião da Entrevista realizada aos Comandantes das
unidades cinotécnicas da Força Aérea, Marinha e GNR**



ACADEMIA MILITAR

**Os Recursos Cinotécnicos e a sua necessidade no Exército
Português**

Autor: Aspirante de Cavalaria Júlio Emanuel Marques Oliveira

Orientador: Tenente – Coronel de Infantaria Paraquedista na Reserva António Pires

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Abril de 2016

Apresentação

A presente entrevista enquadra-se no âmbito da realização de um Trabalho de Investigação Aplicada decorrente do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria e cujo tema é “Os Recursos Cinotécnicos no Exército Português Como Fator Potenciador de Combate Credível e Útil”. É objetivo desta entrevista recolher dados sobre a sua visão pessoal e profissional acerca do Emprego dos meios Cinotécnicos e sua estrutura de apoio, bem como todo o que é preciso criar ou modificar na mesma para que o referido Emprego seja feito de forma a rentabilizar os referidos recursos. Para isso pretende-se fazer uma análise de conteúdo dos dados recolhidos, entrevistando algumas pessoas que, neste momento, estão ligadas diretamente a este assunto e que se consideram detentoras de conhecimento vital para a realização deste trabalho. O guião que se apresenta tem como finalidade estabelecer uma ordem e um fio condutor para os temas a abordar durante a entrevista, sendo que podem ser elaboradas outras questões que não as expressas neste guião de modo a encaminhar ou salientar algum assunto apresentado.

Grato pela sua colaboração,

Atenciosamente

Júlio Emanuel Marques Oliveira

Aspirante de Cavalaria

Guião da Entrevista

Antes de iniciar a Entrevista, coloca alguma objeção à gravação da presente Entrevista sendo a mesma usada como base de sustentação no trabalho de investigação aplicada que me encontro a desenvolver?

Entrevistado:

Local:

Cargo atual:

1. Qual o número de cães que possuem atualmente?
2. Quais as especialidades dos mesmos?
3. Como se encontram os binómios distribuidos pelas unidades da (Unidade em questão) e quais as vantagens/inconvenientes que isso tráz a nível de treino/manutenção e emprego operacional dos mesmos?
4. Considerando o carácter e as características físicas dos cães em uso nas FFAA quais as vantagens e inconvenientes do uso destes meios nos diversos tipos de operações que podem ser atribuídos à sua unidade?
5. Como estão organizadas doutrinariamente as equipas cinotecnicas? E na prática? Quais as vantagens/inconvenientes de tal organização?
6. Como se dá o processo de aquisição, treino, manutenção e emprego operacional dos cães? E quais os custos associados ao mesmo (quais as alterações que podem ser efetuadas/pensadas de modo a uma rentabilização deste processo)?
 - Há diferenças consoante a especialidade?
 - Qual o tempo e etapas de treino de cada cão até estar apto a desempenhar a sua tarefa específica?
7. Qual o tempo de vida útil de um cão para cada uma das tarefas que desempenha? Podem-se adaptar, constantemente ao longo da vida à realização de diferentes tarefas?
8. Quais os requisitos, tempo e custos de treino de um condutor para cada especialidade cinotecnica?

- Onde são feitos os treinos?
- 9.** Os condutores fazem toda a sua vida operacional nesta especialidade ou ao fim de um determinado tempo saiem da mesma? Quais as implicações que isso traz às unidades cinotecnicas nomeadamente a nível de Recursos Humanos e treino?
- 10.** Qual o custo da projeção de um Binómio para um TO, tendo em conta todas as implicações logísticas em torno do cão e do seu condutor?
- 11.** Do seu ponto de vista quais as vantagens/ inconvenientes da criação de Doutrina aos diferentes níveis táticos?
- No que concerne à legislação em vigor no país, esta é uma barreira à atuação da cinotecnia da (Unidade em questão) em missões de interesse público?
- 12.** Se for possível uma comparação analisando por um lado os custos e por outro as vantagens que este recurso traz à força em prol da qual opera, julga que a cinotecnia deve continuar nos atuais moldes ou há modificações que devem ser postas em prática além daquelas que já foram referidas?

**Apêndice I - Guião da Entrevista realizada a um Médico Veterinário
especialista na temática abordada**



ACADEMIA MILITAR

**Os Recursos Ciotécnicos e a sua necessidade no Exército
Português**

Autor: Aspirante de Cavalaria Júlio Emanuel Marques Oliveira

Orientador: Tenente – Coronel de Infantaria Paraquedista na Reserva António Pires

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Abril de 2016

Apresentação

A presente entrevista enquadra-se no âmbito da realização de um Trabalho de Investigação Aplicada decorrente do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria e cujo tema é “Os Recursos Cinotécnicos no Exército Português Como Fator Potenciador de Combate Credível e Útil”. É objetivo desta entrevista recolher dados sobre a sua visão pessoal e profissional acerca do Emprego dos meios Cinotécnicos e sua estrutura de apoio, bem como todo o que é preciso criar ou modificar na mesma para que o referido Emprego seja feito de forma a rentabilizar os referidos recursos. Para isso pretende-se fazer uma análise de conteúdo dos dados recolhidos, entrevistando algumas pessoas que, neste momento, estão ligadas diretamente a este assunto e que se consideram detentoras de conhecimento vital para a realização deste trabalho. O guião que se apresenta tem como finalidade estabelecer uma ordem e um fio condutor para os temas a abordar durante a entrevista, sendo que podem ser elaboradas outras questões que não as expressas neste guião de modo a encaminhar ou salientar algum assunto apresentado.

Grato pela sua colaboração,

Atenciosamente

Júlio Emanuel Marques Oliveira

Aspirante de Cavalaria

Guião da Entrevista

Antes de iniciar a Entrevista, coloca alguma objeção à gravação da presente Entrevista sendo a mesma usada como base de sustentação no trabalho de investigação aplicada que me encontro a desenvolver?

Entrevistado:

Local:

Cargo atual:

1. No que toca a cinotécnia a nível mundial com que países e em que Teatros de Operações já serviu?
2. Quais as tarefas que, tendo em conta os diferentes ambientes operacionais, devem ser garantidas atualmente pela cinotécnia?
3. Tendo em conta os vários ambientes operacionais (com diferentes climas, tipo do solo, ambiente NBQR) quais as vantagens e desvantagens que os mesmos apresentam ao uso do cão?
4. Do ponto de vista da força quais as vantagens/desvantagens que a mesma apresenta quando apoiada pelos meios cinotécnicos?
5. Tendo em conta todas as forças com que trabalhou como vê o futuro da cinotécnia, a nível de treino, emprego operacional e apoio logístico/ sanitário?
6. Quais as vantagens e inconvenientes que vê na atuação conjunta/ combinada das várias unidades cinotécnicas (seja forças e serviços de segurança ou Forças Armadas)?
 - Deve cada ramo por de parte as suas missões e investir numa especialidade ou deve haver as várias especialidades em todos?
7. No âmbito do apoio sanitário qual o modelo que julga ótimo para se corresponder às necessidades de um binómio quer em TN quer em TO (seja a nível de vacinação, medicamentos, conhecimentos de primeiros socorros pelo condutor)? E o mínimo aceitável?

8. Do seu ponto de vista quais as vantagens/ inconvenientes da criação de Doutrina aos diferentes níveis táticos?
9. Considerando o carácter e as características físicas dos cães em uso nas FFAA quais as vantagens e inconvenientes do uso destes meios nos diversos tipos de operações que podem ser atribuídos à sua unidade?

Apêndice J - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD nº1

Entrevistados	Argumentação
E1	<ul style="list-style-type: none"> • “ (...) , aumento de valência, aumento das capacidades no cumprimento das missões PE; as vantagens são todas as resultantes do seu emprego fruto das características físicas”; • “Deve também haver um refinar da raça para cada função”; • “A nível de controlo de tumultos o cão apresenta uma ação quase decisiva na dissuasão dos elementos hostis, julgo que uma força fica mais confiante se tiver disponíveis dois ou três binómios. (...) deteção estes fazem um rastreio mais rápido e fidedigno se treinados de modo a que não se gere confusão na cabeça do cão e faça marcações menos precisas”.
E2	<ul style="list-style-type: none"> • “é sempre um multiplicador, da capacidade de alerta, segurança e prevenção.” • “Integrado na segurança o alerta que um cão pode dar é muito oportuno, no controlo de tumultos são importantes pois as pessoas estando lá o cão já não se chegam” • “O cão humanizanos sempre mais, dá-nos humildade e a relação com o meio canino dá-nos muitos benefícios, de feitio, de maneira de estar, de tranquilidade, etc.”
E3	<ul style="list-style-type: none"> • “Claro que é um potenciador de combate pelas características que os cães possuem” • “ (...) , mais valia em termos de segurança”; • “ (...) ,o emprego de cães melhora os resultados e garante economia de recursos.”
E4	<ul style="list-style-type: none"> • “ (...) para habituação do cão aos ambientes”; • “ (...) , binómios constituem uma mais valia significativa para a nossa atividade ” • “O emprego do cão seja em que área for têm que ter sempre em atenção a própria psicologia canina pois o cão têm a sua visão das coisas, reage segundo o seu temperamento, a sua maneira de ser”; • “No treino se insistir na reação aos imprevistos, o cão não reaja intempestivamente quando algo surgir e no controlo de tumultos mais razão há para isso”; • “Não tenho dúvidas que o cão pode trazer um benefício em termos de cumprimento da missão de CRC, pela característica da dissuasão”.
E5	<ul style="list-style-type: none"> • “Os seus estímulos são muito mais apurados”; • “Efeito psicológico”; • “O cão não é tão robusto, não aguenta tanto como o homem, tem que carregar e poderá ficar mais stressado com as grandes diferenças de temperatura que se verificam nos saltos. O silêncio, por vezes é preciso o silêncio e nem sempre temos isso do cão”; • “O tipo de cão tem que ser um cão especial, tem que ser um cão robusto, que não coma muito, tem que ser um cão resistente, tem que ser um cão silencioso, um cão que está habituado a tiros e um cão que sabe obedecer às ordens do tratador, sem ordens verbais”; • “A vida do cão é mais barata que a vida de um homem; (...), uso de força letal ou de força não-letal, além de conseguir detetar mais”; • “O nível tático que queremos leva muito treino ser cães mais velhos e é preciso qualidade inatas do cão para fazer isso”; • “As equipas ficam mais confiantes”.
E6	<ul style="list-style-type: none"> • “Reduzir os homens empenhados na segurança, acrescentando as capacidades dos cães de deteção que é muito superior à dos próprios homens”; • “A utilização dos cães é motivo para transmitir confiança, é um acréscimo àquilo que tu possuis e dá sempre mais confiança”; • “Os cães também têm dificuldades, trabalhar com calor, trabalhar com frio. O animal se não tiver adaptado às condições adversas, ao frio passa pior do que nós, assim os inconvenientes serão as condições meteorológicas.”;
E7	<ul style="list-style-type: none"> • “Em termos psicológicos as missões cumprem-se na mesma”.

E8	<ul style="list-style-type: none"> • “Sendo o cão um animal de grande valor afetivo, é sem dúvida um potenciador da capacidade psicológica do militar e consequente da moral da Unidade”
E9	<ul style="list-style-type: none"> • “Cães se destaquem, que tenham características de temperamento e de carácter para serem empenhados no emprego tático são aqueles que o treino vai ser explorado nesse sentido”; • “Porque o tempo de trabalho de um cão, com intensidade, pode ir até trinta minutos e depois tem que ser retirado”; • “Partir dos 16 meses é que se começa o treino mais vocacionado para a missão”; • “Fase às características, têm que errar para saber qual o caminho a seguir, tem que haver sempre algo negativo para que o cão perceba a diferença entre o caminho certo e o caminho errado, na fase sensível do “in printing”, dos oito aos quinze meses atravessam outra fase sensível, a fase do medo, que é uma fase muito complicada de trabalhar o cachorro e é aqui que se perdem muitos cães”; • “Pois, tendo o cão no terreno é um elemento que vai potenciar as capacidades e o potencial de combate daquela força e vai motivar aquela força”; • “Da uma liberdade de movimento à tropa fantástica”; • “Para determinado tipo de missões tem de ter uma disciplina de ruídos muito rigorosa, o próprio arfar pode ser detetado muito longe, a própria vontade, os cães dão resposta muito mais rápido a determinados instintos do que dão aos nossos comandos, podem-se distrair com outros odores, com outros animais, podem ativar o seu instinto de caça, podem detetar cadelas em cio”; • “Tem que haver sempre uma adaptação do cão à equipa no âmbito de uma missão que o cão em vez de ir para um determinado alvo ataque um camarada da equipa, o que não pode acontecer; Um cão têm de atingir a proeficiência em todos os ambientes”;
E10	<ul style="list-style-type: none"> • “O processo mais adequado de treino/manutenção e emprego operacional de um canídeo deve começar às 8 semanas de vida do cachorro; se tudo correr bem o cão estará apto para emprego operacional a partir de 1 ano e meio/ 2 anos”; • “Os cães de Guarda fruto da especificidade das tarefas a desempenhar exige uma maior maturidade”; • “No meu entender o cão deve ser criado e trabalho desde o seu nascimento, até estar apto para o serviço entre 1 ano e meio a 2 anos. Deve ter diferentes etapas de treino, começando por um processo de sociabilização inculcando-lhe já a obediência, esta é a primeira fase do treino do cão depois temos de ensinar-lhe exercícios complexos ou funções especializadas”;
E11	<ul style="list-style-type: none"> • “Os cães como têm capacidades sensoriais melhores que as dos humanos em termos de complexão física, termos da procura de um determinado alvo seja efectivamente uma mais-valia”; • “(...),mantenham o comportamento de busca, aquela vontade”; • “São precisos cães com capacidades para, em quaisquer condições climáticas fazer a deteção rapidamente, exige velocidade, exige que um cão não se desgaste rapidamente”; • “O cão, naturalmente, já vai procurar”; • “Se forem cães procriados ou oferecidos o treino inicia-se nas 6-8 semanas com um objetivo que é a socialização do cão com tudo o que é o mundo que o vai rodear. A partir dos 3-4 meses começasse a fazer um treino já mais dirigido; na parte da deteção, ali com 5-6 meses o cão já vai ser induzido a algo”; • “O cão não esquece”.
E12	<ul style="list-style-type: none"> • “Continua a ser muito credível rivalizando mesmo com equipamento eletrónicos na deteção”; • “Capacidade de chegar onde as máquinas não chegam, quando comparado com os sistemas raio-x o cão faz deteção de droga e explosivos em movimento”; • “Considera-se apto operacionalmente aos 2 anos”.
E13	<ul style="list-style-type: none"> • “É aconselhável que as equipas cinotécnicas sejam rendidas de 2 em 2h uma vez que se acentua o cansaço do canídeo”; • “Os critérios gerais de seleção dos canídeos para a guarda são: serem do sexo masculino; corresponderem ao padrão da raça terem idade compreendida entre 18 e

	<p>30 meses de caráter não obrigatório, é a existência de <i>pedigree</i>, e a garantia de ausência de displasia da anca e Leishmaniose”;</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Apresentação, elegância, musculatura, porte, robustez, peso, altura, etc”; • “Reações a estímulos”; • “Têm um efeito dissuasor considerável e aumentam as capacidades”; • “Os cães trazem um acréscimo de faculdades, qualidades e capacidades”;
E14	<ul style="list-style-type: none"> • “No âmbito da deteção é um elemento chave pois permite fazer com uma distância de segurança a busca e deteção de engenhos explosivos em áreas abertas, itinerários, edifícios”; • “Os binómios por sua vez tem um período de trabalho mais curto, requerem treino contínuo, não operam em quaisquer condições de temperatura”; • “Faz o que é feito com um detetor de metais, mas permite fazer a deteção às mais longas distâncias é mais rigoroso do que o detetor de metais, o detetor de metais só deteta componentes metálicos, cão consegue detetar pela substância explosiva, pode detetar por outras componentes que sejam colocadas no engenho e não sejam necessariamente explosivas. Por influência magnética o detetor de metais pode iniciar o mesmo e o cão não vai nunca intervir com o engenho explosivo; tem como vantagens a segurança”; • “Do ponto de vista da fiabilidade, eu sei que tenho uma ferramenta com grande fiabilidade que é capaz de o fazer aí sim pode aumentar a confiança de uma equipa EOD”; • “Do ponto de vista afetivo, nas equipas cinotécnicas o cão tem um relacionamento muito específico com o seu binómio”;
E15	<ul style="list-style-type: none"> • “Dependendo da função que eles tenham nós conseguimos desenvolver o cão para (...)”; • “Um cão de intervenção tática têm que ser um cão silencioso”; • “(...) mas já na ordem pública, sim, eu quero um cão que mostre essa força”; • “Cão patrulha, têm que ser um cão que até é relativamente sociável”; • “Não tem displasia de anca, de cotovelo, carácter próprio”; • “Se eu tenho um cão que vai na frente de um comboio gigante e ele deteta o explosivo a 30 cm, ninguém consegue fazer nada. Eu quero que o cão identifique 20m à frente, porque é possível ele identificar 20m à frente”; • “Cão é fundamental para reduzir o número de homens, pois com um cão consigo fazer uma busca numa área gigantesca em que provavelmente preciso de 100 homens para fazer a busca nessa mesma área” • “(...), implica o cão pensar, implica o cão desenvolver uma linha de raciocínios que quando o cão estiver no meio da confusão ele toma uma decisão”; • “Se tiver numa equipa de minas e armadilhas, só quero um cão que detete explosivos com o nariz; se eu quiser impedir a fuga de alguém têm que ser um cão pesado; Se eu quero um cão para uma função rápida vou a um cão de 20/25 kg”; • “Vai permitir avançar mais rapidamente no ambiente, o cão acelera, faz com que seja mais eficaz, mais rápido e com muito menos morte, a atuação nos diversos climas exige sim um treino de habituação aos materiais e ambientes”; • “Há muitos que dizem que é limitação do cão a temperatura ambiente, não, isso quer dizer que o cão não tem preparação física”;
E16	<ul style="list-style-type: none"> • “(...), características físicas possam trazer vantagens às nossas forças na deteção de ameaça; (...) as limitações, pois o cão pode fazer barulho e isso iria colocar logo a descoberto a nossa força”

Fonte: Entrevistas realizadas aos elementos referidos na Amostragem

Apêndice K - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD n°2

Entrevistados	Argumentação
E1	<ul style="list-style-type: none"> • “Necessidade de sustentação logística em caso de projeção, nomeadamente a nível de apoio sanitário, devido às regras internacionais do período de quarentena, ração, necessidade de instalações e apoio sanitário próprio”; • “(...), aquisição de animais e infraestruturas” • “Inconvenientes também a nível de suporte logístico é a necessidade de transporte em canis táticos e a sua obtenção e utilização torna-se dispendiosa para o GPE.” • “Temos que ver também as características dos condutores a nível de recursos humanos pode se mostrar como uma desvantagem”
E2	<ul style="list-style-type: none"> • “Por exemplo eu vou-me deslocar com uma coluna daqui até braga, tenho que parar de 1:30h em 1:30h para lhes dar água, o que pode limitar um bocado, para além dos custos financeiros e logísticos”. • “Aplicados na deteção de droga e aqui deviamos, em número estar um bocadinho acima, não muitos mas mais alguns cães, até para poupar os que temos mas isso implica mais tratadores, mais militares, mas também não me vale a pena ter um tratador com 5 ou 6 cães, porque também não tem tempo para os treinar todos.”
E3	<ul style="list-style-type: none"> • “Actualmente temos cerca de 2 dezenas de cães. Esse número é suficiente, o número de operadores/condutores é que é insuficiente”.
E4	<ul style="list-style-type: none"> • “O comandante do módulo cinotécnico têm que ser uma pessoa com conhecimentos, com formação, eu diria até, com apetência para esta área”; • “Há uma série de limitações/restrições, a questão do apoio logístico o apoio sanitário, o serviço veterinário. No âmbito logístico, os meios de apoio à instrução; em termos de pessoal o pessoal que está no módulo cinotécnico têm que ser pessoal preparado e formado, a gestão deste pessoal é mais ponderada pois a pessoa têm que passar por um período de formação de modo a tirar o máximo de rendimento dos meios”; • “O Exército não tem muitas ofertas formativas nesta área a recorrer a outras instituições fora do Exército. Outra limitação: a obtenção dos cães, porque não temos criação de cães e não temos neste momento um sistema, bem consolidado em termos de obtenção dos cães” • “Eu não gostaria de estar a falar em números porque os recursos que nós temos dependem sempre da missão. Referir um número julgo que não é relevante, é relevante criar um sistema que permita responder às questões e que seja evolutivo; Obtenção dos cães e, quando houver um sistema de fato implementado aí sim podemos partir para outro momento, ver quais são de facto as nossas necessidades; tudo isto depende dos recursos humanos que tivermos”
E5	<ul style="list-style-type: none"> • “O cão necessita comer de forma mais regular, não consegue carregar o peso que o homem; será o cão que terá de levar a sua própria comida” • “Uma missão em que o emprego do BOAT acontece como um todo, implica o emprego da BRR na sua maioria, eu vejo a necessidade de 3 equipas para me sentir confortável, eventualmente 4 (uma equipa para cada BIPARA, uma equipa para mim, BOAT, para reforço dos precursores em caso de necessidade e uma equipa para garantir a segurança próxima ao destacamento de apoio aéroterrestre). De momento há apenas 2, mas temos de considerar que o BOAT nem sempre trabalha na totalidade”. • “Alimentação do cão é, na perspetiva ótima, de ser o mesmo a transporta-la”.
E6	<ul style="list-style-type: none"> • “Podemos ir para um racional de um pelotão - dois binómios, mas lá está é estar a dar um número sem certeza”; • “Suporte logístico, tratar os cães, alimentar os cães e as dificuldades que os cães passam, a sustentação logística e o próprio emprego se tiver que projetar. A projeção dos cães, mediante as leis desse país tem que obedecer a determinados parametros,

	<p>nomeadamente os cães ficarem de quarentena durante determinado tempo até poderem ser libertos para serem empregues, fundamentalmente a manobra logística é o fator mais limitativo.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Isso tem mais a ver com a capacidade de sustentação e de ter os cães alojados e alimentados, com a unidade, do que o número e depende também do que é a área de emprego e em que enquadramento nos estamos a falar; em tempo de paz em termos os binómios é mais fácil, se forem em operações a coisa torna-se mais difícil, dependendo das condições que o local tiver de ter os cães • “Nós temos um curso de treinador/ tratador de cães mas, na verdade os nossos graduados ou é gente que adquiriu competências no civil, ou é gente que vai tirar alguns cursos fora do Exército, o que também não é fácil e nós precisavamos era mesmo de lecionar o curso de treinador de cães.
E7	<ul style="list-style-type: none"> • “Entanto carece de situações práticas, os cães têm uma tipologia própria de assistência veterinária, uma tipologia de alimentação própria, a parte de serviços, que não existe nos BIPARA que são uma força onde transportam a suas próprias munições e alimentação faz com que os cães também tenham essa metodologia de emprego, para poderem ser eficientes e acompanhar as forças no terreno tudo o restante pode ser conseguido a partir das forças de apoio geral”; • “Se estamos a falar de uma missão típica de paraquedistas não há veterinários e será o próprio condutor que terá de ter noções básicas em veterinária e que se terá de preocupar com a respetiva alimentação do cão.” • “Eu julgo que uma seção, para efeitos iniciais, de uma valência que não foi testada ainda, é o suficiente”
E8	Não refere
E9	<ul style="list-style-type: none"> • “Na PDE há três processos de aquisição, a aquisição propriamente dita, a reprodução e é a doação de alguns anos para cá temos garantido o nosso efetivo através de produção própria, e doações. Adquirir cães com características muito particulares custam dinheiro, os cães que nos dão não tem essas características e nós temos de ir tentando moldar o cão, faz-nos perder muito mais tempo e sem garantias, para construir cães nesse sentido, às vezes temos sorte outras vezes não.” • “Em termos militares, para ganhar tempo o processo mais vantajoso seria a aquisição, pois, na aquisição iríamos adquirir cães com cerca de dois anos e esses cães já teriam uma base de trabalho, já nos permitem desenvolver em outras direções mais especializadas, contudo já trás um comportamento/ temperamento que já está vincado. • “A parte da reprodução tem desvantagens, porque podemos ter dois bons reprodutores mas nós não sabemos o que vai sair desses reprodutores e vamos supor de uma ninhada de sete cachorros se tirarmos 3 ou 4 cães bons para o serviço é uma boa ninhada”; • “A fase do medo, que é uma fase muito complicada de trabalhar o cachorro e é aqui que se perdem muitos cães é um dos riscos da criação” • “Os custos associados à reprodução é a alimentação, a profilaxia, o tempo que os militares tem de dispender pois enquanto estão a tratar da ninhada, começam a pegar no cachorro, não estão a trabalhar os seus cães, e é preciso pensar isto neste método, por outro lado por exemplo, nós vamos tendo cães com consanguinidade muito próxima e chega a uma altura que deixa de ser possível fazer reprodução”. • “Nós estipulamos que o tempo de vida útil seria em média os oito anos, há cães que podem trabalhar até morrer e há cães que podem trabalhar até aos oito anos e começam a decrescer o rendimento, a ser mais dispendiosos nós tentamos que o cão que atinga aquele limite de idade seja substituído por outro jovem pois aquele cão ainda está em condições de ser utilizado com muito menos intensidade”; • “O cão tem que ser treinado para aqueles cenários, treino em situações similares para que o cão não estranhe e quanto mais o cão próximo for da equipa que vai cumprir a missão maior é a probabilidade de sucesso”; • “Os custos são os associados ao salário e custos diários, alojamentos, refeições e salários de instrutores, os custos normais além do tempo dispendido”; • “Eu fiz o curso em 2005 na GNR e o que lá aprendi me serviu de base com conhecimentos e técnicas mas tive que continuar ligado exteriormente a outras entidades se quisesse continuar a desenvolver os meus conhecimentos técnicos e a

	desenvolver a minha proeficiência, é bom esta ligação com as entidades civis mas é preciso saber retirar aquilo que é importante para nós”
E10	<ul style="list-style-type: none"> • “Devido ao número deficitário de elementos, qualquer militar do Módulo desempenha tarefas elementares nas vertentes: de Uso da Força de Detecção de Odores Diversos”; • “As missões estão limitadas diariamente, pelo número deficitário de elementos no Módulo”; • “No meu entender, enquanto cinotécnica e a pensar na manutenção de canídeos com genética adequada ao desempenho das tarefas atribuídas a forma mais controlada e segura é a reprodução, os cachorros acabam por ser criados e trabalhos precocemente dando maiores garantias de sucesso no que toca ao desempenho de tarefas cinotécnicas. A aquisição pode ser uma forma de adquirir bons reprodutores, com boa genética, embora seja um processo que obrigatoriamente exige custos acrescidos”; • “Em termos de custos no que toca ao treino, a formação está mais virada para o condutor, do que para o canídeo, sendo conseqüentemente os custos considerados os previstos para a alimentação, apoio veterinário e aquisição de material individual/coletivo para treino”; • “Na prática os cães têm sido abatidos ao serviço ao fim de 10/11 anos”; • “Os custos inerentes à formação, em ambas as entidades [GNR e FA], foram zero, sendo apenas considerados os associados à alimentação e apoio veterinário”;
E11	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós temos 3 fontes de obtenção de cães, temos a aquisição de cães, a doação, de particulares e a procriação própria. O cão atinge os 8 anos de idade entra para o planeamento para substituição. Anualmente 20% do efetivo entra nessa fase dos 30, 40 cães por ano. A aquisição é honorosa, pois em Portugal não há um mercado que satisfaça as necessidades técnicas do tipo de cães que é preciso, no centro da Europa existem empresas que se dedicam, não é a procriar cães é a comprar cães que estão no desporto ou outras áreas e têm essas características técnicas e alguns até têm esses comportamentos já inseridos. Os valores dos cães rondam até 3000€ com iva, cães bastante razoáveis, cães com idades entre os 18 e os 24 meses, com maturidade mas que garantem algum rendimento, cães sem treino isto é feito por concurso público”. • “A doação é a mesma coisa até aos dois anos, nós aceitamos, bem cá e fazem testes, os testes são muito parecidos aos da aquisição. A outra fonte é procriação, temos reprodutores selecionados e tentamos fazer o número de ninhadas máximo possível por ano, ronda as 4, 5 ninhadas sendo que a percentagem de aproveitamento ronda os 60% e é difícil, mais que isso”. • “A nível de manutenção, no que toca a apoio veterinário é garantido por pessoal próprio, 3 médicos veterinários afetos à cinotécnia além de vários enfermeiros veterinários, na Ajuda a Clínica Central Veterinária de Cães e é lá que são feitas as cirurgias de cães que exijam tratamento honoroso mas não urgente, em caso urgentes vão a clínicas perto da zona de ação, e a GNR paga a fatura”; • “A vida útil está estimada até aos 10 anos de idade” • “Todos os custos associados à obtenção de recursos cinotécnicos, treino, manutenção e emprego é a GNR que suporta; cursos é a GNR que suporta os custos contudo quanto ao Exército há uma reciprocidade de modo a alcançar o mínimo de custos possível”; • “No que toca aos recursos humanos, quando implementamos um controlo de qualidade anual, o pessoal primeiro adaptou-se, mas houve caso críticos, em que tínhamos algumas dúvidas e começou a haver algumas razões para justificar o seu afastamento. O que acontece é que há uma exigência de renovar o efetivo, pelo menos nesta fase de adaptação com mais frequência, quando os níveis de qualidade subirem substancialmente, ou seja, quando se afastar aquele pessoal que não terá sido bem selecionado então aí essa reciclagem de pessoal será menos regulares”; • “Os custos são os associados ao ordenado do militar e das ferramentas necessárias ao desenrolar do curso”.
E12	<ul style="list-style-type: none"> • “O processo de aquisição é todo à base de doações ou ninhadas por nós feitas. No caso das doações, aceitamos de qualquer pessoa, contudo depois temos de ver se o cão tem capacidades ou não para o serviço. Contudo, se houver disponibilidade financeira, ir à remonta e gastar 2000 a 3000€ por um cão é sempre melhor pois é quase certo que ele vem já com o instinto trabalhado”;

	<ul style="list-style-type: none"> • “O apoio veterinário, este é garantido pela clínica de canídeos do Exército. Os custos são suportados pela marinha”; • “Alimentação -sendo adquirida a uma loja de animais, a ração em uso foi a recomendada, não há concurso”; • “Quanto a custos, na aquisição por doação (...), só ao deslocamento ao local, no caso da reprodução temos os custos inerentes à mesma. No caso da manutenção, temos os custos da alimentação e da manutenção veterinária. No caso do emprego operacional os custos são os associados ao transporte”; • “(...), mas podemos considerar uma idade aproximada de 10 anos de idade, para fim de serviço”; • “Nunca fizemos projeção de binómios. Contudo a nível de custos humanos. Na alimentação, os custos são iguais ao ter os cães na unidade, o transporte, ia integrado no avião que transporta a força. Além de que, podemos colocar os cães nos alojamentos das outras forças, através de acordos”.
E13	<ul style="list-style-type: none"> • “A distribuição traz vantagens logísticas, quer no treino, quer no emprego operacional; A alimentação fornecida é definida por concurso público anual e depois a própria empresa assegura a sua distribuição mensalmente”; • “A assistência Veterinária é prestada por duas Oficiais Médicas Veterinárias. Cada Secção Cinotécnica têm o Auxiliar de Clínica Veterinária e dispõem de enfermarias. Existem também acordos com Clínicas Veterinárias de proximidade para situações de emergência. Tem ainda protocolos com o Hospital da FMV Lisboa e HVP com a finalidade de se realizarem exames complementares de diagnóstico e cirurgias” • “A geração de meios para a sustentação da capacidade de cães de guarda é realizada através aquisições anuais (neste momento de 12 canídeos por ano), em Espanha”; • “A aquisição e seleção de cães para a deteção é realizada por uma comissão de aquisição, (...)”; • “O tempo de vida útil, tanto para equipas cinotécnicas de deteção como para binómios de guarda, é de cerca de 7 anos”
E14	<ul style="list-style-type: none"> • “O principal inconveniente é o suporte logístico requerem veterinários, alimentação especial, alojamento próprio”;
E15	<ul style="list-style-type: none"> • “Outro dos problemas pois todos os trabalhos de relação custo-benefício deitam completamente a baixo os sistemas de procriação interna, e têm lógica pois se nós temos uma cadela, e uma ninhada, de oito, só quando eles tiverem 1 ano, 1 ano e pouco é que vamos saber o que eles vão dar na realidade e se se aproveitarem 4 já é muito bom, ou seja, até lá estamos a deitar dinheiro fora”; • “(...),os químicos tem que dizer quais são os componentes mais comuns depois a cinotécnica vai identificar a família odorífera de cada um destes e vai treinar o cão naquela família odorífera”; • “Temos de nos habituar a avaliar os nossos cães, dar-lhes um valor, porque é a única maneira que a gestão de custo-benefício pode ser feita eficazmente”; • “A formação do cão implica cenários”; • “Em termos de projeção tem que ser as unidades logísticas a pensar nisso, vamos ver assim, desde que as unidades começaram a ter senhoras às unidades logísticas têm que fornecer coisas que antigamente não eram fornecidas, por tanto é exatamente a mesma coisa, no sentido de que é uma nova coisa que acrescente”; • “Têm que ser forçosamente um requisito o curso de treinador/tratador ter a parte de apoio sanitário; os elementos com formação em socorrismo devem ter formação também em socorrismo para cães pois podem num teatro qualquer cruzar-se com o cão que está a trabalhar ali ao lado. Para o caso de que não há assistência veterinária disponível em todo o lado, é impossível, existe mais pessoal com formação médica, e esse pessoal já tem sensibilidade e bases para fazer a intervenção veterinária. Todas as unidades tem o seu socorrista, o seu elemento com formação mais médica, essa pessoa deve ter um módulo de assistência aos cães.”
E16	<ul style="list-style-type: none"> • “Seria necessário montar toda uma rede de suporte logístico para o mesmo”; • “Tinhamos que ter atenção ao tipo de cão que iríamos utilizar”;

Fonte: Entrevistas realizadas aos elementos referidos na Amostragem

Apêndice L - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD nº3

Entrevistados	Argumentação
E1	<ul style="list-style-type: none"> • “Missões de busca e deteção de estupefacientes e busca e deteção de explosivos; binómios de uso da força”; • “Mais do que acrescentar valências, devem-se maximizar estas 3 valências, melhorando a instrução, a formação do cão, a formação do homem e a formação do binómio”; • “O número que existe em quadro orgânico é o considerado normal. Temos é que ter em conta a especialização”; • “O caso da deteção, os treinos serão os julgados necessários pela cinotécnica de modo a se manterem aptos operacionalmente. No controlo de tumultos sempre que há treinos, mesmo que não empregues tendo em vista a sua familiarização com a força e mesmo o contrário”; • “Pelas ligações com outras entidades, de modo a potenciar o treino e a troca de experiências, de modo a mais rapidamente se atingir os objetivos estipulados para a mesma.” • “(...) comandante do módulo cinotécnico, não possuiu cão mas sim apenas desempenhar a sua função de comandante de módulo para facilitar o emprego tático.”
E2	<ul style="list-style-type: none"> • “Operações de buscas isoladas, no despiste de droga e explosivos, missões de segurança a uma área sensível, a uma zona da retaguarda, a um aquartelamento, a um quartel-general, integrados na segurança; (...) CRC, os cães fazem parte do cordão”; • “Não se devem pensar em mais nenhuma, devem-se desenvolver estas; (...), muito em função do empenhamento operacional que eu tenho para os cães e que lhe dou, porque não me adianta estar a crescer se não tiver um empenhamento operacional para eles, convém que a empregue, de modo a poder justificá-la”; • “Na deteção de droga devíamos, em número, estar um bocadinho acima, não muitos mas mais alguns cães, até para poupar os que temos”; • “O treino que deve ocorrer deve ser aquele que o comandante entenda que garante a proficiência da força dependendo do seu empenhamento operacional. Não deve ocorrer só porque apareceu uma missão, a força têm que estar pronta a projectar, isto é, quando surge uma missão eu só faço treino orientado para as especificidades do teatro, do terreno, da missão e nunca o treino operacional, pois este deve ser constante”; • “A cinotécnica cresceu muito ultimamente em termos de qualidade estamos a andar muito depressa e estamos ali no taco-a-taco e agora é melhorar, a cinotécnica está a precisar mesmo de ir para o exterior”; • “Devemos sempre tentar melhorar, eu queria que eles fossem projetados para fora de fronteiras”.
E3	<ul style="list-style-type: none"> • “Missões de Segurança, na busca e deteção.” • “Busca de estupefacientes”.
E4	<ul style="list-style-type: none"> • “(...),consequimos explorar os binómios no cumprimentos dessas mesmas missões, seja missões de segurança para eventos, cerimónias. Estamos a falar de controlo de tumultos, segurança de área, instalações, rastreios em preparação de determinadas cerimónias”; • “As tarefas que mais empenhamento têm dado é no âmbito dos rastreios cinotécnicos às unidades do Exército ”; • “Atualmente, o que estamos mais concentrados é consolidar o que temos em mãos, mas estamos sempre abertos a novas hipóteses. Não está excluída a hipótese de no futuro equacionar a capacidade de busca e salvamento, não tanto para o território

	nacional mas sim se formos projetados para um teatro de operações onde seja preciso essa capacidade faria algum sentido dispormos dessa capacidade”;
E5	<ul style="list-style-type: none"> • “(…), cães providenciam a segurança às instalações; no âmbito do patrulhamento; em termos operacionais? Com o destacamento de apoio aeroterrestre, a equipa cinotécnica que acompanha, vai garantir a segurança próxima à instalação; proteção da força”; • “O emprego de cães através de binómios em reforço aos BIPARA; a sua utilização com os destacamentos de precursores se, uma das missões, por exemplo, for a captura de HVT ou, se uma das missões for fazer pistagem”; • “Posso ter algum interesse, para reforçar entidades de proteção civil em busca e deteção de humanos em caso de catástrofe mas, o principal interesse com os cães e onde eu os vejo é nomeadamente em três ações táticas, cerco e busca com detenção de HVT, em pistagem, busca e salvamento mas no âmbito da procura de pilotos mas também no caso de uma unidade que teve que se partir ou houve um elemento que não chegou” • “é altamente aplicável em termos contra-guerrilha, contra-insurreição, mas também em termos convencionais”; • “Em ações prolongadas o cão poderá ser limitativo, o cão deverá ser utilizado melhor em ações táticas curtas, bem definidas, com objetivo definido – entrada, ação, exfiltração”; • “Segurança física de instalações”; • “Eu vejo a necessidade de mais homens na cinotécnia e explico porque: Neste momento tenho duas equipas operacionais que são responsáveis por fazer tudo além de que é necessária manter uma rotatividade, há cadelas que ficam prenhas. O ideal são as 4 equipas, a que está atribuída ao BOAT está ligada também à formação desvio de recursos em termos de graduados e já só tenho 2, o que são curtos para cumprir com está panóplia de missões. Assim as 4 equipas seriam cada uma comandada por um sargento e a secCãesGuerra seria elevada a pelotão”;
E6	<ul style="list-style-type: none"> • “Integrarem as seções e conduzirem patrulhas; a fazer segurança de ponto sensível”; • “O treino deve ser permanente, se a ideia for usar em ambiente operacional, ou em operações os binómios cinotécnicos esses binómios devem fazer treino operacional com a força, com a unidade, para ter os homens e os cães integrados. As unidades devem ser construídas de início e não pegar nos binómios que nunca trabalharam com os BIPARA’s, que não estão integrados na unidade e integra-los apenas para a missão. As unidades constituídas são fundamentais para a coesão e espírito de corpo”; • “A instituição tem que saber o que fazer com os cães, tem que estabelecer regras claras daquilo que pretende, definir claramente o que os cães tem que fazer”.
E7	<ul style="list-style-type: none"> • “Os cães, desde que treinados e devidamente treinados, em qualquer uma das tipologias da infantaria, na parte do salto, parte da reorganização e todas as outras missões que possam ser atribuídas a um batalhão, não há nenhuma que eu possa dizer que eles estão excluídos”; • “Tudo que tenha a ver com combate e proteção da força que nós possamos desempenhar eles têm que estar capazes de acompanhar a força”; • “Naquilo que são tipicamente missões de combate, ofensivas e defensivas os cães poderá inserir-se no âmbito da defesa de pontos sensíveis, de postos de comando, patrulhamentos e outras situações da parte da ofensiva”; • “Uma das coisas que é importante é o treino operacional prévio, porque sem isto não se pode fazer as coisas”; • “O sargento que vêm com a força que vai dizer quantos cães precisa para um determinada ação”; • “As equipas cinotécnicas devem estar capacitadas de saber qual a sua valência”; • “O problema da cinotécnia, como capacidade militar, têm exatamente a ver com o direcionar para as missões específicas e ser uma mais-valia. Pode ser usado em tempo de paz, em tudo que é segurança não deve entrar pelo caminho da concorrência com forças de segurança. Se realmente querem testar e aumentar essa capacidade ela deve estar integrada nos regimentos e uma das coisas que podem fazer desde início é testar a capacidade nos regimentos para aquilo que é a segurança da própria unidade. E

	<p>depois, se estiverem nas unidades com encargo operacional, será fácil pegar nesses cães integra-los no treino operacional”;</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Se a mesma não é testada onde deve ser testada não vamos nunca saber se essa capacidade pode ser ou não, ou se alguma vez foi potenciadora de um maior grau de segurança, diminuição de risco associado a cada missão e se potenciou ou não qualquer capacidade de execução de uma determinada missão”;
E8	<ul style="list-style-type: none"> • “Capacidades de deteção e busca; imposição da ordem pública releva-se o incremento da capacidade não letal/letal para a detenção de pessoas desestabilizadoras”; • “Não existe um programa de treino específico que integre esta capacidade. Deveria existir a aplicação do conceito de unidade dedicada, para que fosse mais fácil e rápido a ativação da capacidade para efeitos de treino operacional.”
E9	<ul style="list-style-type: none"> • “Temos o tal cão de sentinela, o cão de emprego operacional. Os que fazem serviço de sentinela só fazem este tipo de serviço, que é garantir a segurança de áreas reservadas. Segurança a infra-estruturas e patrulha”; • “No caso da patrulha o cão é designado de explorador”; • “Com vista ao emprego nos BIPARA, estamos aptos a executar guarda e segurança em acampamentos táticos e pontos sensíveis; detetar emboscadas ou patrulhas de reconhecimento, deteção de atiradores isolados afastados e próximos, deteção de esconderijos e tropas infiltradas nas nossas costas, deteção de esconderijos de armas e alimentos do inimigo; deteção de minas e armadilhas; isolar e detetar operações de busca ou de batida; isolar perímetros; efetuar postos de escuta, para dar o alarme de aproximação do inimigo; garantir segurança à força que monta o apoio numa montagem de cabeça-de-ponte aérea”; • “Os meios que a proteção civil dispõe em termos cinotécnicos poderão não ser suficientes. O Exército poderia ter também uma equipa destinada a este tipo de missões [Busca e Salvamento] para poder projetá-la, para poder dar um apoio às forças de segurança, porque o tempo de trabalho de um cão, com intensidade, pode ir até trinta minutos e depois tem que ser retirado, por tanto, tem que haver um ciclo para se poder assegurar a continuidade da missão. Uma outra razão nós temos a capacidade de sermos infiltrados através de paraquedas, em termos de rapidez de projeção será vantajoso. Tendo cães de busca e salvamento podemos treinar para finalidade mais militares; Um cão marca uma presença humana, vamos supor numa área edificada, nós suspeitamos que há alguém naquela área edificada que não se sabe onde está, pomos o cão à procura de um odor específico. No exemplo do piloto que tem que ser recuperado é feito man-trailing em que ao cão é-lhe dado um odor e ele vai procurar aquele rasto que fica. O cão poderia ter que encontrar no ar um determinado quadrante, numa área a bater e logo que apanha-se o odor marcasse e seguisse” • “Treino conjunto, é agradável para podermos trocar conhecimentos, se bem que no nosso trabalho a nível militar nos temos que ser reservados a determinados exercícios”; • “Por isso na prática não fazemos nenhum check-list, mas estamos a trabalhar nesse sentido de fazermos avaliações de certificação periódica”; • “Nós podemos complementar tarefas aos cães, dar-lhe tarefas que se possam comprometer é que não, como é o caso dos explosivos e estupefacientes pois em cada um os instintos são diferentes agora se queremos cães de topo na parte da deteção não podemos estar a misturar as duas”; • “Penso que seria bom para os militares que viessem para a área cinotécnica efetuar testes psicotécnicos para o efeito” • “Eu considero que seria pertinente estender o tempo de serviço militar para explorar o melhor que os homens têm para dar em termos técnicos”; • “Os comandos, como tropa de assalto, de choque, essencialmente precisava de cães de assalto, cães de deteção de explosivos, de cães exploradores, cão de dupla valência de deteção de explosivos e explorador”; • “Operações Especiais já precisamos de cães mais táticos, silenciosos”; • “A tropa deve começar a estabelecer contacto com os binómios cinotécnicos porque a tropa ainda não tem noção das capacidades”; • “Eu penso que o exército poderia explorar um centro de formação cinotécnico, onde explorava, sim, binómios de base até binómios especializados. Neste centro

	<p>cinotécnico ficaria encarregue da formação, podia dar apoio à componente operacional, mas tem que ter experiência para dar esse tipo de apoio. Se o cão estiver inserido nas tropas Comandos é importante que o condutor seja Comando para estar por dentro de toda a dinâmica dos Comandos e têm a formação cinotécnica o que faz com que possa logo dizer como o cão pode ser aplicado ou não, de modo a se explorar o cão com algum proveito, pois só a base das demonstrações não é vantajoso”.</p>
E10	<ul style="list-style-type: none"> • “Uso da Força (Guarda), visando o cumprimento de missões de segurança, proteção e manutenção da ordem pública (em demonstração de força/ dissuasão psicológica, recolha de Informação e Reconhecimento (IR), operações de Proteção da Força e Controlo de Acessos – checkpoints); Detecção de Odores Diversos, na Busca e Detecção de Explosivos (mais concretamente em prol da Prevenção e Combate à Ameaça IED) e de Estupefacientes (no âmbito do Programa de Prevenção e Combate ao Consumo de Álcool e Drogas nas FA); Cão de Dupla Valência de deteção de Explosivos e Guarda”; • “Na minha opinião deveríamos possuir Binómios de Detecção de Odor Humano, os quais poderão ser utilizados de duas formas e com fins distintos: na vertente da busca e salvamento e na vertente da deteção e imobilização de transgressores” • “é necessária uma formação contínua dos Cinotécnicos, a qual passa sobretudo pelas ligações e coordenações que forem possíveis ser efetivadas com outras entidades militares e civis, para que se possa evoluir”; • “No meu entender, devem existir psicotécnicos, uma entrevista modelo e um Período de Adaptação de forma a selecionar os militares com o perfil mais adequado”; • “O fato de ser uma área muito técnica, exige muita prática e tempo, para ser considerado especialista. No caso dos graduados, no meu entender, deveria haver uma aposta de Especialização nesta área, permitindo rentabilizar ao máximo os conhecimentos e garantindo uma maior proficiência e prontidão dos canídeos. No caso dos Praças, não seria descabido haver um Quadro Permanente pelos mesmos motivos. Não só falando, propriamente na rotatividade dos militares, mas considerando mais um tempo de formação mínima do binómio é mais uma série de tempo durante o qual o cão não terá emprego operacional”.
E11	<ul style="list-style-type: none"> • “Uso da força; deteção de droga; deteção de explosivos; busca e salvamento; intervenção tática, deteção de cadáveres, deteção de vestígios biológicos, deteção de venenos”; • “Os cães tem muitas potencialidades, mesmo no uso da força, uso gradativo da força”; • “Na deteção de odores o princípio é o do binómio de deteção – binómio de confirmação. Na busca e socorro isto não é exequível”; • “É importante ver que colocar cães em determinados pontos do território só justifica se o número de ações assim o comprovar”; • “Se é possível adaptar um cão? É, mas em termos de controlo de qualidade as garantias são menores; isto é, um cão que tenha começado nos explosivos e quiser-mos passá-lo para a droga não conseguimos garantir que o cão vai a 100% deixar de responder perante aquele odor; Um cão de uso da força, passá-lo para a deteção, pode acontecer”
E12	<ul style="list-style-type: none"> • “Busca de explosivos; Busca de estupefacientes”; • “Além das buscas aos navios como emprego operacional, fazemos parte do programa de controlo de droga da marinha”; • “Seria uma mais-valia, na parte do uso da força e deteção de explosivos, mas não o temos”; • “Mesmo que eu já tenha visto a adaptarem um cão para uma tarefa diferente eu não aconselho, pois pode gerar confusão a nível cognitivo, depois temos um cão que ao trabalhar tanto nos pode marcar explosivos como droga”; • “No que toca ao emprego junto dos batalhões de fuzileiros, era aceitável um cão de uso da força por pelotão, contudo o ideal seria um cão por seção, combinando o cão de uso da força com deteção de explosivos, o que permitia o emprego em situação de CAE, seria uma mais-valia também na proteção de unidades”; • “Na seção neste momento temos os dois cabos mais antigos com 20 anos de experiência, temos as praças nos quadros, temos cabos com 6 anos e depois o pessoal mais moderno tem 2 anos da cinotécnia. Isto é uma mais-valia, pois é preferível

	<p>pessoal com experiência do que sem além de que, o trabalho com cães exige tempo para se obter experiência e saber o que fazer”.</p>
E13	<ul style="list-style-type: none"> • “Guarda (em acompanhamento, que visa o controlo de grandes áreas e pontos sensíveis trabalhando o cão em liberdade, segundo os comandos e à frente do seu condutor); Detecção de Droga; Detecção de Explosivos”; • “O emprego operacional destes binómios está também enquadrado de forma que os processos de atuação são semelhantes”; • “Realização das certificações (avaliações realizadas aos binómios da guarda de 18 em 18 meses, e anualmente nas equipas da deteção), que re-qualificam ou não as equipas cinotécnicas para poderem exercer a sua missão”; • “Nas equipas de deteção existem um binómio de deteção e outro binómio de confirmação”; • “As Equipas Cinotécnicas de Detecção de Explosivos são ainda utilizadas nas seguintes situações: ameaça de bomba; inspeção de correio; buscas e revistas em Postos de Controlo; buscas e revistas em edifícios e áreas abertas; revistas e buscas em aeronaves e bagagens; ações de proteção de altas entidades. • “As Equipas Cinotécnicas de Detecção de Estupefacientes são utilizadas nas seguintes situações: buscas e revistas em terminais com carga e bagagem; buscas e revistas em edifício, buscas e revistas a viaturas militares/civis (em Check points); buscas e revistas a aeronaves militares/civis”; • “Na FAP, cada canídeo tem uma única função/tarefa, de forma a realizá-la eficazmente, não havendo qualquer tipo de adaptação à realização de diferentes tarefas”; • “A tendência futura provavelmente será que as equipas cinotécnicas passem a realizar o serviço integradas em equipas de intervenção rápida. Esta missão de segurança dita uma provável redução de efetivos, de custos, no entanto necessita de um acréscimo de conhecimento/especialização no modo de atuação (sendo para isso importante fomentar a formação e a troca de conhecimentos e experiências entre cinotecnia dos diversos ramos das FA e Forças e Serviços de Segurança). Para esta provável modificação, é importante a cinotecnia olhar para as necessidades do ramo, saber o que está definido tendo em conta também as missões internacionais, e produzir doutrina, ratificar STANAG’s de forma às equipas cinotécnicas poderem trabalhar, dar o seu contributo para serem uma capacidade relevante nos TO”;
E14	<ul style="list-style-type: none"> • “No âmbito da deteção (...)”; • “O cão tem mais aplicabilidade no caso do C-IED do que na equipa EOD”; • “Na parte da deteção dos componentes ou explosivos na sua totalidade”; • “A deteção de substâncias explosivas, numa vertente C-IED, numa vertente de prevenção da ameaça ser capaz de detetar os precursores de substâncias explosivas”; • “A situação ideal, passa por uma força tarefa em que não só a força tarefa há-de ter elementos de manobra, há-de ter os respetivos apoios sanitários e há-de ter na sua constituição equipas EOD e equipas cinotécnicas mais do que termos uma força que solicita o apoio de uma outra”; • “Eu acho que atualmente os recursos cinotécnicos ainda não estão integrados como encargo operacional na sua plenitude, tem dado passos largos para se tornar um encargo operacional e eu penso que, no caso das equipas cinotécnicas deve ser o mesmo, é mobilizar-se para integrar regularmente o treino operacional sectorial dos batalhões, o treino operacional das brigadas, do Exército, por tanto é por essa via que deve evoluir”; • “Na situação atual não serve o Exército, tem potencial para vir a servir se continuar a trabalhar tal como está agora. A cinotecnia deve ganhar visibilidade mostrando as capacidades, há uma forte campanha de sensibilização que tem que acontecer aos mais diversos escalões, para os comandantes saberem e quererem e perceberem como a usam”; • “Um dos aspetos que é muito importante nestas áreas é que temos de nos virar para fora, temos de nos por ao serviço das unidades, tudo o nós fazemos temos que saber como é útil à força de manobra e não pensar virados para dentro, aquilo que nós temos e o que queremos fazer e isso é o desenvolver de uma área que só funciona em prol de uma força de manobra”

E15	<ul style="list-style-type: none"> • “As próprias instituições queiram mudar a legislação para encaixar os cães quando deveria ser ao contrário, os cães deviam ser formados para cumprir a legislação”; • “Outro ponto que nós temos a mudar é que nós somos muito estanques na noção de binómio certo que precisamos de um “intérprete” mas hoje em dia o cão têm que saber lidar com a unidade e não com aquela pessoa só”; • “Outro dos pontos é que os cinotécnicos são uns grandes entusiastas pelos cães até um certo grau hierarquico, e, a partir daí, não há ninguém que pense nos cães, para mim um curso de Oficial Superior devia ter formação em cinotécnia a formação tática e estratégica”; • “Como o cão se deve comportar, essa é outra das coisas que têm que estar bem definido”; • “Nesta coisinha de “é confidencial”, não faz sentido, se querem que seja “confidencial” que seja a um grupo mais aberto”; • “As unidades têm que ter formação com os cães, o que faz com que seja mais fácil o trabalho, pois qualquer outra pessoa já viu o cão trabalhar”; • “(...),eu tenho uma unidade de intervenção tática e vou inserir um elemento exterior à unidade e isso é o pior erro que pode haver, o cinotécnico, geralmente têm que ter a especialidade dos outros”; • “Deteção de drogas, deteção de DVD’s e contrafação, checkpoints, guarda de perímetros, deteção de explosivos”; • “Há situações em que eu acho que temos de ter cão de dupla valência numa unidade de operações especiais eu quero um cão que use a força, mas, ao mesmo tempo se ele conseguir encontrar armadilhas, explosivos”; • “Para mim, não faz muito sentido nós termos os mesmos cães a fazer ordem pública e intervenção tática, um cão patrulha não devia ser também um cão de ordem pública”; • “Se pensarmos num cão patrulha e checkpoints, pode ser um cão de uso da força e um cão de deteção”; • “Eu se quiser que o meu cão detete armas químicas tenho que saber se é para atuar antes das armas químicas ou elas já estão ativadas e, se é antes, eu só tenho que por o cão a detetar os componentes que criam as armas, Se é depois têm de haver, um desenvolvimento de equipamentos, que já existem, de respiração para os cães e temos de ver como esses equipamentos afetam o odor do cão ou não”; • “Cada vez mais as Forças Armadas trabalham numa vertente de proteção civil, e é natural que as forças armadas necessitem dessa vertente nos seus próprios cães”; • “(...), busca de área”; • “Guarda a um acampamento de mochilas” • “Apesar de eu saber que é muito difícil acontecer, eu acho que cada um devia ter a sua especialidade e fornecia para a outra. Custa-me porque é que as Operações Especiais (OE) em Lamego não trabalham com cães”; • “O programa do cão para isto e o programa do homem que vai acompanhar o cão têm que ser criado com base no que for preciso para a unidade apoiada, Os cães tem que ser treinados para funções concretas e maximizar o seu efeito”;
E16	<ul style="list-style-type: none"> • “Deteção de ameaça mas em poucas das missões/tarefas que cumprimos eles podem ser inseridos, poderiam ser inseridos no caso da ação direta e possivelmente indireta além da proteção a altas entidades contudo só com um possível estudo piloto é que eu conseguiria saber isso”; • “Podíamos aproveitá-los também para detetar explosivos ou armadilhas mas mais para segurança de unidade e detetar forças opositoras também”; • “Tinhamos que ter atenção ao tipo de cão que iríamos utilizar e adquirir além de que o elemento que usa o cão tinha que ser um elemento com o curso de operações especiais”

Fonte: Entrevistas realizadas aos elementos referidos na Amostragem

Apêndice M - Quadro Resumo das Entrevistas que Concorrem Para a Resposta à QD nº4

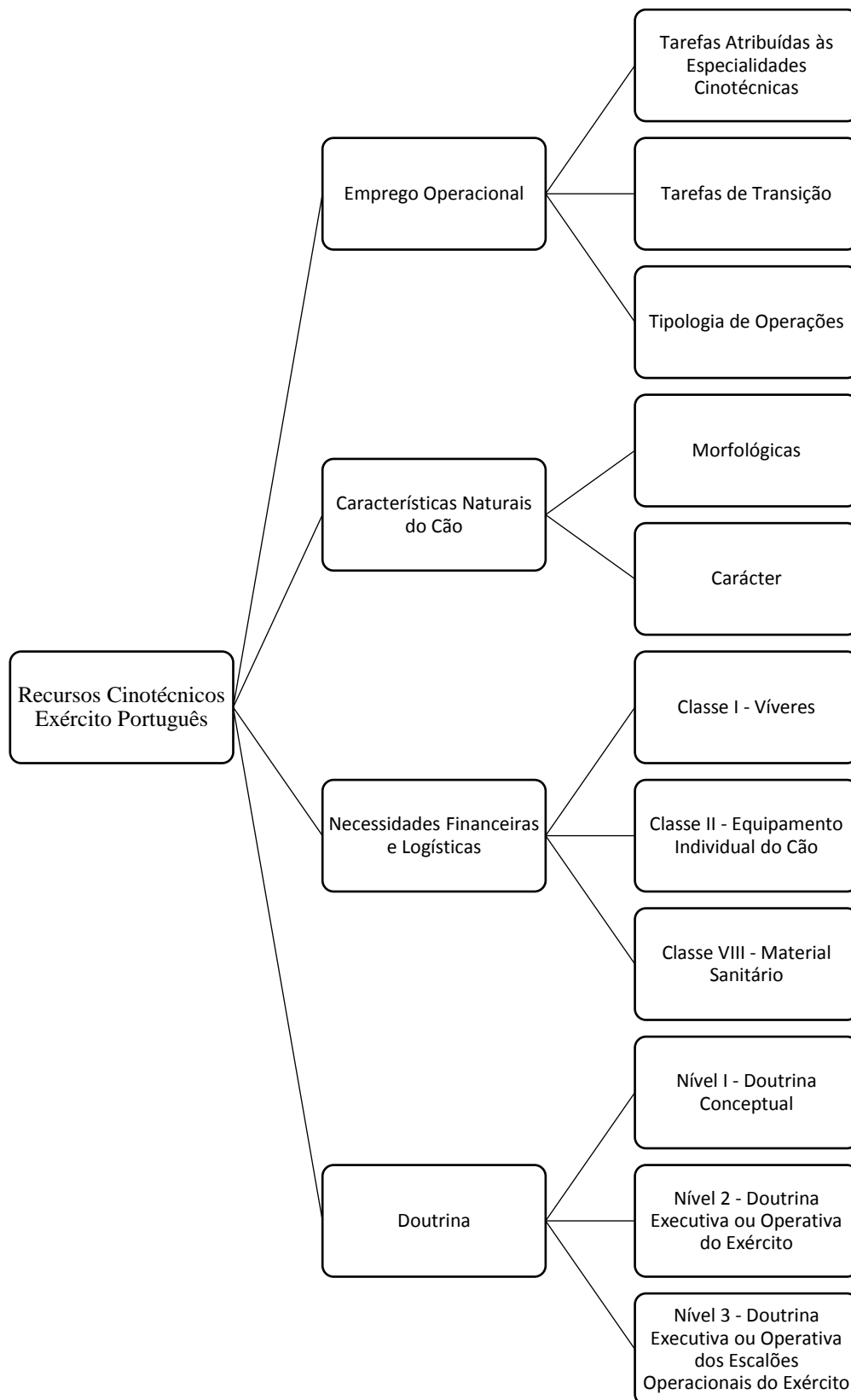
Entrevistados	Argumentação
E1	<ul style="list-style-type: none"> • “A doutrina é fundamental, desde a criação de referenciais de curso até à forma de emprego dos binómios (...), evita que cada homem trabalhe à sua maneira, criando unidade de comando”; • “Deve ser estabelecido um documento onde expresse as regras que definem e caracterizam os binómios, em cada função e o seu treino/emprego”.
E2	<ul style="list-style-type: none"> • “A doutrina é essencial (...), nós partimos do simples para o complexo e nós primeiro andamos a ver doutrina interna, mas neste momento já estamos com os olhos é na doutrina NATO”; • “Em termos de doutrina é seguir a doutrina NATO para o emprego dos meios cinotécnicos, tal como a doutrina PE”
E3	<ul style="list-style-type: none"> • “A que não está escrita e aprovada pelo Exército é porque queremos manter os procedimentos dentro da subunidade”
E4	<ul style="list-style-type: none"> • “A doutrina é fundamental porque a doutrina orienta, dá orientações, dá linhas de ação e nesse sentido eu julgo que a doutrina é fundamental, já existe uma publicação doutrinária, mas se calhar devíamos ponderar publicações que abordassem a complexidade e a multiplicidade de áreas de atuação dos binómios, algo que fosse explicar, em cada área o que se pode efetivamente fazer com a cinotécnica”; • “Devemos, (...), secalhar descer um bocadinho o nível tático para detalhar mais, (...), ir bebendo um bocadinho da doutrina de outros exército e de outras organizações que a queiram partilhar mas também reportar um pouco à nossa experiência, (...) e tentar verter isso e termos de doutrina”.
E5	<ul style="list-style-type: none"> • “Em termos de doutrina esta deve fornecer informação, à força em prol da qual a cinotécnica vai operar, de como utilizar os cães, pois, (...), a missão não pode ser alterada pela existência do cão mas sim este deve se adaptar à missão”.
E6	<ul style="list-style-type: none"> • “A doutrina é sempre importante, embora tenhamos que ter flexibilidade”; • “Temos de ter doutrina para ter uma linha orientadora para saber como pensar a cinotécnica e a cinotécnica deve ter uma linha orientadora para depois ser aplicada consoante a situação que apanhamos”;
E7	<ul style="list-style-type: none"> • “As equipas cinotécnicas devem estar capacitadas de saber qual a sua valência, não compete ao comandante de batalhão dizer que quer mais um binómio ou menos um binómio. A tipologia de missões de um BIPARA está estabelecida e, a partir daí o comandante dessa capacidade é que têm que identificar, treinar e integrar nos cães na capacidade operacional desse batalhão e depois têm que perceber se consegue fazer defesa de um ponto sensível, se se consegue integrar com a restante força que faz a defesa do ponto sensível, qual a capacidade de trabalho dos cães, quantas horas os cães podem atuar em esforço, qual a capacidade e o ritmo de trabalho, se vão auxiliar se não vão auxiliar, devem chegar depois ou ir com a força” • “Julgo que quando se começam a fazer PDE’s específicos de atuação de cães eles são referências, (...), para quem trata desta capacidade do que propriamente para os comandantes de batalhão que têm as suas missões esclarecidas e definidas”; • “Qualquer comandante de batalhão que recebe uma força em apoio, (...) deve saber como esta força opera, por isso vêm os respetivos comandantes dessas forças para aconselhar como os empregar. A PDE apenas vai trazer ao comandante de batalhão o conhecimento que existe uma forma de enquadrar o emprego desta capacidade”.
E8	<ul style="list-style-type: none"> • “Mais do que doutrina, é importantes a definição e revisão das TTP das unidades em função desta capacidade em reforço da unidade”; • “(...), deve existir um desenvolvido e experimentado quadro de TTP que orientem o seu emprego no seio da unidade tática”.

E9	<ul style="list-style-type: none"> • “Considero que é importante elaborar elementos de doutrina, fazer estudos do seu emprego, contudo na prática não temos efetivo que nos permita passar por estas fases é como que lições aprendidas, vamos pela experiência elaborando” • “Tem como vantagens que se torna mais esclarecedor para quem quer empregar os meios cinotécnicos nas suas missões. Tem limitações no âmbito do cumprimento de todas as tarefas apresentadas. O ideal seria nos basear nas tarefas apresentadas. O comandante dizer que quer um cão com determinadas capacidades nos apresentamos as capacidades que temos disponíveis e, se assim entendido, manda-mos” • “Capacidades, limitações e os procedimentos de segurança, (...), porque o cão não esta habituado àquela tropa e a tropa não está habituada ao cão e é importante fazer publicações que regulem isto” • “No âmbito do treino que, essas sim, devem ser classificadas e não devem sair la para fora”; • “Por isso na prática não fazemos nenhum check-list, mas estamos a trabalhar nesse sentido de fazermos avaliações de certificação periódica
E10	<ul style="list-style-type: none"> • “Não há nada escrito, que oficialize uma avaliação/certificação de binómios. Se deveria existir? Com certeza que sim, o que garante que o binómio está apto ao desempenho de missões? Nesta área deve haver um júri que avalie imparcialmente a prontidão do binómio”.
E11	<ul style="list-style-type: none"> • “O pessoal que está espalhado pelo terreno dão alguns contributos nomeadamente através da atividade deles, temos relatórios mensais, onde vamos vendo o que está a acontecer, e é daí que tiramos informação. Nós temos o manual doutrinário, temos o manual de procedimentos e daí deriva a parte do emprego, temos de ver a parte do escalonamento da força do uso do cão” • “Cães vão passar a desempenhar um determinado tipo de missão, nós temos de ajustar procedimentos, formação e doutrina, mas este procedimento alimenta-se e eu vejo vantagens neste processo pois é dinâmico e tende a melhorar a cinotécnia” • “O documento com as capacidades, como deve ser o treino, o que o comandante têm que exigir à força, como é que deve fazer com que aquela força seja gerida, as capacidades e o que é que aquela força pode fazer existe, mas têm que ser ajustado à realidade”
E12	<ul style="list-style-type: none"> • “Para mim vejo como uma vantagem, juntar as forças todas e combinar uma doutrina geral, seria importante criar manuais que mostrassem, desde o comandante do batalhão ao comandante de seção como atuar com os cães”.
E13	<ul style="list-style-type: none"> • “É importante haver doutrina aos diversos níveis, com acesso restrito. A produção de doutrina é vantajoso porque define de forma clara e objetiva o enquadramento, a organização, a estrutura, as responsabilidades, as competências, as missões, o funcionamento, o modo de atuação dos diversos intervenientes nas diversas situações. A produção doutrina é um aspeto vantajoso porque sustenta, baliza a atuação dos diversos intervenientes, neste caso na área cinotécnica.”
E14	<ul style="list-style-type: none"> • “A doutrina pode ser uma ferramenta útil através da criação de uma publicação ou da incorporação de vários pequenos elementos em várias publicações, identificando, exatamente, o que é que a componente cinotécnica dá em cada área, do ponto de vista de dar a conhecer a um comandante o que pode fazer com aquela equipa. Essa publicação doutrinária (...) seja orientada para qualquer comandante, para perceber, através daquela publicação que têm ali uma ferramenta que me serve para resolver estes problemas. Não deve ser como que uma NEP, mas sim um guião, um regulamento, digamos, como aplicar, para me servir dos seus propósitos que explique ao comandante como tirar partido de uma equipa para resolver os problemas da sua força. Do ponto de vista interno de atuação das equipas é uma capacidade muito específica e eu não sei se requiere um enquadramento doutrinário muito detalhado, poderá precisar a nível da qualificação, ou dos requisitos para qualificação ou treino”
E15	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu vejo só vantagens, ficasse a saber o que se pretende do cão, ficasse a saber o que se pode fazer com o cão. A doutrina é aquilo que vai dar segurança ao elemento que está com o cão”; • “Os comandantes não precisam de saber que o cão é bom a encontrar uma pessoa, precisam de saber o que ele consegue fazer e é nesse nível que não temos nada feito”;

	<ul style="list-style-type: none">• “Outra coisa, nós não temos uma doutrina de escalonamento de uso da força do cão, mas do cão mesmo”;• “No apoio higieno-sanitário, veterinário qual é o plano de preparação física para os cães em uso nas diferentes unidades?! Não existe”.
E16	<ul style="list-style-type: none">• “Julgo que a doutrina é importante, mas temos de ter em atenção que no caso da FOEsp, não estamos a falar de uma força de emprego convencional e teria que ser feito algo adequado ao nosso tipo de ação. Julgo que será pertinente inserir sim, aquilo que os cães podem ajudar cada tipo de forças na PDE dessa força e não o contrário”.

Fonte: Entrevistas realizadas aos elementos referidos na Amostragem

Apêndice N - Modelo de Análise



Fonte: Elaboração própria